Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Quinta-feira, 15 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.523 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Público


LUÍS FORRA/LUSA

Festa do Pontal
Montenegro anuncia mais cursos de Medicina, passe ferroviário e um extra para pensionistas

Destaque, 2/3

Autarcas do PSD preocupados com crise "inaceitável" nas urgências

No Centro do país, uma das regiões mais afectada pelos encerramentos, autarcas, deputados e dirigentes distritais do PSD dizem que a situação é igual ou pior à que se verificou nos últimos anos Política, 8/9

Função pública
Número de trabalhadores no máximo desde 2011

Economia, 20

Afeganistão
As afegãs vivem "os seus piores pesadelos" sob domínio taliban

Mundo, 14

Patrícia Sampaio
"Gostava que percebessem a mais-valia que somos"



Entrevista de Vida à judoca que conquistou bronze em Paris P2 Verão, 32 a 34

Série Turismo
Lisboa e Algarve em sobrecarga turística ao nível de Barcelona

Economia, 18/19

ISSN-0872-1548

FOTOS: LUÍS FORRA/LUSA



Luís Montenegro lembrou que, com ele, o PSD voltou a ter um primeiro-ministro na Festa do Pontal (oito anos depois de Pedro Passos Coelho)

Pensionistas, saúde e ferrovia: as três prioridades do Pontal

Sociais-democratas deram o pontapé de saída da *rentrée* política a partir da tradicional Festa do Pontal, no "calçadão" da Quarteira. Houve críticas à oposição, mas nem uma palavra sobre o Orçamento do Estado para 2025

Liliana Borges

Oficialmente de férias, Luís Montenegro interrompeu a sua pausa nas funções de primeiro-ministro para marcar presença na tradicional Festa do Pontal, no papel de presidente do PSD. Três anos depois de se ter estreado na *rentrée* política do partido como líder, Montenegro subiu ao palco como chefe do Governo. E com os problemas nas urgências de obstetrícia a serem o *dossier* quente deste Verão, Montenegro viu-se forçado a anunciar soluções.

Das três novidades apresentadas pelo primeiro-ministro, apenas uma é para a saúde (e é mais uma intenção de que um compromisso): apoiar a abertura de mais vagas para medicina nas universidades de Trás-os-Montes e Évora. Há ainda o anúncio da criação de um passe ferroviário verde com custo de 20 euros mensais (com acesso a todos os comboios urbanos, regionais, inter-regionais e intercidades), mas a medida já estava em vigor, embora com o preço de 49 euros

mensais. A grande novidade é mesmo o anúncio de um suplemento extraordinário aos pensionistas com as pensões mais baixas no próximo mês de Outubro. Sobre o Orçamento do Estado não se ouviu uma única palavra.

A expectativa em relação à intervenção do primeiro-ministro era alta, até porque o anúncio de que existiriam novidades foi feito horas antes, mas a espera foi acompanhada de *suspense*. O discurso de Luís Montenegro começou uma hora mais tarde do que o previsto e teve ainda um contratempo técnico: quando se preparava para falar, o primeiro-ministro ficou sem microfone. Durante seis minutos, Montenegro procurou contrariar o desconforto e assim que retomou a palavra capitalizou o momento: "Nos dias mais difíceis e nas maiores adversidades, nunca perco a serenidade", disse.

Ao longo de meia hora, Luís Montenegro recordou as adversidades, algumas recebidas do anterior executivo, a quem apontou "incompetência política" pela incapacidade de resolver os problemas "fáceis" que este Governo está a priorizar. "Aqueles que nos dizem que só estamos a tratar do que é mais fácil são os que estiveram oito anos para tratar do que é mais fácil", ironizou. "Se fosse fácil, tinha sido feito por eles. Acham que os portugueses são estúpidos?"

Montenegro terminou o discurso com as três cartas que trazia na manga, sendo que foram a saúde e os pensionistas a receber maior atenção. Depois de ter ressalvado que o PSD não estava no Governo "para dar benesses a ninguém" e que não olhava para os "apoios sociais para ter retorno eleitoral", o primeiro-ministro acabou a anunciar que iria "pagar em Outubro um suplemento extraordinário aos pensionistas que têm mais baixas pensões. Esse suplemento será de 200 euros até 509,26". "Daí a 1018,52 suplemento de 150 euros. E a quem tiver entre 1018,52 e 1527,78 será paga verba no valor de 100 euros", explicou Montenegro.

No caso do passe ferroviário verde, o social-democrata disse: "Em Setembro, vamos apresentar um plano de mobilidade verde que vai facilitar a utilização de meios de transporte que não inflijam problemas ambientais, que sejam mais sustentáveis, mas que facilitem a vida dos cidadãos. Uma das traves-mestras é a ferrovia". A medida veio a seguir: criar um passe ferroviário com o custo de 20 euros mensais (que permite o acesso a todos os comboios urbanos, regionais, inter-regionais e intercidades).

No caso das vagas de Medicina, o primeiro-ministro manifestou a intenção de apoiar duas novas universidades. "Vamos fazer tudo para preencher este mapa com Medicina em Trás-os-Montes e Évora. E com isso vamos formar mais médicos, vamos fazer mais escolas de Medicina em hospitais e vamos espalhá-los pelo território."

6

Ao subir ao palco, Luís Montenegro teve de gerir um silêncio de seis minutos porque o microfone falhou. "Nunca perco a serenidade", disse

Hugo Soares deu a dica

A primeira confirmação de que o encontro de sociais-democratas traria novidades foi dada por Hugo Soares, secretário-geral e líder parlamentar do PSD. À chegada da festa, o braço direito de Luís Montenegro fez questão de relembrar que, nos últimos dois anos, foi o PSD a marcar o passo das *rentrées* partidárias, em 2022 com a apresentação de propostas sobre pensões e um plano de emergência social e em 2023 com a proposta de uma descida acentuada e imediata do IRS.

Tal como Hugo Soares, também Paulo Rangel, ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros e primeiro-ministro em funções durante as férias de Luís Montenegro repetiu a mensagem de que os problemas no SNS são "herdados" do executivo anterior, imputando várias responsabilidades aos "oito anos" de António Costa também noutros *dossiers*, como as negociações com os professores e as forças de segurança.

A um mês da reabertura dos trabalhos parlamentares, o presidente da Assembleia da República (AR), José Pedro Aguiar-Branco, que também passou pela Quarteira, insistiu na importância de "consenso" na casa da democracia. E foi mesmo o único a falar do "desafio exigente" do OE. Aguiar-Branco lembrou que "para viabilizar um orçamento não é preciso votar a favor". Insistindo que a sua posição não era de "dar recados nem ensinamentos nem ao primeiro-ministro nem ao líder da oposição", Aguiar-Branco vincou, no entanto, que basta que os 78 deputados da bancada socialista se abstenham para o orçamento ser viabilizado.

"A abstenção é um voto que permite que o Governo governe e a oposição fiscalize", simplificou. Por outras palavras, Aguiar-Branco procurou distinguir politicamente as leituras que serão feitas caso o PS opte por uma abstenção em lugar de um voto a favor. E essa, argumentou o presidente do Parlamento, é a expectativa dos portugueses que "não querem eleições antecipadas". Recusando "dramatismo" na polarização do Parlamento, Aguiar-Branco colocou pressão na bancada socialista, repetindo que confia "no sentido de responsabilidade e de Estado do PS". E isso implica cedências de parte a parte. "Não há consensos se as partes continuarem entrincheiradas na sua posição", avisou.

Rentrée

Na Festa do Pontal, o "verdadeiro artista" foi José Cid

Reportagem

Idálio Revez

O novo modelo de organização deu oportunidade aos "mirones" do Chega de também entrarem na festa

Luís Montenegro apostou, e não falhou, numa *rentrée* de cariz popular – à imagem e semelhança dos tempos dos governos de Sá Carneiro. O PSD, ao fim de quase uma década de afastamento do poder, mostrou a força tranquila de quem acredita que Orçamento do Estado de 2025 vai passar. José Cid, o verdadeiro artista, deu ajudinha a puxar os veraneantes da praia para o calçadão de Quarteira. As concelhias galvanizaram-se para a mobilização popular e mesmo os que não gostam de ouvir a canção *Como o macaco gosta de bananas* foram espreitar o ambiente.

Os operadores de som ainda afinavam as aparelhagens do palco, já o antigo agente imobiliário, Herculano Borges, residente em Quarteira, se passeava pelo recinto da festa. Depois de espreitar as barracas de comes e bebes, o antigo militante do PSD, irónico, disparava: "Pensava que vinha aqui jantar; afinal não há jantar..."

A mensagem tinha que ver com o modelo de organização do evento, que passou a ser um espaço aberto, sem baias, nem controlo de entradas. "Não fico para o comício porque sou militante do Chega desde há três anos, mas fui militante do PSD", declarou ao PÚBLICO. O que o fez mudar de campo, explicou, foi a posição política de Montenegro. "É um socialista como os outros do PS", criticou. E, pior do que isso, prosseguiu, "não quis fazer um Governo de direita." Depois de uma volta pelo recinto, mirou a barraca O Costa – Casa das Bifanas e desapareceu de cena.

Nesta edição do Pontal, José Cid teve direito a *outdoors* com a sua imagem a promover o espectáculo como se fosse um candidato a primeiro-ministro ou a Belém. Pelo contrário, desta vez Montenegro não teve retrato nos cartazes da festa. Mas, quando entrou no "calçadão", ergueram-se as bandeiras e os braços para o saudar.

O líder parlamentar dos sociais-democratas, Hugo Soares, em declaração aos jornalistas explicou que a "grande novidade deste ano" foi mesmo o modelo de organização. "Um espaço aberto, próximo das pessoas – uma exigência do primeiro-ministro".

A festa do Pontal original, em 1985, decorreu num pinhal junto ao aeroporto de Faro. A *rentrée*, nesse tempo, tinha o cheiro a sardinha e o garrafão de "tinto" para animar a festa. A edição de 2024 surgiu em versão popular, sim, mas em modo urbano – à imagem e semelhança dos eventos de "*street food*".

José Pereira, de 71 anos, partiu do Porto de autocarro, pelas 8h45. O regresso estava previsto para as 23h30. "Ainda vamos a tempo de ouvir José Cid", acredita. Mas o discurso de Montenegro, antevê, é que vai ser a música que espera para os seus ouvidos. "Sou militante desde há três anos, mas simpatizante desde sempre."

Luís Montenegro exigiu que o espaço da festa fosse mais aberto e mais próximo das pessoas



O líder do PSD foi saudado com braços e bandeiras no ar à chegada

O ancião e a mulher, Maria Emília, olham para as mesas de bancos corridos, procuram encontrar caras conhecidas. "Do Porto viemos 25 pessoas num autocarro de 50 lugares, no ano passado eram três ou quatro autocarros." O facto de ter de comprar a comida e bebida para jantar deixa-o desgosto. "Nos outros anos, vínhamos com bilhete para o jantar oferecido." O bilhete era vendido por 15 euros, mas a empresa de *catering* cobrava o dobro do preço. A contenção nas despesas também pesou na opção que foi tomada agora.

Vinda de Setúbal, Paula Simão aproxima-se do militante que distribui as bandeiras. "Dê-me mais bandeirinhas para os meus 'jotinhas'", solicita. Um dos rapazes, Tiago Lopes, está a fazer 18 anos. "Vou votar pela primeira vez, dia 6, para os órgãos nacionais." Desde os 12 anos, refere, milita nas fileiras do partido. Vai cursar História. Carreira política? "Não sei", responde.

A militante sénior destaca a capacidade mobilização dos jovens. "No ano passado viemos 40, hoje estamos cá 70." As mesas e os bancos para receber os militantes e simpatizantes estão alinhados na faixa do passeio mais próximo da praia. O palco fica ao fundo. Pelo meio, entre as mesas e barracas, circulam grupos de pessoas. O cenário foi preparado para ter efeito multiplicar de imagem e as televisões mostrarem a adesão popular. "É um êxito, não é?", pergunta o líder distrital do PSD, Cristóvão Norte, quando se aproxima dos jornalistas. "Vou ter de pôr mais 200 cadeiras, estão a chegar pessoas mais velhas."

Do Algarve, natural de Olhão, Fernanda Braz queixa-se da organização. "Não devia haver lugares marcados." A concelhia de Faro, à semelhança de outras estruturas do partido, tinha 50 lugares reservados. "Nunca falhei uma festa do Pontal", proclama.

A assistência está curiosa para assistir ao "filme" da governação, na voz de Montenegro. Em redor do comício, na esplanada do Café Novo Espaço, procura-se o melhor sítio para não perder pitada do "verdadeiro artista" convidado.

Mais um desafio para Montenegro

Editorial



Marta Moitinho Oliveira

Luís Montenegro, que lidera um executivo de coligação, terá com certeza a IL no seu encalço a lembrar-lhe o problema político que é um Estado gordo que não resolve os problemas das pessoas

Faltam apenas 322 trabalhadores para que a administração pública portuguesa atinja a barreira psicológica dos 750 mil funcionários públicos, o que poderá acontecer até ao final do ano, visto que, se no terceiro trimestre é hábito o Estado emagrecer, já na recta final do ano costuma engordar de novo.

O número e o caminho que a administração pública tem feito nos últimos anos representam um desafio para quem está à frente do Governo. Luís Montenegro, que lidera um executivo de coligação com PSD e CDS, terá com certeza a IL no seu encalço a lembrar-lhe o problema político que é um Estado gordo que não resolve os problemas das pessoas.

Mas em Portugal, tirando o período da *troika* que levou a administração pública a encolher, a tradição é ter um Estado presente — os números acima dos 700 mil já aconteciam antes da intervenção externa (quando Portugal tinha outras necessidades), parecendo resistir a governos do PSD e do PS.

Parte deste aumento nos últimos anos, durante os governos de António Costa, aconteceu na saúde. Mas aqui a solução não resolveu o problema. Há mais médicos, mas o Serviço Nacional de Saúde vai apresentando falhas e precisando da ajuda dos privados e do sector social para prestar os serviços mais básicos.

O início das férias do Verão é um exemplo. Os hospitais têm dificuldade em fazer escalas para as urgências que garantam a prestação de serviços a todos os utentes que a elas se dirigem.

Isto significa que o reforço de meios não chega para as necessidades de uma população caracterizada pelo envelhecimento e que acolhe imigrantes que chegam de outros países.

Apesar disso, não é a administração central que explica o crescimento mais recente do contingente de funcionários públicos. É das autarquias que vem a explicação. As câmaras municipais têm um papel fundamental na aplicação do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) e essa pode ser a explicação para um aumento de 3831 funcionários, em particular para as câmaras municipais, e nomeadamente para técnicos superiores e assistentes operacionais.

Este é um ponto que merece uma justificação. Ainda mais quando no próximo ano se realizam eleições autárquicas. A história mostra que os ciclos eleitorais das câmaras têm alguma influência nas suas despesas. Se for para melhorar os serviços prestados, tanto melhor. Se não, será mais difícil às pessoas perceber as razões deste aumento.

CARTAS AO DIRECTOR


QUEBRAMAR

Alunos gastam todos os meses 900 euros para estudar no ensino superior

idealista
A app imobiliária líder em Portugal

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Acordos de regime

Na sociedade portuguesa, a habitação, a saúde, a justiça, a educação, a segurança das pessoas, e as dificuldades sentidas por estas últimas nestes sectores da sociedade só se percebem porque os hábitos instalados atrasam as reformas essenciais que serão a melhor forma de nos adaptarmos às mudanças a que o país vai assistindo. Se o país carece de um olhar mais atento por parte da classe política, as diferenças de opinião da mesma tem dificultado o encontro de soluções para os problemas que temos vivido nos últimos anos. Os partidos deveriam celebrar um acordo de regime.

Quando muitas situações a que assistimos já vêm de longe e poderão vir a piorar se nada for feito, um acordo de regime poderá evitar comentários do mais alto magistrado da nação, quando refere que espera que os problemas na saúde estejam resolvidos até ao próximo Verão, quando a propósito dos mesmos não se pronunciou na legislatura anterior.

Américo Lourenço, Sines

Vender ilusões

Não se deve (nem pode) vender o que já foi vendido. Luís Montenegro disse no Hospital de Santa Maria [Lisboa] que não ia vender ilusões aos portugueses, porém esqueceu-se de dizer que já as tinha vendido todas nas grandes promoções de Março, de tal maneira que esgotou o *stock*. Agora o que der certo é mérito dele, o que continuar errado é culpa de D. Afonso Henriques e os que lhe seguiram.

Quintino Silva, Paredes de Coura

Pacto de Saúde? PSD teria que recuar

Um verdadeiro pacto de Saúde entre o PS e o PSD seria potencialmente muito positivo, mas para isso o PSD teria de fazer muito mais que o PS. E as razões são tão simples e claras. O PS, quando Governo maioritário, tentou reformular o SNS, e teve constantemente o PSD ao ataque. Depois de o Governo anterior ter sido obrigado a cair por razões exteriores à democracia, e sem se entender quais foram, o actual Governo minoritário, mal agarrou a Saúde, começou a desfazer tudo o que foi feito. Para além de não parecer que o Governo de Montenegro tem grande apetência por manter o SNS consistentemente público. Pelo que, a haver pacto de Saúde entre PS e PSD, este teria de reverter o que fez nestes últimos meses. Tudo neste caso está na mão e vontade do actual Governo.

Augusto K. de Magalhães, Porto

A haver pacto de Saúde entre PS e PSD, este teria de reverter o que fez nestes últimos meses. Tudo neste caso está na mão e vontade do actual Governo

Augusto K. de Magalhães
Porto

Portugal desdentado

Com um país dos mais envelhecidos no que se refere à sua população, cada vez mais se vê gente sem dentes. A ministra da Saúde, que afirma ser líder do sector público, como do social e do privado, esquece-se que a base fundamental da saúde em Portugal é o SNS, que existe para dar saúde a todos sem excepção. Portanto, a ministra deve cingir-se ao sector público primordialmente.

Já terá olhado, com olhos de ver, as faces de milhares de cidadãos quando abrem a boca. A falta de

A opinião publicada no jornal respeita
a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM SUÍÇA

SALVATORE DI NOLFI/EPA



Manifestação no dia do arranque das conversações de paz no Sudão, na Place des Nations, em frente à sede europeia das Nações Unidas, em Genebra

dentes é gritante, lembrando *O Grito* de Edvard Munch.

Neste sentido, não se queixe da pesada herança do anterior Governo e contrate, isso sim, estomatologistas suficientes para acabar com tão mau aspecto pessoal, pois soubemos que há muitos dentistas no desemprego..
José Amaral, Vila Nova de Gaia

A insustentável leveza do saltador

Entre um triplo salto de quase 18 metros e uma bola a entrar na baliza, há uma paradoxal diferença de emoções para quem assiste. Não há dia em que não se alimente cada vez mais essa disparidade. Contudo, a diferença no esforço, dedicação, treino e capacidades entre o que salta e o que pontapeia é nula. O anúncio de desistência das competições devido a falta de apoios por Pichardo, medalhado com prata no triplo salto, é o paradigma do que acontece em quase todas as modalidades desportivas que não têm projecção, nem privilégios televisivos quase diários e painéis de comentadores a todo o momento. Também se consegue alimentar as emoções e espectacularidade de mais modalidades aumentando a cultura desportiva através do dinamismo das respectivas federações e a inequívoca colaboração e visibilidade dos *media*.
José M. Carvalho, Chaves

PÚBLICO ERROU

No artigo "Os Jogos Olímpicos", de Eduardo Marçal Grilo, publicado na pág. 29 da edição de ontem, o nome de Jorge Sampaio, referido a propósito da criação do Velódromo de Sangalhos, dizia respeito ao então vereador do Desporto da Câmara de Anadia, e não ao antigo Presidente da República, como se escreveu. O autor pede desculpa pelo lapso. O autor acrescenta ainda esta nota: "O olimpismo português perdeu um dos seus grandes obreiros. Obrigado a José Manuel Constantino por tudo o que fez."

ESCRITO NA PEDRA

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda
Mário Quintana, poeta e jornalista

O NÚMERO

750 mil

Trabalhadores do Estado crescem para perto de 750 mil, o máximo desde 2011. No final do segundo trimestre, as administrações públicas empregavam 749.678 trabalhadores

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

P

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Canções que o mar nos trouxe, entre a pesca e as praias

Em Público



Nuno Pacheco

Não é novidade para ninguém que o mar, com o seu inesgotável fascínio e ofícios (da navegação à pesca), sempre inspirou o mundo das artes. Seria escusado invocar romances como *O Velho e o Mar* de Hemingway, o *Moby Dick* de Melville e *Os Pescadores* de Raul Brandão; ou as doces canções praieiras de Dorival Caymmi (que, cantando apaixonadamente o mar e os pescadores, nunca aprendeu a nadar – como revela a sua neta Stella, na monumental biografia que em vida lhe dedicou, *Dorival Caymmi, o Mar e o Tempo*, 2001, pág. 292), ou os vários filmes que, desde os primeiros passos do cinema português, tiveram o mar e a pesca como cenário e mote: *Os Olhos da Alma* (1923) de Georges Pallu; *Nazaré, Praia de Pescadores* (1929), *Maria do Mar* (1930) e *Ala-Arriba* (1942), de Leitão de Barros; *Nazaré* (1952), de Manuel de Guimarães; ou *A Promessa* (1972), de António de Macedo. Meros e escassos exemplos, num verdadeiro oceano de obras onde o mar e, em vários casos, também a pesca, foram essencial inspiração.

Na música, do arrebatador *Barco negro* de Amália (com a *Mãe preta* de Caco Velho e Piratini transformada pelos versos, aqui trágicos, de David Mourão-Ferreira) à trilogia marítima de Adriana Calcanhotto (*Maritmo*, 1998; *Maré*, 2008; *Margem*, 2019), também muito se fez nesta união das artes com o mar. Até na canção militante, de que são exemplos *Alerta pescador*, de Fausto Bordalo Dias (cantor maior da gesta marítima), *Ir e vir*, do GAC, ou *Quem não teme o mar não teme os patrões*, de Tino Flores.

Não havia, porém, até agora, um disco integralmente dedicado às artes e dramas da pesca, e essa lacuna foi colmatada este ano pela Sons Vadios, com um livro-disco que reúne 12 canções vindas do cancioneiro popular, da pena de pescadores ou de músicos como José Afonso. Chama-se *Maré* e foi lançado quase em simultâneo com a estreia em Portugal de uma obra musical inspirada nas histórias dos pescadores portugueses na Terra Nova: *The White Fleet Suite: Histórias, Canções, Saudade*, da artista canadiana Pamela Morgan, apresentada em Maio, no Dia dos Museus, na Fábrica das Ideias da Gafanha da Nazaré. A ela se referiu Alfredo Pinheiro Marques, na *Revista de Marinha*, num texto intitulado "Música e Poética da Pesca Longínqua do Bacalhau", onde citava também o trabalho do norte-americano de origem portuguesa Richard Simas (radicado no Canadá) e o seu recém-publicado livro *Searching for the Mystery of the Portuguese Waltzes*.

Sendo uma criação da Sons Vadios, *Maré* nasceu no âmbito do 80.º aniversário da Mútua dos Pescadores, cujo coro participou também nas gravações, a par dos músicos Abílio Caseiro (cavaquinho, bandolim, guitarra portuguesa, guitarra eléctrica), Celina da Piedade (voz, acordeão), Quiné Teles (percussão, voz), Sara Vidal (voz, harpa celta) e Zé Francisco (guitarra, voz), com a colaboração de João Espada (videografia) e Sónia Pereira (literatura portuguesa) e textos de João Delgado (presidente da Mútua), Manuel Rocha (músico e professor) e Abel Coentrão (jornalista do PÚBLICO e nascido numa terra de pescadores, as Caxinas, em Vila do Conde).

São de Abel Coentrão estas palavras, impressas no livro que acomoda o disco: "Se o mar tem marés, a nossa vida, como sabemos, também tem as suas enchentes e vazantes. E na língua marulhada das gentes da pesca, para lá de ser sinónimo de jornada de trabalho, maré entrou terra adentro e tornou-se metáfora de um dia, de um momento, de um episódio guardado no porão da memória, à espera de um ouvido. Os livros que não escreveram, mas que partilham à mesa do comer, começam precisamente, tantas vezes ouvimos, por essa expressão: 'Uma maré.'"

Não havia em Portugal, até à data, um disco integralmente dedicado às artes e dramas da pesca. Mas agora já há. E chama-se *Maré*

As canções incluídas no disco são, na sua quase totalidade, tradicionais. Da Nazaré (*Toma lá, dá cá*, *Não vás ao mar*), de Ílhavo (*Tau tau tau*), da Póvoa de Varzim (*Vira de oito*), de Setúbal (*Toada*), dos Açores (*Quem disser que o meu barco que tomba*, *Rema*), da Madeira (*Cantiga do mar*) ou de Tavira (*Bóia de sentença*, esta assinada por um pescador, mestre Hermínio). Há também uma canção das recolhas de Leite de Vasconcellos (*Romance de armação*, que Vitorino musicou e gravou como *Em 25 de Março* no seu disco *Romances*, com Pedro Caldeira Cabral) e duas de José Afonso, *Canção do mar* e *Tenho barcos, tenho remos* (um tradicional alentejano). O livro inclui ainda códigos QR a remeter para os processos de recolha, vídeos e pregões populares.

Deste trabalho pioneiro, que se saúda, fica o empenho posto nas escolhas e arranjos, reavivando estas canções que o mar nos trouxe. Ou, para citar de novo Abel Coentrão: "O colectivo Maré atira um cabo salvífico à memória colectiva de uma boa parte de nós. Se outra cerração nos fechar o horizonte, agora, escutando-os, já poderemos reconhecer algumas vozes do mar."

Jornalista. Escreve à quinta-feira

A melhor escola é a aquela em que os alunos se superam



Carla Castro

As discussões sobre os rankings das escolas ou sobre os contratos de associação é recorrente e controversa no panorama educativo, mas não devia ser. A polémica deveria ser a realidade que leva aos rankings. E a discussão deveria ser sobre projetos educativos que só a autonomia da gestão confere. O que também deveria sobressair é que a melhor escola não é aquela que tem notas mais altas ou a da gestão privada; a melhor escola é aquela que faz com que os alunos se superem.

Evidentemente que não se pode comparar o que não é comparável, os rankings não devem ser meras médias aritméticas. Existem muitos outros fatores, como elementos de equidade e enquadramento socioeconómico, que permitem enquadrar e relativizar os resultados dos rankings.

Tenho defendido a necessidade de se avaliar para se poder corrigir. A monitorização serve, também, como contraponto a uma maior autonomia nas escolas. Esta questão insere-se numa cultura em que o problema da monitorização é mais amplo, porque não há, verdadeiramente, uma cultura estabelecida e uma prática de avaliação, de recolha e análise de dados, nem sequer para fundamentação das políticas públicas. É tristemente irónico que isto se passe numa área em que a avaliação é uma constante, mas que resiste a ser avaliada.

Há perguntas que não deveriam ser difíceis, mas que esbarram com a realidade. Queremos um Estado regulador ou um Estado diretor de escola? Uma escola é mais do que um refeitório ou um repositório de manuais. A escola, antes de tudo, é um local de aprendizagem, num espaço social, comunitário, de respeito e de convívio. É um espaço de liberdade, de descoberta e de realização. A escola não é apenas uma obrigação, mas é uma plataforma de expansão de horizontes, de modo a que, quando dela se sai, se tem o mundo inteiro pela frente.

Não tarda começa um novo ano letivo e será novamente altura de perguntarmos se é desta que começamos a ter um melhor sistema de educação, ou se mantemos um sistema que sobrevive alicerçado em super-heróis. Até pode haver algo de idílico na imagem que se cria, sobretudo quando somos mais pequenos, mas se isso pode fazer parte do imaginário infantil, não faz parte do ideário do que deveria ser um sistema educativo dedicado a ter os melhores como professores e a potenciar o melhor de cada criança e jovem, nas suas especificidades e independentemente das suas origens socioeconómicas. Este ano é o ano em que podemos começar a deixar de ter super-heróis e a acreditar que, a médio prazo, passaremos a ter um sistema educativo.

A discussão entre ensino público e ensino privado também continuará, infelizmente, para os alunos. Infelizmente porque, enquanto uns se digladiam pela luta ideológica, a prática faz com que a procura por escolas privadas bata recordes em democracia (para não falar dos centros de explicações.) Com o recente anúncio do Governo sobre a medida de reforço dos contratos de associação para robustecer a complementaridade entre oferta pública e privada, muita luta política se adivinha. Pena é que não se use essa veemência para a resolução de um fracasso há muito constatado – é que, não obstante as frases bonitas dos últimos anos, a realidade é dura: persiste uma enorme desigualdade, um elevador social avariado e a cristalização das origens, não estando a escola a cumprir com o desígnio de potenciador de igualdade de oportunidades e de mobilidade social.

Quando saem os rankings, a tónica é, em geral, negativa. O foco passa por se atacar os lugares cimeiros, em vez de se identificarem e perceberem os fatores de sucesso, e pouco ou nada se liga às variações negativas, por exemplo, no sentido de se ir buscar quem ficou para trás. Mas, afinal, qual será a melhor escola? Não será apenas ditada por um ranking aritmético, e implica, sim, a existência de avaliação. A melhor escola é aquela que permite que os alunos se superem, é uma escola que rompe com o determinismo da reprodução social.

Economista e gestora.
Escreve quinzenalmente à quinta-feira

A “expectativa” do Presidente que penalizou o Governo

Memória futura



Manuel Carvalho

No caso da crise no SNS, o Presidente só complicou. Havendo uma “expectativa” criada, quem a defrauda merece ser penalizado

O Presidente da República encontrou uma forma simpática para tentar dar um empurrão ao Governo num dos seus piores momentos desde a tomada de posse. Disse que o problema do SNS que nestas primeiras semanas de Agosto voltou ao topo das preocupações dos cidadãos tinha que ver com uma questão de “expectativas”. Segundo Marcelo, o Governo “criou expectativas muito altas” ao fixar um calendário para os problemas ficarem solucionados, o que levou as pessoas a pensarem que podia ser “cumprido em poucas semanas ou poucos meses”. A bem dizer, na campanha eleitoral o actual primeiro-ministro não prometeu uma solução. Prometeu um plano de emergência no prazo de 60 dias. O problema, para o Governo e para o país, é que, desde que o plano foi apresentado, o futuro parecia radioso. Até que, em vez de soluções, surge uma catadupa de fracassos.

O afago do Presidente ao Governo importa, porque põe a nu a ligeireza com que os políticos encaram a gravidade dos problemas. Quando anunciou na campanha a apresentação de uma receita mágica para superar os dramas que os socialistas deixaram agravar em oito anos de poder, Luís Montenegro foi prudente. Prometeu “uma nova atitude: seriedade, competência, e sentido de responsabilidade”. E garantiu: “[Não vamos] prometer o que sabemos que não podemos cumprir.” E admitiu que “as pessoas estão fartas de promessas não cumpridas”. E foi razoável ao reconhecer que “não é credível” quem se propõe “fazer hoje o que não se fez nos últimos oito anos”.

O problema estará então nas expectativas que o Presidente, e muitos cidadãos, criaram ou nas pistas que o Governo foi largando para provar a sua competência e capacidade de decisão? Lendo-se o plano de emergência apresentado em final de Maio, percebe-se que havia por ali a promessa velada de evitar um Verão caótico nas urgências como o do ano passado. O plano apresentava “respostas prioritárias e imediatas”, antecipava “elementos críticos no curto e médio prazo” e previa ainda “um conjunto de medidas estruturantes”. Passados dois meses, a execução do plano é uma decepção. Um inventário da agência Lusa divulgado na semana passada dava conta de que apenas duas das 15 medidas urgentes do plano estavam concretizadas.



DANIEL ROCHA

> **A bem dizer, o primeiro-ministro não prometeu uma solução. Prometeu um plano de emergência no prazo de 60 dias. O problema é que, desde que foi apresentado, o futuro parecia radioso. Até que surge uma catadupa de fracassos**

O que isto quer dizer é que, se foram criadas expectativas capazes de iludir até o Presidente da República, a culpa não é da credulidade de Marcelo Rebelo de Sousa ou dos que acreditaram na possibilidade de um Verão sem vermos grávidas de Leiria a serem encaminhadas para o Porto. Ou sem notarmos outra vez que há zonas do país densamente povoadas, como a margem sul do Tejo, sem urgências de obstetrícia. Toda a narrativa que o Governo foi construindo desde a campanha eleitoral tinha por base um pressuposto: os socialistas foram de tal forma incompetentes a gerir o Serviço Nacional de Saúde que deixaram como herança um desastre; mas se houver mudança de governo, a realidade da saúde mudará depressa.

É o que acontece sempre que a política se faz na base do voluntarismo, do autoconvencimento e do desprezo pela competência dos outros. Se, como disse Montenegro na campanha, não era “credível” admitir uma receita mágica para um problema tão grave como o da carência de recursos humanos e logísticos no SNS em tempo de férias, seria expectável que o plano de emergência fosse mais realista. Ou que, sendo o que é, que em dois meses estivessem no terreno muito mais do que duas das suas 15 medidas urgentes. Se o novo primeiro-ministro e a nova ministra da Saúde fossem comedidos e tivessem contido as expectativas que até pessoas bem informadas como Marcelo Rebelo de Sousa criaram, não teriam feito tudo o que puderam para que o presidente da Direcção do SNS se demitisse.

Com a indignação de grávidas, autarcas e cidadãos instalada perante a privação de serviços tão essenciais (podemos chamar-lhes direitos básicos num Estado moderno e europeu), bem pode Luís Montenegro pedir tempo e dizer que está a cumprir o que prometeu. Da mesma forma, pouco importa que o Presidente venha agora exigir que os fechos de urgências e de maternidades não se repitam em 2025. Os danos de credibilidade causados pelas falsas expectativas que em geral a classe política teima em produzir são evidentes neste caso. Os custos de quem quer inventar a roda e fazer tudo de novo, prescindido de um gestor com provas dadas como Fernando Araújo, são óbvios. No Verão passado vimos ao menos a Direcção Executiva a inventar medidas extremas para mitigar os problemas – porque os conhecia. Coisa que não vimos agora.

O PS tem por isso alguma razão em apontar falhas ao Governo neste processo. As óbvias culpas próprias dos governos anteriores, que lideraram, na degradação do SNS não bastam para os eximir de responsabilidades. Como não justificam que a nova liderança socialista abdique dos seus deveres de oposição. Se é patético ver como as posições se alternam conforme estão no governo ou fora dele, a verdade é que quando até o Presidente fala em expectativas não cumpridas, a oposição não prestaria um bom serviço se estivesse calada. Se o Bloco e o PCP continuam na sua eterna ladainha dos fretes aos privados, se o Chega é uma chiclete tão mastigada que já não produz sabor, o PS tinha bons argumentos para associar a crise das urgências às mudanças na Direcção Executiva do SNS.

Quer isto dizer que as falsas expectativas e os problemas de Agosto no SNS criaram um flanco vulnerável aos ataques da oposição que pode ter repercussões no debate sobre o Orçamento que está prestes a chegar? Não parece. O vício das expectativas, essa ideia absurda que tende a considerar os cidadãos crédulos e dispostos a mendigar milagres, também existe em doses elevadas na direcção de Pedro Nuno Santos. Nos dias que correm, a prudência, a capacidade de admitir que a complexidade dos problemas e das prioridades políticas exigem reflexão, estudo e tempo, não é apanágio do PSD. Se no terrível episódio das falhas do SNS o Governo pecou, já todos perceberam que Pedro Nuno Santos também pecou quando criou a expectativa de que só por milagre aprovaria o próximo Orçamento.

Como se sabe, não vai haver milagre e Pedro Nuno Santos esforça-se por esvaziar a expectativa. Para sua sorte e seu conforto, não terá a companhia de Marcelo Rebelo de Sousa para o “ajudar” nessa dura tarefa de dar o dito por não dito. No caso da crise no SNS, o Presidente só complicou. Sem a história da “expectativa”, Montenegro sempre teria argumentos para reclamar tempo. Havendo uma expectativa, quem a defrauda merece ser penalizado.

Jornalista

Autarcas do PSD preocupados com crise "inaceitável" nas urgências



RUI GAUDÊNCIO

Autarcas, deputados e dirigentes distritais dizem que a situação é igual ou pior à que se verificou nos últimos anos. Sobre se problemas estarão resolvidos no Verão de 2025, têm dúvidas

Fernando Costa

Da "situação inaceitável" em Leiria, ao episódio "da maior violência" nas urgências das Caldas da Rainha, a crise nas urgências de ginecologia e obstetrícia que se vive em Portugal – principalmente no Centro e na região de Lisboa e Vale do Tejo – tem preocupado vários autarcas, dirigentes distritais e deputados do PSD contactados pelo PÚBLICO. Há quem fale de um problema de dimensão totalmente nova, em comparação com anos passados, e quem diga que a situação é semelhante ao que já se tem vivido em anos anteriores.

Admitem que o executivo de Luís Montenegro ainda não teve tempo para solucionar os problemas "demasiado graves" que persistem no Serviço Nacional de Saúde (SNS), mas também se assumem cépticos com o prazo de um ano apontado pelo Presidente da República para corrigir a situação na Saúde. Em Coimbra, que tem recebido grávidas de Leiria, caso a situação se prolongue, o município irá mesmo "pedir esclarecimentos e exigir ao Governo que tome medidas, com carácter de urgência, para resolver a situação no curto prazo".

"Inaceitável" – é assim que Sofia Carreira, deputada do PSD eleita pelo círculo de Leiria descreve a situação das urgências de ginecologia e obstetrícia no distrito. Tendo em conta a dimensão, fala de um problema "totalmente novo", em comparação com os últimos anos.

Para a deputada, a falta de recursos humanos que justificou o fecho das urgências no Hospital de Santo André durante mais de duas semanas é "previsível há anos" e, em declarações ao PÚBLICO, considerou que os problemas se devem a uma "gestão catastrófica" cujas responsabilidades atribui tanto ao anterior Governo como ao conselho de administração do hospital. Revelou ainda que o PSD já enviou uma série de questões sobre a situação nas urgências de Leiria à ministra da Saúde, Ana Paula Martins, mas ainda não recebeu respostas.

Tendo em conta que a urgência de ginecologia e obstetrícia do Hospital de Santo André, na cidade de Leiria, está fechada desde dia 2 de Agosto e até dia 19 (próxima segunda-feira), as grávidas com partos programados da região podem escolher ser encaminhadas para Coimbra ou para o Porto.

Até agora, e "apesar da sobrecarga", os serviços de urgências de Coimbra têm conseguido dar resposta "de forma satisfatória a todas as solicitações, sem prejuízo da assistência aos utentes", confirmou Francisco Veiga, vice-presidente da Câmara de Coimbra, em respostas enviadas ao PÚBLICO por *e-mail*.

Ainda assim, o vice-presidente admite que não será possível manter a qualidade dos serviços prestados indefinidamente, se os problemas não forem resolvidos. "Reconhecemos que, se o encerramento dos serviços noutros hospitais do país se prolongar por mais tempo, corremos o risco de tal situação poder acarretar constrangimentos e afectar, de forma preocupante, a qualidade do atendimento às grávidas".

Caso a situação chegue a esse ponto, Francisco Veiga garante que "o município irá pedir esclarecimentos e exigir ao Governo que tome medidas com carácter de urgência para resolver a situação no curto prazo".

Em Santarém, onde nos últimos meses as urgências de obstetrícia também têm encerrado pontualmente, o presidente da câmara, Ricardo Gonçalves, lamenta que a situação deste ano seja uma réplica de, "pelo menos", os últimos três anos. Refere também que há um sentimento de "insegurança" entre as grávidas da região e critica que, ao longo dos anos, se tenha construído uma "normalização destes fechos".

Vice-presidente da Câmara de Coimbra alerta para riscos de ruptura na ajuda ao distrito de Leiria

Nas Caldas da Rainha, refere Fernando Costa, que foi presidente da Câmara das Caldas da Rainha durante 27 anos, entre 1985 e 2012, numa chamada telefónica com o PÚBLICO, o problema nas urgências "tem sido recorrente de há uns cinco anos para cá", mas não com tanta gravidade como agora. O ex-autarca exclui também que a situação actual advenha de problemas ao nível da "qualidade [do serviço] ou das instalações" do Hospital das Caldas da Rainha e acrescenta, ainda, que "nos últimos dois anos" foram investidos "800 mil euros do município para os serviços de maternidade e obstetrícia do hospital".

Ainda assim, não deixa de destacar, negativamente, o episódio da mulher que, com uma hemorragia depois de um aborto espontâneo, segundo a TVI, terá visto recusada assistência nas urgências do hospital, num dia em que as urgências de obstetrícia estavam fechadas. Alegadamente, a mulher terá sido atendida meia hora depois de chegar ao serviço, devido à insistência dos bombeiros.

Fernando Costa descreve o sucedido como um "atentado à pessoa humana da maior violência" e contou que, numa publicação feita no Facebook, desafiou o Presidente da República e o primeiro-ministro a visitar o serviço e a observar "as condições de funcionamento do Hospital das Caldas".

A Entidade Reguladora da Saúde já confirmou, em comunicado, a abertura do inquérito ao atendimento da mulher no Hospital das Caldas da Rainha.

Em Rio Maior, ali ao lado, uma autarquia também gerida pelo PSD, o executivo camarário diz que a situação tem sido muito menos grave, de acordo com Filipe Dias. O autarca assegura que o encerramento das urgências circundantes não tem provocado constrangimentos no concelho e que as grávidas têm recebido informação "com antecedência" sobre para onde se devem dirigir, em função da data programada para o parto.



Ricardo Gonçalves, presidente da Câmara de Santarém, reconhece que há um sentimento de "insegurança" entre as grávidas da região

MANUEL ROBERTO



Acautelando que o seu ponto de vista enquanto social-democrata pode não ser 100% imparcial, Filipe Dias saúda a "dedicação, seriedade, assertividade" que, considera, o Governo de Montenegro tem mostrado, assim como a capacidade de comunicação com a ULS de Rio Maior e orientação das grávidas.

"Cepticismo"

Há uma semana, depois de uma visita com o primeiro-ministro e a ministra da Saúde ao novo bloco de urgência de obstetrícia e ginecologia da Maternidade Luís Mendes da Graça e a uma unidade oncológica no Santa Maria, o Presidente da República disse, sobre a crise nas urgências, esperar que "aquilo que se vive este ano já não seja vivido" no Verão de 2025.

Fernando Costa acredita que o prazo levantado por Marcelo é "muito optimista" e difícil de atingir. Para o ex-autarca caldense, "o Governo não teve tempo" para resolver os problemas nas urgências, sendo que tomou posse há pouco mais de quatro meses. "Julgo que foi mais falta de tempo do que de capacidade", refere, acrescentando que o Governo anterior também não resolveu os problemas, e totalizou um período de oito anos de governação.

No entanto, também reconhece que podem ter existido problemas ao nível da "gestão de expectativas" sobre o plano de emergência de saúde do Governo para o Verão. A intervenção do ex-autarca vai na linha das declarações de Marcelo da passada quinta-feira, quando admitiu que ele próprio e o Governo criaram "expectativas muito altas" sobre a execução do plano de emergência de saúde, que podem ter levado as pessoas a compreenderem que esta se pudesse cumprir em "poucas semanas ou poucos meses".

Também Filipe Dias, autarca de Rio Maior, admite "cepticismo" de que a situação nas urgências de obstetrícia e ginecologia possa ser solucionada no período de um ano, sublinhando que o SNS tem problemas "demasiado graves" a resolver. Acredita, no entanto, que é tempo suficiente para trazer melhorias necessárias ao funcionamento dos serviços.

Já Arlindo Brites, presidente do PSD Leiria, de dedo apontado à governação socialista de António Costa, justificou a situação actual das urgências com os "sucessivos agravamentos" dos problemas no SNS que aconteceram em oito anos de Governo socialista. "É a herança mais pesada do PSD", considera a deputada social-democrata Sofia Carreira.

Fixação de médicos

Usando a situação de Leiria como exemplo, a deputada Sofia Carreira questiona: "Como é que Leiria, com acessibilidade boa, parque escolar bom, preço de habitação relativamente acessível, não consegue fixar médicos?"

Para o ex-autarca das Caldas da Rainha Fernando Costa, a falta de profissionais que motiva o encerramento das urgências — e que piora no Verão devido aos períodos de férias — existe porque os salários não são atractivos no SNS. Assim, os médicos ou são "aliciados" pelos privados ou optam por ir para o estrangeiro. Como se resolve o problema? Só com "enriquecimento geral do país".

Correspondência entre Marcelo e o filho já chegou ao Parlamento

Maria Lopes

Comissão de inquérito não consegue contactar Juliana Drumond, mulher de Nuno Rebelo de Sousa, nem o pai das gémeas

A comissão parlamentar de inquérito (CPI) ao caso das gémeas tratadas no Hospital de Santa Maria com o medicamento Zolgensma já recebeu da Presidência da República (PR) toda a troca de correspondência entre Marcelo Rebelo de Sousa e o filho Nuno desde que tomou posse como Presidente da República e em que este último fazia algum pedido ao chefe de Estado. A documentação foi enviada ao Parlamento por Fernando Frutuoso de Melo, o chefe da Casa Civil do PR, que remeteu também todos os documentos relacionados com os vários pedidos de marcação de consultas médicas que a Presidência recebeu nos dias 25 e 26 de Junho.

Os pedidos para o envio da documentação tinham sido feitos a Frutuoso de Melo, quando este foi ouvido na CPI no final de Julho.

Estes últimos pedidos de consultas, feitos através do envio de *emails* alegadamente falsos em nome da mãe das gémeas luso-brasileiras, motivaram já a abertura de um inquérito autónomo pelo Ministério Público através do Departamento de Investigação e Acção Penal. Esses *emails* chegaram à Presidência da República horas depois de o presidente do Chega e da deputada Cristina Rodrigues terem apelado, num vídeo publicado nas redes sociais, a que as pessoas que tivessem consultas por marcar no SNS enviassem um pedido de marcação por correio electrónico ao Presidente da República. Quem falou publicamente dessa correspondência foi precisamente Frutuoso de Melo na sua audição na CPI.

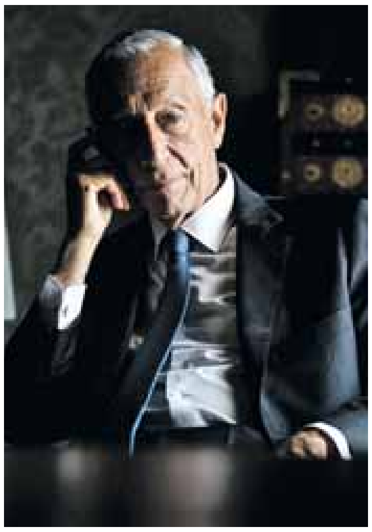
Além da nova documentação, que será agora consultada pelos deputados no Parlamento, foram entretanto agendadas novas audições, confirmou o presidente da CPI, Rui Paulo Sousa. Augusto Santos Silva, ministro dos Negócios Estrangeiros do último executivo de Costa, vai ser ouvido presencialmente no dia 8 de Outubro — como ex-presidente da AR, podia responder por escrito.

Os trabalhos da comissão são retomados dentro de um mês, estando marcadas para dia 13 de Setembro as audições de Paulo Jorge Nascimento, antigo cônsul-geral de Portugal em São Paulo, por videoconferência, e de Jamila Madeira, ex-secretária de Estado adjunta e da Saúde do tempo de António Lacerda Sales. Uma semana depois será ouvida Carla Silva, secretária de Lacerda Sales, que pediu para que a audição decorra à porta fechada ao abrigo do programa de protecção de testemunhas (o pedido vai ser discutido ainda pela CPI). No dia 27 realizam-se as audições dos ex-ministros da Saúde Marta Temido e Manuel Pizarro; no dia 1 de Outubro será Rui Santos Ivo, presidente do Infarmed, a entidade que decide sobre autorização de aplicação de medicamentos; dia 4 será a vez de Tiago Gonçalves, ex-chefe de gabinete de Lacerda Sales; e dia 11 a ministra da Justiça à data dos factos, Francisca van Dunem.

O presidente da CPI confirmou ainda ao PÚBLICO que os serviços da comissão continuam sem conseguir contactar Juliana Drumond, a actual companheira de Nuno Rebelo de Sousa, porque tanto este como os advogados recusam fornecer o seu contacto. Juliana Drumond — sobre quem se soube há dias que é agente de seguros independente da mediadora MDS Brasil, a empresa que também trabalha com a seguradora brasileira das gémeas — poderá sempre invocar o estatuto de cônjuge de um dos arguidos para não prestar esclarecimentos. A CPI também não conseguiu ainda contactar o pai das gémeas.

"Tem havido, de facto, alguma dificuldade em pedir e receber certa documentação, em contactar as pessoas", lamenta Rui Paulo Sousa.

No gabinete de Aguiar Branco está agora um pedido potestativo do Chega para aceder à documentação relativa ao caso da bebé Matilde, tratada com o mesmo medicamento.



Belém enviou todos os pedidos de Nuno Rebelo de Sousa ao pai

Ainda há ULS que não abriram nenhum concurso para contratar médicos

Três não avançaram. Em contraponto, outras já terminaram os procedimentos concursais e assinaram contratos com médicos recém-especializados. As ULS de Gaia/Espinho e Almada/Seixal são dois exemplos

Ana Maia

Nos últimos meses foram vários os alertas para o risco que os atrasos nos concursos para a contratação de médicos podem ter na saída de profissionais do SNS. As regras mudaram e o início dos procedimentos atrasou-se. Os primeiros concursos abriram em meados de Julho e, quase um mês depois, ainda há três unidades locais de saúde (ULS) que não noticiaram qualquer procedimento. Médicos e administradores apontam falhas.

As notas foram homologadas no início de Maio e a lei determina que o concurso deve ser aberto 30 dias depois. Mas este ano trouxe uma excepção, alargando o prazo, porque o Governo mudou as regras – só publicadas no final de Junho –, ditando que cabe a cada ULS e aos três Institutos Portugueses de Oncologia lançar os procedimentos para a contratação dos recém-especialistas.

Sem uma regra única, não só as datas de abertura dos procedimentos são diferentes, como também a forma como é feito. Há entidades que abriram um só concurso, especificando as vagas por especialidade, outras fizeram-no em vários procedimentos e em dias diferentes ao longo do último mês. Por exemplo, a ULS de São José abriu na terça-feira o concurso para as vagas de saúde pública, mas para os médicos de família o procedimento foi lançado a 24 de Julho.

No *site* da Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS) está publicada a lista dos procedimentos lançados até ao momento. E se 39 entidades já abriram procedimentos, há três que ainda não noticiaram qualquer concurso: as ULS da Arrábida, da Guarda e do Alto Alentejo.

Ao PÚBLICO, a ULS do Alto Alentejo respondeu que "todos os procedimentos concursais, quer da área hospitalar quer de medicina geral e familiar, bem como de saúde pública, foram enviados para publicação, aguardando-se a mesma". As ULS da Arrábida e da Guarda não responderam até à conclusão desta peça.

Em contraponto, já há entidades com os procedimentos concluídos ou a terminar. Por exemplo, a ULS de Gaia/Espinho foi das primeiras a anunciar concurso. Fê-lo a 15 de Julho. "A assinatura de contratos já se encontra a decorrer, sendo que 27 novos médicos já iniciaram, ou iniciam, funções durante o mês de Agosto e cinco em Setembro", respondeu a ULS, estando a agilizar o agendamento para a assinatura dos restantes contratos. Para um total de 39 vagas – três para médicos de família, duas para saúde pública e 34 para especialidades hospitalares –, a ULS recebeu 113 candidaturas para medicina geral e familiar, 55 para áreas hospitalares e nove para saúde pública.

A sul, na ULS Almada-Seixal houve 36 candidaturas para as vagas dos cuidados hospitalares - o mesmo número das que foram colocadas a concurso -, "tendo já iniciado funções 14 profissionais de 11 especialidades". A ULS adianta que "para os cuidados de saúde primários houve 13 candidaturas, o número mais alto dos últimos cinco anos", o que "revela o interesse" por parte dos internos em ficar onde fizeram formação.

Em Diário da República estão a ser publicadas mais listas de ordenação final de várias especialidades e ULS, mas, tal como em concursos passados, há vagas a ficarem desertas.

FOTOS: NELSON GARRIDO





Na ULS Gaia/Espinho 27 novos médicos já iniciaram, ou iniciam, funções durante o mês de Agosto e cinco em Setembro. Xavier Barreto pede uma reflexão sobre este modelo

Dificuldade na constituição de júris pode ser uma das explicações para desfasamento dos concursos

"Mais vagas desocupadas?"

O retrato desta demora não foi nada que o Sindicato Independente dos Médicos (SIM) não antecipasse e para o qual alertou o Ministério da Saúde. O secretário-geral Nuno Rodrigues salienta as "dificuldades na constituição de júris para cada uma das especialidades", que pode ser um dos motivos para o desfasamento temporal no lançamento dos concursos. "Há unidades com poucos recursos humanos que, em algumas especialidades, terão de recrutar médicos a outras ULS para a constituição de júris." As queixas relativas aos atrasos têm sido muitas e há casos de médicos que concorreram a mais do que um concurso e que estão a atrasar a assinatura de contrato enquanto esperam por outros resultados. O que não seria necessário se para cada especialidade todos os procedimentos fossem lançados na mesma data.

Nuno Rodrigues não tem dúvidas de que mudanças são precisas. "Ou se mantém o esquema actual com intervalos temporais muito bem definidos no qual os concursos têm de ser lançados ou seja dada verdadeira autonomia às entidades para terem concursos permanentemente abertos", sugere, assumindo que a última solução lhe parece a melhor. "Essa seria uma verdadeira melhoria na competitividade e na eficiência."

Para a Federação Nacional dos Médicos (Fnam), não há melhorias possíveis para salvar o modelo escolhido pelo Governo. "Dissemos claramente que ia criar falta de equidade. Os concursos devem ser a nível nacional para salvaguardar o interesse público", diz João Proença, apontando o "incompetência política e técnica" neste processo.

O vice-presidente da Fnam também alertou para "problemas na constituição dos júris" que avaliam os candidatos de cada uma das especialidades, especialmente em meses de férias como Julho e Agosto. "Os recursos humanos são escassos. Esta situação vai criar cada vez mais desânimo entre os jovens. As vagas não abriram todas ao mesmo tempo", diz, o que deixou os médicos sem um retrato completo dos locais a que podem concorrer. "Os concursos institucionais não resolvem o problema."

O presidente da Associação Portuguesa do Administradores Hospitalares (APAH) salienta que "o primeiro erro foi a definição tardia de como o procedimento ia decorrer". Houve depois uma correcção da lista de vagas que gerou dúvidas e pedidos de esclarecimentos, que poderia ter sido evitada "se tivesse havido um diálogo mais próximo com as ULS para se ver que vagas pretendiam".

Xavier Barreto acredita que dar autonomia às ULS para abrirem os concursos "pode ser positivo", mas alerta para "problemas de implementação", de que se foi apercebendo em conversas com médicos. Dá o exemplo de uma médica de família que está na iminência de não aceitar uma vaga porque espera por um resultado mais perto de casa. "Alguns médicos têm-me dito que isto pode resultar em mais vagas desocupadas. Isso é um problema", diz, apontando a necessidade de se reflectir sobre a definição de um calendário comum a todas as entidades.

Situação de enfermeiras discriminadas será resolvida

Ana Maia

Ministério da Saúde determinou que ARS de Lisboa solucione até ao final do mês situação que se arrasta desde 2019

O Ministério da Saúde determinou à Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT) que resolva, até ao final deste mês, a situação das enfermeiras que não foram integradas na categoria de especialistas por estarem de licença de maternidade ou de gravidez de risco quando ocorreu a mobilidade do concurso para esta categoria. Esta é uma situação que se arrasta desde 2019.

Sem receberem o correspondente suplemento associado à função de enfermeiras especialistas, no valor de 150 euros, que era condição para a ascensão àquela posição, e com as vagas no mapa para esta categoria entretanto esgotadas, estas profissionais não puderam progredir, porque na altura da transição estavam de licença de maternidade ou de gravidez de risco. Em causa estarão 18 enfermeiras.

Do que foi possível apurar, a ARSLVT foi notificada na última segunda-feira para dar uma solução final à situação. De acordo com o despacho, a que o PÚBLICO teve acesso, a ministra da Saúde determinou à ARS que até ao dia 31 de Agosto as enfermeiras em causa passem a receber o suplemento remuneratório que foi atribuído aos enfermeiros especialistas em 2019 e que sejam integradas nessa carreira.

Questionado pelo PÚBLICO, o Ministério da Saúde confirmou que "foram tomadas medidas no sentido de resolver a situação deste grupo de enfermeiras".

Esta é uma situação que urge resolver, não só pelo tempo que já passou, mas também porque a extinção das Administrações Regionais de Saúde está iminente. Na semana passada, em Conselho de Ministros, o Governo aprovou o diploma que formaliza este processo, que ainda tem de ter o aval do Presidente da República.

Caberá à ARSLVT assumir o valor a pagar a estas enfermeiras desde a altura em que deveriam ter sido integradas na categoria de especialistas até 31 de Dezembro de 2023 e a partir do início deste ano, com a criação das Unidades Locais da Saúde, serão estas a assumir os valores desde Janeiro, tendo em conta os centros de saúde onde estão a exercer funções.

DANIEL ROCHA



Há crianças que só conseguem vaga a cinco quilómetros da aldeia onde vivem

Lei "empurrou" crianças do pré-escolar para outro concelho

Paula Sofia Luz

Numa aldeia de Pombal um grupo de pais não se conforma com o que chama "discriminação social" e avançou para uma petição

Um grupo de pais e mães da aldeia de Meirinhas, concelho de Pombal, lançou há pouco mais de uma semana uma petição pela alteração da lei que privilegia as crianças nascidas até 15 de Setembro para ingressar nos jardins-de-infância. Já nos últimos dois anos se verificou a novidade (desde a publicação do Despacho Normativo 10-B/2021, de 14 de Abril), mas este ano a realidade mostrou-se mais crua do que nunca: "Entraram dez meninos da aldeia, os restantes 15 são de outras localidades."

"Ficaram de fora nove, em que pelo menos seis são daqui", contou ao PÚBLICO Ângela Antunes, uma das mães que se mobilizaram para a petição. "Não temos nada contra o facto de entrarem aqui outras crianças, mas o que está a acontecer é discriminação social. É contribuir para que as crianças sejam desenraizadas dos seus territórios, obrigando-as a ingressar em estabelecimentos de outros concelhos ou distritos, só porque nasceram depois do dia 15 de Setembro." Por outro lado, o pré-escolar local vai acolher crianças "cujos pais nem sequer aqui trabalham, mas como ficamos a meio do caminho, entre Pombal e Leiria, dá-lhes jeito matricular aqui as crianças. E a lei facilita isso."

A notícia espalhou-se no final de Junho, quando foram afixadas as listas. De então para cá, um grupo de pais tem movido tudo o que pode para tentar conseguir alterar a lei. De resto, a petição invoca mesmo uma nova redacção do despacho em causa, "de modo que não sejam discriminadas crianças pela idade (que completem 3 anos no ano civil do ingresso ao pré-escolar), podendo frequentar os estabelecimentos de ensino da sua área de residência".

A Ângela, que vive e trabalha em Meirinhas, sobrou como alternativa um jardim-de-infância a cinco quilómetros de distância, na aldeia de Bouça, já no vizinho concelho de Leiria. E nesse caso, não é só a escola que é diferente ou distante de casa: "Nas escolas do concelho de Pombal, a câmara municipal assegura os almoços gratuitamente, e isso já não acontece nas escolas de Leiria."

Marta Alves, dirigente da Associação de Pais de Meirinhas, tem acompanhado este processo desde o início, quando os pais foram à reunião da Assembleia de Freguesia, a 30 de Junho, pedir apoio à autarquia. E juntamente com a secretária da junta, Tânia Mota, solicitaram uma reunião à direcção do Agrupamento de Escolas Gualdim Pais, que integra o jardim de Meirinhas. "Nesse dia percebemos que seria muito difícil conseguir mudar as coisas", admite ao PÚBLICO, sublinhando que o objectivo da petição é precisamente "alterar os critérios para bem de todas as crianças deste país".

A verdade é que são muitos os casos como o de Meirinhas, enviesando assim o que o legislador considerou como "critérios de equidade e igualdade".

O presidente da Associação Nacional dos Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas, Filinto Lima, acredita que este é um problema cuja resolução depende dos directores de cada agrupamento. "Só a partir de Setembro é que conseguimos fazer alguns ajustes, nestes casos", explica, considerando que está em causa "um trabalho de conjugação de esforços feito por Ministério da Educação, autarquias e directores das escolas. Só em Setembro é que os conseguimos acomodar."

Os pais lutam agora por conseguir reunir as cinco mil assinaturas necessárias para fazer discutir a petição na Assembleia da República. "Porque isto está longe de ser um problema local, é um problema nacional", acrescenta Tânia Mota. A secretária da junta fala da importância de fixar população, e por mais que considere importante abrir portas a todos, não compreende "porque é que os filhos da terra têm de sair da terra".

De acordo com a autarquia, o Centro Escolar tem este ano a capacidade máxima, com mais de 180 crianças matriculadas, entre o pré-escolar e o primeiro ciclo.

Unidades de paliativos garantem ter camas vazias

O presidente da Associação Nacional de Cuidados Continuados (ANCC) revelou ontem que há unidades com camas de cuidados paliativos vagas e manifestou-se surpreendido com o relatório da Entidade Reguladora da Saúde (ERS) que indica que quase metade (48%) dos doentes referenciados no ano passado para unidades de paliativos contratualizadas com o sector privado ou social morreu antes de ter vaga.

"Desde há pelo menos cerca de quatro a cinco anos que as nossas associadas que têm cuidados paliativos se queixam de que as taxas de ocupação andam na casa dos 50 a 60%, ou seja, as entidades perdem imenso dinheiro, porque quando a taxa de ocupação baixa dos 85% é feito um corte de dezenas de milhares de euros", explicou.

José Bourdain disse que, tal como nas outras tipologias de cuidados continuados, de cada vez que abre uma vaga, isso é comunicado à Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados (RNCCI) e afirmou: "Se não são colocados lá doentes, partimos do princípio de que, se calhar, não há doentes suficientes, mas pelos vistos não é assim." O responsável denunciou ainda que, muitas vezes, há utentes colocados em unidades de longa duração (onde as camas são mais baratas do que as de paliativos), que deveriam ir para paliativos: "Só pode ser para se poupar dinheiro."



Quase metade (48%) dos doentes referenciados no ano passado morreu antes de ter vaga

"Nós até chegámos a questionar o Governo anterior se isso seria alguma ordem que teria sido dada nesse sentido, numa lógica de poupar dinheiro, porque as unidades de longa duração não estão minimamente preparadas para receber doentes paliativos, nem sequer têm médico 24 horas, nem o pessoal tem formação necessária para esse efeito e, portanto, já denunciámos isso há bastante tempo", acrescentou.

O relatório da ERS refere que nem todos os utentes com referenciação para cuidados paliativos são necessariamente admitidos em unidades dessa tipologia ou noutra da Rede Nacional de Cuidados Paliativos (RNCP), sublinhando que apenas 32% acabaram admitidos em unidades daquela tipologia. **Lusa**

Campanha de marketing para atrair docentes está a revoltar professores

Clara Viana

Docentes dizem que não precisam de operações deste tipo e sugerem que verba seja investida na ajuda a deslocados

PAULO PIMENTA



"Ser professor... é mudar vidas." É este o mote da campanha lançada pela Direcção-Geral da Administração Escolar (DGAE) com o objectivo de atrair mais docentes para as escolas já neste próximo ano lectivo, que arranca a 12 de Setembro.

A campanha, que é da autoria da DGAE e pode ser vista no *site* deste organismo, entre outros canais, tem como destinatários professores já aposentados, docentes à beira da reforma, estrangeiros com habilitações para o ensino, investigadores e estudantes à procura de um caminho. Estes grupos já tinham sido escolhidos como alvos a atrair no Plano +Aulas+Sucesso, apresentado pelo MECI em Junho e que tem como objectivo reduzir drasticamente o número de alunos sem professores.

Em resposta a perguntas do PÚBLICO, o ministério indicou que "todas as imagens da campanha foram recolhidas em banco de dados, designadamente o *Adobe Stock*." Pode ver-se, entre outras fotografias do género, uma docente sentada junto de alunos com a legenda "Ser Professor é Continuar Jovem", uma outra em frente a um quadro de sala de aula com a epígrafe "Ser Professor é Voltar à Escola", ambas com idades supostamente a rondar os 65 anos ou mais, mas com um aspecto radiante.

"O dinheiro que gastam neste marketing seria muito mais bem entregue na concessão de apoios às deslocações e estadias dos professores, o que não está a acontecer, e poderia ajudar a valorizar a profissão junto dos mais jovens", comenta o presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas (ANDAEP), Filinto Lima.

Este responsável frisa que os docentes não precisam deste tipo de campanhas. "Já sabem se querem ou não prolongar o seu vínculo e a maioria não quer." "Estão a sair exaustos, tristes e desolados com o sistema", retrata.

Em declarações ao PÚBLICO, a dirigente da Missão Escola Pública, Cristina Mota, aponta no mesmo sentido, lembrando a título de exemplo que há 458 professores que entram na aposentação em Setembro, "o que é indicador de que o plano do ministro não vai surtir efeito". "Ainda que se atingissem os números previstos pelo MECI (1200) através do regresso de aposentados e adiamento das reformas, ficaria muito aquém das necessidades das escolas", destaca.



Ministério indicou que "todas as imagens da campanha foram recolhidas em banco de dados, designadamente o Adobe Stock". Docentes que adiem a reforma irão receber até mais 750 euros brutos

Quanto à campanha da DGAE, não desperdiça palavras: "Não foi bem aceite e não revela a realidade das escolas."

Também o movimento SOS Escola Pública já se insurgiu contra a campanha da DGAE, descrevendo em comunicado que "dá uma ideia de gozo com o que é da Educação", traduzindo-se assim numa "falta de respeito". "Os professores não precisam de *flyers* para se motivarem, os professores precisam do que é seu por direito para cumprir as suas funções", o que passa, entre várias outras reivindicações, por "aumentar significativamente o valor-base" de vencimento.

Segundo o MECI, "está prevista ainda a divulgação da campanha nos canais das Câmaras Municipais de Lisboa e do Porto". Para além do site da DGAE já pode ser vista nas redes sociais deste organismo, tendo sido também divulgada "junto das instituições do ensino superior, da Fundação para a Ciência e Tecnologia, da rede pública de escolas e junto dos públicos-alvo".

Compensações financeiras

Entre as medidas para captar professores, que são descritas de novo na campanha da DGAE, o Governo comprometeu-se a compensar os docentes que adiem a entrada na reforma com "uma remuneração adicional até 750 euros brutos".

Deste modo pretende conseguir que mais mil professores continuem a dar aulas, mesmo já tendo atingido a idade de reforma. É para este grupo que se destina um dos alentos já referidos da campanha da DGAE: "Ser Professor é Continuar Jovem".

É também através de uma compensação financeira extra - até cerca de 1400 euros líquidos - que se pretende atrair 200 professores aposentados para regressar à escola. Neste caso, o alvo são docentes das disciplinas com maior carência de professores. Estão identificadas 15, entre as quais Português, Matemática, História, Física e Química e Biologia e Geologia.

Numa rubrica designada como "Primeiro Passo", a Direcção-Geral da Administração Escolar indica o seguinte: "Para ingressar nesta profissão começa por comunicar com a DGAE, através do preenchimento do formulário de contacto." O mesmo está disponível no final da página reservada a esta campanha. Para o efeito já foi criado um novo endereço de *email*: serprofessor@dgae.medu.pt.

Os professores que ingressam ao abrigo deste plano apenas podem concorrer a horários disponíveis em contratação de escola, o que actualmente dispensa a titularidade de um mestrado em ensino.

Novo ensino secundário arranca em sete escolas

Clara Viana

São apenas sete os estabelecimentos de ensino que desenvolverão, no ano lectivo de 2024/2025, os chamados Projectos-Piloto de Inovação Pedagógica (PPIP) que propiciarão uma nova forma de organizar o ensino secundário, informou ontem o Ministério da Educação e Ciência.

Os estabelecimentos em causa são os Agrupamentos de Escolas de Alcanena, Cristelo, Caneças, Elvas, Marinha Grande Poente, o Colégio Pedro Arupe, em Lisboa, e a Escola Profissional de Jobra (ensino artístico), no município de Albergaria-a-Velha. Os PPIP foram autorizados num despacho publicado na segunda-feira, onde se especifica que "são concebidos por estabelecimentos de ensino público e privado, mediante convite da Direcção-Geral da Educação".

Nas escolas que vão desenvolver estes planos, os alunos do secundário irão ter uma nova disciplina de Literacia e Dados, que incluirá Literacia Financeira, Comercial, Laboral e Participação Democrática", entre outras. Para além desta contarão com uma nova área curricular – "Projecto Pessoal" – que será avaliada como uma "prova de aptidão pública", à semelhança do que acontece no ensino profissional e artístico.

O MECI adianta que esta é uma "nova versão" dos planos de inovação lançados pela anterior tutela, designando-o assim por PPIP II. Dada "a rigidez curricular e a pouca articulação entre disciplinas, que ainda persiste nos Cursos Científicos-Humanísticos e nos Cursos Profissionais, o objectivo desta nova operação "passa pela possibilidade de aprofundamento de conhecimentos em diferentes áreas, proporcionando aos alunos uma formação mais abrangente e enriquecedora".

O que será feito dando permissão aos alunos de fazerem o seu próprio menu de disciplinas entre a oferta existente na escola. Os estudantes dos Cursos Científico-Humanísticos terão uma componente de formação comum, que integra as disciplinas de Português, Língua Estrangeira, Filosofia e Educação Física, a que se juntarão Literacia e Dados e o Projecto Pessoal. A liberdade de escolha está guardada para a componente específica. Os do ensino profissional poderão, pelo seu lado, frequentar disciplinas que pertencem à oferta dos Cursos Científico-Humanísticos para integrar as componentes sociocultural e científica deste curso, cuja composição será de escolha livre.

Hotel de 15 andares levanta reservas sobre futura marina de Setúbal

Consulta pública terminou ontem com Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão a apelar à participação dos cidadãos. Projecto ainda tem de ser aprovado pela câmara

Francisco Alves Rito

A consulta pública sobre a Proposta da Definição de Âmbito (PDA) do Estudo de Impacte Ambiental (EIA) para a futura marina de Setúbal, que terminou ontem, está a suscitar preocupação à Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão (LASA) devido à cércea de um edifício, de 15 pisos, previsto no projecto.

O prédio, destinado a um hotel, ficará na zona central da marina, junto ao rio, no local onde está hoje o Clube Naval Setubalense, e, para a LASA, é necessário reduzir a cércea desse edifício.

"A altura projectada para esse imóvel, 15 pisos, cria uma barreira permanente entre a cidade e o rio, não respeitando o perfil urbano ideal, escalonado da serra [da Arrábida] para a baía (clube das mais belas baías do mundo), não assegurando a democratização do direito à fruição da paisagem e estabelecendo um corte abrupto e definitivo com a escala do centro histórico, suas referências culturais e urbanas no perfil da imagem da cidade", refere o parecer da LASA sobre o projecto.

A associação, que tem estatuto de interesse público e de organização não governamental de ambiente (ONGA), recorda que "a Avenida Luísa Todi conta, infelizmente, com dois casos disruptivos até hoje impossíveis de integrar física e afectivamente na cidade", referindo-se a dois prédios mais antigos que, pelas suas dimensões, se destacam na paisagem urbana.

Embora reconheça "a necessidade de requalificação da frente ribeirinha de Setúbal", a LASA defende "pressupostos distintos dos apresentados" e sublinha que o empreendimento ficará localizado na zona de dois edifícios classificados – o Baluarte do Livramento, da linha de muralhas do século XVII e o edifício da Segurança Social – numa área "da mais elevada relevância histórica, urbanística, paisagística, identitária e económica da cidade", pelo que as "intervenções levadas a cabo neste espaço deverão ser cuidadosamente ponderadas pelos setubalenses".

A associação apela, por isso, à participação dos cidadãos na consulta pública, que começou a 24 de Julho e que terminou ontem, que decorreu no *site* Participa e contava no último dia com 74 participações.

No caso da LASA, as preocupações estendem-se a outros aspectos, além da altura do hotel. A associação não está convencida, também, quanto à localização e à dimensão da marina, que considera excessiva. "Os pressupostos constantes dos objectivos do projecto 'promoção de uma maior e melhor relação entre a cidade e o rio' não estão fundamentados", conclui o parecer da associação, assinado pelos presidentes da direcção, Joaquina Coelho Soares, da assembleia geral, Helena Fragoso de Mattos, e do conselho fiscal, Pedro Moniz Borba.

A futura marina no estuário do Sado será construída na área actualmente ocupada pela doca do Clube Naval Setubalense, na frente ribeirinha e na zona central da cidade.

O estudo prévio, que foi apresentado pela Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra (APSS) aos eleitos locais, em 2022, indica que a marina vai ter capacidade para acolher 600 embarcações, incluindo iates de grandes dimensões (50 metros).

Na Proposta de Definição de Âmbito, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, que é a entidade coordenadora da consulta pública, refere que o projecto, promovido pela APSS, "não se encontra inserido em qualquer Área Protegida ou Sítio Classificado da Rede Natura".

A CCDR-LVT salienta, no entanto, que, na sua proximidade, é de assinalar a "presença de áreas sensíveis do ponto de vista da conservação da natureza" e que, relativamente ao património classificado ou em vias de classificação, através da consulta ao Atlas do Património, alojado no *site* Património Cultural, verifica-se a "presença na área de intervenção e sua envolvente próxima [de] património classificado".

O projecto é apresentado pelo promotor, a Administração dos Portos de Setúbal e Sesimbra, como um objectivo estratégico. "Uma marina com condições de excelência para o acolhimento de um maior número de embarcações e de uma série de serviços de qualidade" contribui para o desenvolvimento da actividade do turismo náutico, frisou Carlos Correia, presidente da APSS, em Novembro de 2022 quando foi apresentado o estudo prévio.

Pormenores por definir

Embora a marina de Setúbal esteja já prevista no novo Plano Director Municipal (PDM), o projecto concreto tem ainda de ser enquadrado num Plano de Pormenor a elaborar e aprovar pela câmara municipal pelo que, refere o autarca André Martins, esta consulta pública não é ainda sobre as questões apontadas pela LASA.

"Neste momento, o que está em consulta pública é o impacte ambiental da área de delimitação proposta", diz o autarca, acrescentando que "fica já o registo da questão que colocam, para consultas sobre estudos e projectos posteriores".

Em declarações ao PÚBLICO, André Martins diz que "a questão que levantam há-de vir a ser considerada no âmbito do plano de pormenor que terá lugar mais à frente, quando avançar o projecto da marina, que também terá discussão pública".

O autarca louva o papel cívico da associação e a oportunidade do apelo à participação na consulta pública. "Não há dúvida de que toda a frente ribeirinha é uma área de grande sensibilidade e por isso é importante participar em todos os momentos e fases de desenvolvimento deste grande projecto. E há que salientar o facto de a LASA estar atenta e sempre disponível para participar e colaborar sobre matérias de grande importância para as pessoas e para o território, como é o caso", conclui.

NUNO FERREIRA SANTOS



No Afeganistão dos taliban, as "afegãs estão a viver os seus piores pesadelos"

"Mata-me, mas não abuses de mim", implorou Amina depois de ser presa. Ignoradas, encerradas, alvo de abusos na cadeia, afegãs não vêem futuro, três anos depois do regresso dos taliban

Sofia Lorena

Zahra tinha 16 anos quando os taliban a prenderam. "Desonraram-me", disse quando voltou para casa. Uma noite, a mãe deu com a cama dela vazia e o pai descobriu o corpo – tinha-se enforcado. Sayeda, de 22 anos, passou a receber menos de metade do seu salário para tentar manter os 25 empregados que tinha antes de lhe fecharem o salão de beleza: agora trabalham às escondidas, não sabem até quando.

Foi a 15 de Agosto de 2021 que os "estudantes de teologia" reentraram, triunfantes, em Cabul, para declararem, de novo, o Emirado Islâmico do Afeganistão. Ontem houve cerimónias e paradas militares por todo o país. Algumas incluíram exibições desportivas e leituras de poesia, mas em nenhuma foi autorizada a presença de mulheres. Segundo a Associated Press, as avenidas, rotundas e parques de Cabul foram decorados com milhares de bandeiras brancas e pretas do emirado – as afegãs podem ter visto as bandeiras nas rotundas, mas dos parques e jardins foram banidas em Novembro de 2022.

Como nenhum país reconhece o governo dos taliban, a ajuda ao desenvolvimento quase desapareceu (algumas ONG saíram o ano passado, depois de os extremistas terem proibido as afegãs de trabalhar com organizações internacionais) e já começaram a faltar palavras para descrever a crise humana.

A ONU estima que mais de metade da população enfrenta insegurança alimentar e "as mulheres e as raparigas", afastadas da escola desde os 11 anos – o que não acontece em mais nenhum país do mundo – e proibidas de exercer a esmagadora maioria das profissões, "contam-se entre as pessoas mais gravemente afectadas".

Apesar da falta de reconhecimento, os islamistas têm mantido encontros de alto nível com países como a China e a Rússia. E em Junho até participaram numa conferência especial sobre o futuro do país organizada pela ONU com enviados de 22 países. Nenhuma afegã esteve presente e os direitos das mulheres fizeram parte da agenda.

A *sharia* (lei islâmica) dos taliban tem sido a justificação para apagar as mulheres do espaço público. As proibições sucederam-se depois do Verão de 2021 e era difícil imaginar que a vida das afegãs pudesse ficar ainda pior. Mas é isso que tem acontecido.

ZOHRA BENSEMRA/REUTERS



QUDRATULLAH RAZWAN/EPA



As mulheres foram apagadas do espaço público e são as maiores vítimas das leis impostas pelos taliban

A ONU estima que mais de metade da população enfrenta insegurança alimentar

O ano passado foram proibidos os salões de beleza, que não só eram um dos poucos espaços fora de casa onde as mulheres podiam estar como garantiam a sobrevivência de muitas famílias.

A ordem de encerramento "partiu-lhe o coração", contou por estes dias Sayeda (nome fictício) à AFP, mas a jovem de 22 anos encontrou uma casa para alugar, noutra zona da capital afegã, e manteve o seu salão de beleza a funcionar. Os clientes são obrigados a "vir muito discretamente" e alguns empregados dormem no local, "para que os vizinhos pensem que vive aqui uma família".

De 30 a 40 clientes por dia passaram a ter "seis ou sete", mas ficaram os 25 empregados. Agora, todos recebem um terço para que "todos tenham um rendimento". "Estamos a trabalhar às escondidas e não sabemos por quanto tempo mais", disse. A polícia já "descobriu alguns salões [ilegais], partiu o equipamento, maltratou o pessoal".

"Violência, intimidações"

Mais de 20 afegãs defensoras dos direitos humanos "disseram à Amnistia Internacional que perderam o controlo sobre todos os aspectos das suas vidas", lê-se num comunicado divulgado pela ONG neste aniversário. "Após três anos sob o domínio dos taliban, todas fizeram eco do sentimento de não serem 'ninguém'", continua o texto. "Dizem às mulheres que perderam o seu poder de intervenção, o seu emprego e o seu estatuto económico e que o regresso dos taliban é um passo positivo para acabar com aqueles que pregavam o adultério em nome dos direitos humanos e das mulheres", afirmou Razia, uma activista dos direitos humanos da província de Kunduz.

Em Janeiro, começaram a chegar notícias de jovens e mulheres detidas por supostas violações do código de vestuário, o chamado "mau *hijab*", que implica tapar o corpo, o cabelo e o rosto em público.

Zahra (nome fictício) saiu de casa para ir à loja do primo e não voltou. Os pais descobriram que tinha sido detida pelos taliban, contou a mãe aos jornalistas do *Zan Times*, um projecto de jornalismo independente que acompanha a vida das afegãs. Quando regressou, duas semanas depois, a mãe diz ter corrido para a abraçar. "Mas ela chorou e disse 'Desonraram-me'. Durante o resto do dia, não comeu nem falou. Só chorou", contou, meses depois.

A adolescente acabou por se enforcar e a sua morte não foi a única que o *Zan Times* descobriu na investigação sobre as afegãs detidas por "mau *hijab*". Pelo menos outra foi encontrada morta depois da detenção e há muitas denúncias de maus tratos, tortura e violação.

Amina (nome fictício), de 22 anos, passou três noites numa prisão taliban. Um homem mais velho perguntou-lhe se era casada e falou da sua menstruação. "Caí em cima dos sapatos dele e implorei-lhe: 'Por favor, mata-me, mas não abuses de mim'. Ele pôs os sapatos na minha cabeça e disse: 'Já que queres morrer, vou matar-te, mas antes, vamos divertir-nos contigo'", disse Amina ao *Zan Times*. Agora, diz, não consegue dormir e desmaia cada vez que vê um soldado taliban. "Já tentei matar-me duas vezes."

Num relatório divulgado esta semana, a Human Rights Watch confirma as detenções de mulheres e raparigas por causa do "mau *hijab*" e escreve que "os peritos da ONU relataram que algumas foram sujeitas a 'violência física, ameaças e intimidação'". "Sob o domínio abusivo dos taliban, as mulheres e raparigas afegãs estão a viver os seus piores pesadelos", afirma Fereshta Abbasi, investigadora da ONG no Afeganistão, exigindo a todos os governos "esforços para responsabilizar os líderes taliban pelos seus crimes".

Soldados russos capturados em Kursk podem ser usados em futuras trocas de prisioneiros

David L. Stern e Robyn Dixon

Autoridades ucranianas garantem que não pretendem continuar na região russa. Moscovo responsabiliza Ocidente

O Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, e o comandante das Forças Armadas, Oleksandr Syrsky, vangloriaram-se na terça-feira do sucesso contínuo da incursão surpresa da Ucrânia no Oeste da Rússia, reivindicando novos ganhos territoriais e a captura de forças russas que Zelensky disse poderem ser trocadas por prisioneiros de guerra ucranianos.

As declarações de Zelensky e Oleksandr Syrsky, feitas um dia depois de Zelensky ter reconhecido, pela primeira vez, as operações em curso em Kursk, pareciam implicar que a incursão em território russo fazia parte de uma estratégia para futuras negociações e não uma ocupação indefinida.

Num vídeo publicado no canal oficial de Zelensky no Telegram, que mostrava o Presidente no seu gabinete a falar com o seu general de topo através de uma ligação vídeo no seu computador, Syrsky é visto a apresentar um breve relatório sobre os ganhos das forças ucranianas nas últimas 24 horas na região ocidental russa de Kursk, onde as tropas ucranianas entraram há quase uma semana. Syrsky disse que as suas forças "avançaram um a três quilómetros" e controlam 74 povoações.

No vídeo, Zelensky agradece a Syrsky por "encher a reserva de troca" de soldados russos capturados que podem ser trocados por prisioneiros de guerra ucranianos. "Centenas de soldados russos já se renderam e todos eles receberam um tratamento humano. O tratamento humano que não foi dado nem mesmo pelo Exército russo", disse Zelensky no seu discurso habitual de terça-feira. Os comentários de Zelensky sobre a natureza táctica da operação de Kursk ecoaram observações semelhantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros ucraniano na terça-feira – que a Ucrânia não pretende manter o território russo que as suas tropas tomaram nos últimos dias.

"A Ucrânia não está interessada em tomar o território da região de Kursk, mas queremos proteger a vida do nosso povo", disse o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros ucraniano, Heorhii Tykhyi, numa conferência de imprensa. "Posso sublinhar aqui que, ao contrário da Rússia, a Ucrânia não precisa [daquilo que pertence] a outra pessoa", disse Tykhyi.

No entanto, manter o território durante um período prolongado, até que possa ser trocado por algo melhor, possivelmente num acordo de paz, apresenta as suas próprias dificuldades. Apesar dos sucessos tácticos da Ucrânia, as Forças Armadas de Moscovo ainda ultrapassam de longe as de Kiev em termos de número de soldados e de armamento. A incursão, que está a ocorrer a cerca de 530 quilómetros a sul de Moscovo, alterou, todavia, a dinâmica da guerra na Ucrânia, onde as forças de Moscovo têm tido ganhos lentos mas constantes ao longo da linha da frente no Sul e no Leste da Ucrânia.

Na segunda-feira, as autoridades russas afirmaram que as forças ucranianas tinham avançado 12 quilómetros para o interior do país e que controlavam mais de duas dúzias de aldeias, e as autoridades da região russa vizinha de Belgorod começaram a retirar os civis.

Segundo Tykhyi, o objectivo dos ataques transfronteiriços é principalmente por razões de segurança. "Desde o início deste Verão", a Rússia efectuou 'mais de 2000 ataques' a partir da região de Kursk contra a região de Sumy, na fronteira com a Ucrânia", afirmou. Estes ataques envolveram sistemas de *rockets*, morteiros, *drones*, 255 bombas aéreas guiadas [e] mais de uma centena de mísseis", disse Tykhyi.

"A Rússia trouxe esta guerra para o território da Ucrânia e é correcto que esta guerra regresse agora ao território da Rússia", disse, acrescentando que "quanto mais depressa a Rússia concordar com o restabelecimento de uma paz justa (...) mais depressa cessarão os ataques das forças de defesa ucranianas ao território russo."

Rússia culpa Ocidente

Os oficiais do Ministério da Defesa russo afirmaram em comunicado na terça-feira que as unidades do Exército russo, as novas reservas, os aviões do Exército, as equipas de *drones* e as forças de artilharia impediram os grupos móveis blindados ucranianos de se deslocarem mais profundamente na Rússia, perto das povoações de Kursk de Obshchy Kolodez, Snagost, Kauchuk e Alexeyevsky.

Alexander Bortnikov, o chefe do Serviço Federal de Segurança, acusou mesmo a Ucrânia de "um ataque terrorista" na região russa de Kursk "com o apoio do Ocidente". Kiev, disse ele, estava "a visar a população civil e as instalações civis".

Exclusivo PÚBLICO/ *The Washington Post*

VIACHESLAV RATYNSKYI/REUTERS



Militares ucranianos em operações perto da fronteira russa

> **A Rússia trouxe esta guerra para o território da Ucrânia e é correcto que esta guerra regresse agora ao território da Rússia**
>
> **Heorhii Tykhyi**
> Porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia

Hamas não participa nas negociações para tréguas em Gaza que podiam travar ataque do Irão

Governo israelita vai enviar uma delegação às conversações para acordo de paz que devem começar hoje no Qatar

O grupo islamista palestiniano Hamas anunciou que não participará na nova ronda de negociações de cessar-fogo em Gaza, que devem começar hoje, no Qatar, diminuindo as esperanças de uma trégua negociada que, segundo fontes iranianas, poderia travar um ataque do Irão a Israel como retaliação pelo assassinato do líder do Hamas, Ismail Haniyeh, no seu território, no mês passado.

As conversações para o cessar-fogo deverão incluir altos funcionários dos serviços secretos do Egipto, de Israel e dos Estados Unidos, bem como o primeiro-ministro do Qatar.

Os Estados Unidos esperam que as conversações indirectas decorram como planeado em Doha, capital do Qatar, e que um acordo de cessar-fogo ainda seja possível. No entanto, o Presidente dos EUA, Joe Biden, disse aos jornalistas que o acordo "está a ficar mais difícil", mas que não estava "a desistir". O secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, adiou mesmo uma viagem ao Médio Oriente que deveria ter começado na terça-feira, sem adiantar a nova data.

Israel confirmou, ontem, que vai enviar uma delegação para as conversações. "Israel enviará a equipa de negociações na data acordada, ou seja, amanhã [hoje], 15 de Agosto, a fim de finalizar os pormenores da implementação do acordo", disse o porta-voz do governo, David Mencer, num *briefing*.

A delegação inclui o chefe de espionagem de Israel, David Barnea, o chefe do serviço de segurança interna, Ronen Bar, e o chefe militar de reféns, Nitzan Alon, disse um funcionário da defesa, de acordo com a Reuters.

Por seu lado, o Hamas insiste num plano viável para concretizar uma proposta que já aceitou, em vez de mais conversações. "O Hamas está comprometido com a proposta que lhe foi apresentada a 2 de Julho, que se baseia na resolução do Conselho de Segurança da ONU e no discurso de Biden, e o movimento está preparado para iniciar imediatamente a discussão sobre um mecanismo para a aplicar", disse Sami Abu Zuhri, alto funcionário do Hamas, à Reuters. "Ir para uma nova negociação permite que a ocupação imponha novas condições e use o labirinto da negociação para efectuar mais massacres", acrescentou.

Ahmad Abdul-Hadi, representante do Hamas no Líbano, disse em entrevista que isso significaria "voltar à estaca zero" e acusou o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, de estar a arrastar as negociações. "Netanyahu não está interessado em chegar a um acordo que ponha fim à agressão, mas sim em enganar e evadir-se e quer prolongar a guerra, ou mesmo expandi-la a nível regional", disse Abdul-Hadi, citado pelo *New York Times*.

Dois funcionários informados sobre as conversações, que falaram sob anonimato ao *NYT*, disseram que o Hamas ainda estaria disposto a dialogar com os mediadores após a reunião, se Israel apresentasse uma "resposta séria" à última oferta do Hamas, do início de Julho.

O porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, Vedant Patel, afirmou que os funcionários do Qatar garantiram aos Estados Unidos que iriam trabalhar para que o Hamas estivesse representado nas conversações, embora não tenha dito se os membros do grupo estariam presentes pessoalmente ou se seriam representados apenas por intermediários.



Sami Abu Zuhri rejeita mais conversações e pede aplicação da proposta já aceite pelo Hamas

"Esperamos que estas conversações avancem", disse Patel.

Apesar da marcação das negociações do Qatar, não houve qualquer abrandamento dos combates em Gaza, onde os residentes da cidade de Khan Younis, no Sul, afirmaram que as forças israelitas fizeram explodir casas no Leste e intensificaram o bombardeamento de tanques nas zonas orientais do centro da cidade.

Israel disse que estava a responder aos disparos de *rockets* feitos pelo Hamas em direcção a Telavive na terça-feira e que tinha atingido plataformas de lançamento de *rockets* e mais 40 alvos militares, incluindo no centro de Gaza, em Khan Younis, e no Oeste de Rafah, no Sul. **Reuters**

Público LEVOIR



Uma história traçada pela culpa.



COLECÇÃO **NOVELA GRÁFICA VIII** - EDIÇÃO QUINZENAL

LIVRO 4 - CRIME E CASTIGO

Argumento e desenho: Bastien Loukia

Crime e Castigo, de Dostoiévski, é um clássico cuja leitura poucos se atrevem a terminar, mas que todos conhecem. Numa adaptação e ilustração de Bastien Loukia, que equilibra fidelidade e originalidade, a história do ex-estudante Raskolnikov, que assassina uma agiota e a sua irmã, desenrola-se num drama de remorso, culpa e loucura. A sua fidelidade ao texto original e a simplicidade das expressões enfatizam as palavras poderosas de Dostoiévski.

COMPRE AQUI

loja.publico.pt

*Colecção de 11 livros em capa dura. PVP unitário: vols. 3, 5, 8, 9 e 11: 13,90 €; vols. 1, 2, 7 e 10: 14,90 €; vols. 4 e 6: 15,90 €. Preço total da colecção: 160,90 €. Periodicidade quinzenal às sextas, entre 5 de Julho e 22 de Novembro de 2024. Stock limitado.

Venezuela: relatório da ONU critica falta de "transparência e integridade" das eleições

Leonete Botelho

Para peritos da ONU, não foram seguidas as regras na publicação dos resultados e a falta de divulgação das actas não tem precedentes

O painel de peritos eleitorais das Nações Unidas divulgou um relatório preliminar da sua visita à Venezuela em que afirma que o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) do país não cumpriu as "regras básicas" quando anunciou a vitória de Nicolás Maduro nas eleições de 28 de Julho e que a falta da divulgação das actas com os resultados detalhados "não tem precedentes nas eleições democráticas contemporâneas".

"O Conselho Nacional Eleitoral ainda não publicou, e ainda não divulgou nenhuma acta [ou resultado detalhado por urna] que sustentem os seus anúncios orais, conforme previsto na lei eleitoral", afirma-se no relatório, que conclui por isso que "o processo de gestão dos resultados do CNE ficou aquém das medidas básicas de transparência e integridade que são essenciais para a realização de eleições credíveis".

O grupo de quatro especialistas da Organização das Nações Unidas (ONU) presidida por António Guterres esteve no país poucas semanas antes das eleições, numa missão de observação que tinha como objectivo principal sugerir correcções futuras do processo eleitoral. No entanto, a forma como decorreu este processo não lhes permitiu ficarem indiferentes e acabaram por publicar um relatório que estava previsto ser confidencial.

"O processo de gestão de resultados por parte da CNE não cumpriu as medidas básicas de transparência e integridade que são essenciais para a realização de eleições credíveis. Também não seguiu as disposições legais e regulamentares nacionais e todos os prazos estabelecidos não foram respeitados", escrevem os peritos.

Segundo a sua experiência, acrescentam, o anúncio dos resultados de eleições sem a publicação detalhada de resultados "não tem precedentes nas eleições democráticas contemporâneas" e teve "um impacto negativo na confiança no resultado anunciado pela CNE entre grande parte do eleitorado venezuelano".

Em resposta a este relatório, o presidente da Assembleia Nacional, Jorge Rodríguez, chamou "lixo" ao painel da ONU e propôs uma reforma nas leis eleitorais do país que impeçam a presença de observadores internacionais em próximos actos eleitorais. "Porque eles têm de vir? Com que direito? Que tipo de capacidade eles têm?", questionou. "Eu proponho que nós façamos uma reforma das leis eleitorais da Venezuela para que nunca mais um estrangeiro venha a tomar posição sobre nada que tenha que ver com as eleições da Venezuela", afirmou.

As actas *vs.* silêncio

No relatório, os peritos salientam que o CNE não publicou as actas, que consideram "provas fundamentais em papel", que possuem "vários elementos de segurança como códigos QR e códigos de verificação com assinaturas únicas", bem como assinaturas físicas de funcionários e agentes", o que as torna "muito difíceis de falsificar".

A ausência dessa publicação levou mesmo o Tribunal Supremo do país a fazer um ultimato ao CNE, exigindo em três dias a apresentação das "folhas de apuramento das mesas de voto a nível nacional; a folha de apuramento final do processo; bem como a folha de adjudicação e a folha de proclamação do processo indicado". O CNE entregou os documentos no final do prazo, mas continuou sem os publicar, estando neste momento em apreciação pelo tribunal, também ele ligado ao regime de Maduro, tal como a autoridade eleitoral.

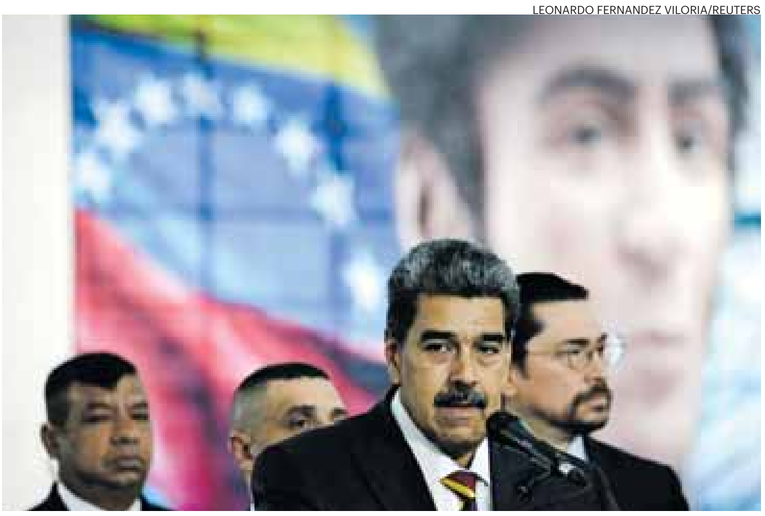
A juíza que preside à câmara eleitoral do tribunal convocou todos os candidatos para apresentação de provas, mas o principal adversário de Maduro, Edmundo González, não compareceu em tribunal, receando ser detido, uma vez que se encontra sob investigação criminal.

As actas eleitorais tornaram-se o cerne do conflito pós-eleitoral na Venezuela. Com uma extensa rede de testemunhas nas mais de 30 mil mesas de voto pelo país, a oposição conseguiu recolher 83% das actas electrónicas geradas durante a votação, que é ao mesmo tempo electrónica e em papel, e publicou-as numa base de dados acessível universalmente na Internet.

Os especialistas eleitorais da ONU acederam a essas actas e escrevem no relatório ter analisado "uma pequena amostra" e concluído que "todos os documentos verificados exibem todos os recursos de segurança dos protocolos de resultados originais".

Sobre o suposto ataque informático de que o Governo se queixou e que terá impedido a transmissão electrónica de resultados o painel salienta que o sistema digital funcionou bem inicialmente, "mas parou abruptamente nas horas seguintes ao encerramento das assembleias de voto, sem que tenha sida fornecida qualquer informação ou explicação aos candidatos ou aos membros das mesas".

LEONARDO FERNANDEZ VILORIA/REUTERS



O CNE declarou a reeleição de Maduro sem qualquer prova

Primeiro-ministro do Japão vai deixar o cargo em Setembro

Sofia Neves

O primeiro-ministro do Japão, Fumio Kishida, deixará o cargo no próximo mês, sucumbindo ao descontentamento público em relação aos escândalos políticos e ao aumento do custo de vida, problemas que prejudicaram o seu mandato de três anos.

"A política não pode funcionar sem a confiança do público. Tomei esta pesada decisão a pensar no público, com a forte vontade de fazer avançar a reforma política", declarou Kishida numa conferência de imprensa para anunciar a sua decisão de não entrar para a corrida de reeleição como líder do Partido Liberal Democrático (LDP). "Para mostrar à população que o LPD está a mudar, são importantes eleições limpas e abertas, debate livre e vigoroso. O primeiro passo para mostrar que o LDP vai mudar é o meu afastamento."

De acordo com o sistema parlamentar do Japão, o dirigente do partido governante (ou o líder de uma coligação) torna-se primeiro-ministro. No pós-Segunda Guerra Mundial, o primeiro-ministro japonês tem sido sempre do LDP de Kishida, que realiza eleições internas para escolher (ou reeleger) um líder a cada três anos. A próxima eleição deve realizar-se já em Setembro.

A popularidade de Kishida começou a cair a pique logo em 2021, ano em que assumiu o cargo, quando vieram a público informações sobre ligações entre ministros e membros de topo do Partido Liberal Democrático e a poderosa e controversa Igreja da Unificação. Quando a notícia de que doações políticas não registadas tinham sido feitas em eventos de angariação de fundos do LDP, a sua popularidade atingiu novos mínimos.

Kishida também enfrentou, durante meses, o descontentamento da opinião pública por causa do aumento do custo de vida, da inflação e da estagnação dos salários, numa altura em que a quarta maior economia do mundo estava finalmente a sair de anos de pressão deflacionista.

Durante meses, o apoio público a Kishida e ao seu Governo ficou abaixo dos 30% nas sondagens, o que normalmente é visto como gatilho para novas eleições ou mudança de liderança. O primeiro-ministro fez várias tentativas para recuperar a confiança da população, incluindo legislação para mudar as regras de financiamento das campanhas políticas, mas acabou "sem cartas para jogar", disse Harumi Arima, analista político independente, ao *New York Times*. "Decidiu ser responsável e deixar o futuro com o próximo líder."



Os escândalos e o aumento do custo de vida contribuíram para a quebra de popularidade de Kishida

Durante o mandato, Kishida rompeu com a política económica anterior, abandonando estratégias orientadas para os lucros das empresas em favor de políticas destinadas a aumentar os rendimentos das famílias.

Tirou o Japão da pandemia de covid-19 com estímulos financeiros e nomeou o académico Kazuo Ueda para a presidência do Banco do Japão (BOJ), para tentar acabar com o estímulo monetário radical do antecessor. Mas em Julho o BOJ aumentou inesperadamente as taxas de juro à medida que a inflação se instalava, contribuindo para a instabilidade do mercado e para a subida do iene.

O seu primeiro mandato também foi marcado por mudanças rápidas na segurança que levaram o Japão a rever a sua política tradicionalmente pacifista. Kishida anunciou a maior expansão da força militar do Japão desde a Segunda Guerra Mundial, com o compromisso de duplicar a despesa com a defesa para impedir a China de prosseguir as suas ambições territoriais na Ásia Oriental. Com o incentivo de Washington, também restabeleceu as relações tensas do Japão com a Coreia do Sul.

O antigo ministro da Defesa Shigeru Ishiba já se apresentou como possível substituto de Kishida, afirmando que gostaria de "cumprir o seu dever", caso reúna apoio suficiente, segundo noticiou a estação pública de televisão NHK. Outros nomes apontados incluem o ministro do Digital, Taro Kono, e o antigo ministro do Ambiente Shinjiro Koizumi. **com agências**

Protestos antiturismo espalham-se pela Europa: "Faltam limites"

Os residentes das cidades visitadas queixam-se do descontrolo do sector, que os afasta dos centros urbanos e piora a qualidade de vida



Em várias cidades europeias, em particular nos países do Sul como Espanha e Itália, estão a surgir movimentos de protesto contra os efeitos negativos do crescimento do turismo

Marta Sofia Ribeiro

Depois de uma paragem drástica durante a pandemia de covid-19, o sector do turismo recuperou, há um novo fulgor para viajar e formas baratas de o fazer. Mas nas cidades de destino há residentes afastados dos centros urbanos, rendas a aumentar e suportar o custo de vida é um desafio cada vez maior. A onda de protestos contra o turismo excessivo tem-se intensificado e já chegou a Portugal. "Falta política, falta gestão territorial, faltam limites", resume José Alberto Rio Fernandes, investigador do CEGOT (Centro de Estudos em Geografia e Ordenamento do Território). Só assim as cidades e o turismo vão conseguir "entender-se" – é uma "obrigação", não há forma de lhe escapar, defende.

Dados da Organização Mundial do Turismo mostram que 2024 pode ser mais prolífero do que 2019, ano em que cerca de 1,5 mil milhões de turistas viajaram globalmente. A Grécia é um dos países europeus que têm registado maior crescimento de turistas. E em Atenas, os residentes estão fartos: "Turistas, desfrutem da vossa estadia no cemitério da Europa", lê-se num *graffito* que ocupa uma parede inteira na capital grega. Os manifestantes saíram à rua para exigir regulação dos alojamentos locais que, dizem, arrastam a população para fora da cidade. Depois de os gregos exigirem controlo, o primeiro-ministro, Kyriákos Mitsotákis, fez promessas de o fazer mas, para já, nenhuma dessas medidas foi posta em prática. E os protestos continuam.

Tudo isto era previsível. Em 1975, George Doxey estabeleceu o "índice de irritação" que explica os protestos antiturismo. Divide-se em quatro estados que representam o sentimento dos residentes de uma cidade sobre os turistas que a visitam: euforia, apatia, irritação e antagonização.

Ou seja, quando há uma primeira perspectiva de crescimento de turismo, os residentes querem receber todos os viajantes, sabem que trazem dinheiro e novos empregos agregados. Depois, a convivência passa a ser natural, sem grandes emoções associadas. Eventualmente, começam a surgir as consequências negativas de um crescimento descontrolado do sector que causam irritação que, se não for acautelada, evolui para a antagonização. "O velho conflito entre nós e os outros é muito expresso no conflito entre residentes e turistas", explica José Alberto Rio Fernandes, professor catedrático na Universidade do Porto. Pelos relatos que vão chegando de vários pontos do globo, as cidades que recebem muitos turistas parecem dividir-se entre o terceiro e o quarto estado.

De Barcelona a Cracóvia

No dia 6 de Julho, em Barcelona, cerca de 2800 pessoas saíram à rua para pedir uma mudança. Na última década, as rendas aumentaram 68%, segundo a Câmara de Barcelona, e os negócios locais escasseiam. Os residentes garantem que não querem acabar com o turismo, apenas regular a actividade e controlar as consequências nefastas que pode potenciar. A autarquia quer eliminar alojamentos locais até 2028 e recuperar mais 10 mil casas para residentes.

No final de Junho, milhares de residentes do Sul de Espanha reuniram-se em Málaga num protesto da mesma vaga. Este é um problema relativamente recente na cidade, que até há pouco servia apenas de passagem para a Costa del Sol. Agora que se transformou em destino final, as queixas são as mesmas de outras cidades e os alojamentos turísticos engoliram as casas no centro das cidades e quem lá vivia teve de arranjar nova morada. Por isso, há autocolantes espalhados pela cidade com mensagens dirigidas aos turistas: "AnTes vivia aqui uma família", "AnTes esta era a minha casa" (AT é a sigla espanhola que assinala os alojamentos locais).

Nas ilhas Canárias, um grupo de activistas fez greve de fome durante dez dias para pressionar o governo regional a paralisar a construção de um hotel e de um complexo habitacional de luxo. Na segunda-feira, nas ilhas Baleares, mais de uma centena de pessoas deu um mergulho de protesto exibindo uma faixa onde se lia "Ocupemos as nossas praias", nome de um movimento contra o turismo de massas. No mês passado, milhares saíram à rua em Maiorca por medidas concretas para limitar e diminuir o número de turistas.

Este ano, espera-se que Espanha receba 100 milhões de visitantes, mais do dobro da população, segundo dados do CaixaBank.

Mas não são só os espanhóis que têm uma relação hostil com o turismo de massas. Em Veneza, depois de a cidade passar a cobrar cinco euros aos visitantes que ficassem apenas um dia, os moradores saíram à rua. A autarquia garante que a medida serve para encontrar um equilíbrio entre turistas e residentes, mas quem vive na icónica cidade italiana parece ver a questão de outra perspectiva. Dizem que Veneza passará a ser vista como "um parque temático" e ninguém deixará de fazer uma visita por ter de pagar um valor tão baixo. Entretanto, o projecto-piloto terminou, mas deve voltar em 2025, noutros moldes e com um custo mais elevado.

Em Cracóvia, em Junho, os moradores processaram a autarquia por não controlar as consequências do turismo desenfreado. Na mesma semana, o novo presidente da câmara da cidade, Aleksander Miszalski, anunciou que a autarquia tenciona nomear uma autoridade municipal para gerir o período da noite e criar uma comissão que investigue o problema e sugira soluções.

> **O velho conflito entre nós e os outros é muito expresso no conflito entre residentes e turistas**
>
> **José Alberto Rio Fernandes**
> Professor catedrático na Universidade do Porto

ELOY ALONSOREUTERS



A mesma vaga de protestos eclodiu em 2017, ainda que com menos intensidade. Nessa altura, vários especialistas disseram ao *Jornal de Notícias* que, no imediato, os portugueses não seguiriam o mesmo modelo de movimentação colectiva – e tinham razão. Sete anos depois, a realidade é outra: nos protestos pelo direito à habitação multiplicam-se os cartazes críticos do turismo e da "turistificação das cidades" que, explica Rio Fernandes, gera o conflito entre residente e turista.

"A dificuldade está em saber o que é que são turistas a mais e em conseguir que os turistas não se comportem como cidadãos diferentes", pelo que deve ser possível que "a cidade seja um espaço de encontro e não de desencontro", afirma o professor catedrático. No coração de Sintra sobram poucos residentes, sentem que a cidade já não é para eles. Para combater essa turistificação, a associação QSintra publicou um comunicado que exige medidas à câmara para que a cidade não se transforme "num mero parque de diversões congestionado". E ainda espalhou pela cidade faixas onde se lê: "Queremos Sintra viva e habitada. Não ao turismo de massas!" e "Património Mundial sim, parque de diversões não!" No Porto, há quase uma década, vêem-se espalhados pela cidade autocolantes e *grafitti* onde se lê "Morto.", aludindo ao logótipo da cidade.

Se por um lado crescem esses movimentos contestatários, por outro continua a haver um "deslumbramento", diz Rio Fernandes, "quer do ponto de vista económico, quer do ponto de vista político". Para o professor catedrático, não se deve avaliar o turismo como "bom ou mau" apenas pelo crescimento porque as cidades transformam-se em "lugares instagramáveis" onde falta regulação. Em Lisboa e no Porto, considera, já se chegou ao "excesso". E é essa falha que dá azo a movimentos "que criam uma certa turismofobia", o que lhe parece um "contra-senso porque todos nós também somos turistas" noutras cidades. **Texto editado por Pedro Ferreira Esteves**

Comparação

Sobrecarga turística em Lisboa e no Algarve está ao nível de Barcelona ou Amesterdão

Rafaela Burd Relvas

Lisboa e Algarve têm mais turistas por habitante ou mais alojamentos locais por habitações do que Barcelona e Amesterdão

Portugal tem resistido à imposição de limites ao turismo e contraria, assim, a tendência seguida em alguns dos maiores destinos europeus. Mas não é por falta de evidências do impacto por vezes negativo desta actividade. Por esta altura, os principais indicadores usados para medir a sobrecarga turística estão, em Lisboa e no Algarve, ao nível ou acima daqueles que se verificam em cidades como Barcelona ou Amesterdão, onde já há restrições pesadas à actividade turística.

A sobrecarga turística tem sido tema frequente de investigação nos últimos anos, mas continua a não ter uma definição universal, embora haja consenso quanto aos seus efeitos: a degradação das infra-estruturas e serviços (por exemplo, com a falta de capacidade de transportes públicos para dar resposta ao fluxo existente), maior poluição, a criação de desequilíbrios na economia (com a inflação de preços ou a diminuição da oferta habitacional), e a diminuição da qualidade de vida dos habitantes e da experiência dos visitantes são as consequências mais visíveis deste fenómeno. Há várias abordagens para o medir e, na larga maioria dos estudos sobre este assunto, há dois indicadores utilizados recorrentemente: a densidade turística, medida pelo cálculo do número anual de hóspedes por quilómetro quadrado, e a intensidade turística, que diz respeito ao número anual de hóspedes por habitante.

E, aí, a cidade de Lisboa e o Algarve – principais regiões turísticas de Portugal, respondendo por quase 40% dos hóspedes e perto de metade das dormidas registadas a nível nacional – jogam no campeonato de alguns dos principais destinos turísticos europeus. Em 2023, Lisboa registou, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), cerca de 6,46 milhões de hóspedes, enquanto o Algarve recebeu mais de 5,12 milhões de hóspedes. Assim, a capital portuguesa contabiliza quase 12 hóspedes por habitante (considerando os censos de 2021) e perto de 65 mil turistas por quilómetro quadrado nesse ano; já o Algarve regista praticamente 11 hóspedes por habitante e 1025 hóspedes por quilómetro quadrado.

Estes são números próximos (ou superiores) aos de Barcelona ou Amesterdão, considerando os dados dos institutos nacionais de estatística dos respectivos países. Na cidade neerlandesa, havia, em 2023, dez hóspedes por habitante e 48,8 mil turistas por quilómetro quadrado, enquanto, em Barcelona, contavam-se mais de nove hóspedes por habitante e 153 mil turistas por quilómetro quadrado (o único indicador que supera largamente os que são registados nas regiões portuguesas).

Há outros indicadores que permitem avaliar o nível de pressão turística e nos quais os destinos portugueses ultrapassam, em muito, estas cidades europeias. É o caso do alojamento local, que tem sido um dos principais alvos nessas cidades (a câmara de Barcelona comprometeu-se até a acabar com este tipo de alojamento até 2028) e que é apontado como um dos fenómenos a contribuir, em parte, para a subida dos preços da habitação.

12

Lisboa contabiliza quase 12 hóspedes por habitante (considerando os censos de 2021) e perto de 65 mil turistas por m2 nesse ano

6

Por cada 100 casas, haverá em torno de seis alojamentos locais na capital portuguesa e 11 no Algarve. Em Barcelona, são 1,5 AL por cada 100 casas

Hoje, segundo os dados do Registo Nacional de Turismo, há 19.200 alojamentos locais registados na cidade de Lisboa e outros 44.415 na região do Algarve. De acordo com os censos de 2021, existem perto de 320 mil habitações em Lisboa e 391 mil no Algarve. Significa isto que, por cada 100 casas, haverá em torno de seis alojamentos locais na capital portuguesa e 11 no Algarve. Em Barcelona, contam-se 1,5 alojamentos locais por cada 100 casas. Em Amesterdão, o número é ainda mais baixo, de cerca de 1,2 alojamentos locais por cada 100 casas.

O impacto directo destes números sobre fenómenos como a subida dos preços da habitação pode ser difícil de calcular, mas a sua relação está documentada. Num estudo publicado em 2022 pela Comissão Europeia, Lisboa chega a ser dada como exemplo. "Para que se pudesse recorrer ao turismo como solução para a crise financeira, as leis que regulam o imobiliário e os mecanismos de protecção de inquilinos foram suavizadas. Como resultado, os bairros mais antigos da cidade passaram por uma onda de reabilitações, que levou a uma subida dos preços das casas e ao despejo dos residentes locais", aponta este estudo sobre a cidade onde os preços de venda das casas mais do que duplicaram entre 2013 e 2023 e em que as rendas aumentaram mais de 58% desde 2017 (ano em que o INE começou a recolher esses dados).

MIGUEL MANSO



Algarve regista praticamente 11 hóspedes por habitante

Trabalhadores do Estado perto dos 750 mil, o máximo desde 2011

Raquel Martins

No final do segundo trimestre, ganho médio mensal das administrações públicas registou subida recorde de 8,4%

No final de Junho, as administrações públicas empregavam 749.678 pessoas, o número mais alto desde 2011 e depois dos fortes recuos registados durante a permanência da *troika* em Portugal que levou a que o número de trabalhadores do Estado tivesse atingido um mínimo de 647 mil. Os dados divulgados ontem pela Direcção-Geral da Administração e do Emprego Público (DGAEP) dão conta de uma subida homóloga de 0,5% no segundo trimestre de 2024, com particular incidência nas autarquias e na carreira técnica superior.

O aumento de 3831 postos de trabalho foi impulsionado, tal como já tinha acontecido no primeiro trimestre, pelo crescimento do emprego na administração local (3885), em particular nas câmaras municipais e nas carreiras técnica superior e de assistente operacional.

Na administração central, a variação homóloga foi de apenas 527 postos de trabalho, destacando-se o crescimento do emprego nas Entidades Públicas Empresariais (EPE) do Serviço Nacional de Saúde – "em resultado da transição dos trabalhadores dos agrupamentos de centros de saúde e outras entidades do sector público administrativo" – e nos institutos públicos, "neste caso explicado principalmente pela transferência de pessoal de serviços regionais de várias entidades para as comissões de coordenação e desenvolvimento regionais, bem como para o Instituto para os Comportamentos Adictivos e as Dependências", refere a DGAEP.

A síntese estatística do emprego público destaca ainda que a carreira com a maior variação absoluta homóloga foi a de técnico superior (mais 2320 trabalhadores), enquanto os representantes do poder legislativo e de órgãos executivos registaram a maior variação percentual positiva (mais 4,4%), que se traduziu em mais 178 trabalhadores. A maior diminuição ocorreu nas Forças Armadas e de segurança (menos 692 pessoas).

Já na comparação com o primeiro trimestre do ano, o aumento do número de trabalhadores na totalidade da administração pública foi de apenas 0,1% (632 postos de trabalho) e também impulsionado pelas câmaras municipais. Já na administração central assistiu-se a um recuo no número de trabalhadores, com destaque para as reduções registadas na educação, ciência e inovação e na saúde, sendo que nesta área a DGAEP alerta que se trata, sobretudo, da saída de médicos "reflectindo um padrão verificado ao longo da série no segundo trimestre".

No final de Junho, mais de metade (53,8%) dos trabalhadores estavam concentrados nas carreiras de assistente operacional, docente do ensino básico e secundário e assistente técnico. Adicionando os técnicos superiores, estas carreiras totalizavam quase dois terços (64,5%) do total.

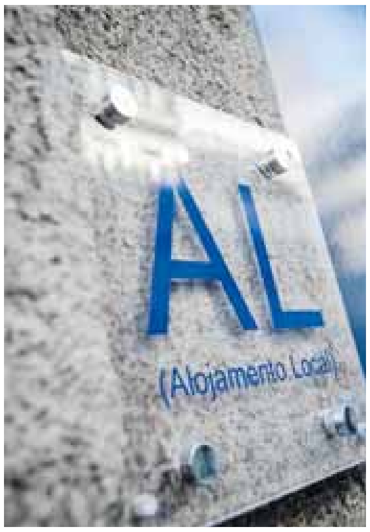
Os dados confirmam também a tendência identificada no arranque de 2024, quando os salários da administração pública registaram um aumento nominal recorde. Em Abril, o ganho médio mensal nas administrações públicas foi de 2082,6 euros brutos, o que corresponde a uma variação homóloga de 8,4%, o valor mais elevado desde pelo menos 2011. Esta variação é o resultado do aumento da remuneração-base – que registou uma subida de 7,1%, para 1754 euros – e das restantes componentes salariais, como subsídios, suplementos regulares e trabalho suplementar.

Já a subida da remuneração-base resulta do efeito da entrada e saída de trabalhadores com diferentes níveis remuneratórios, de medidas de valorização remuneratória para os trabalhadores em funções públicas e da actualização do valor do salário mínimo para 820 euros e da base remuneratória da função pública para 821,83 euros no início de 2024.

MARCO DUARTE



Contratação pública foi impulsionada pelas autarquias



Falta de segurança e higiene motiva actuação da ASAE no AL

ASAE suspende 37 alojamentos locais

Rosa Soares

Desde o início do ano, a Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) fiscalizou 770 operadores com actividade de alojamento local, tendo suspendido 37 estabelecimentos por incumprimento das regras de segurança, falta de seguro obrigatório, existência de risco para a saúde e segurança das pessoas alojadas, e por incumprimento das condições de higiene e estruturais existentes.

Segundo a informação divulgada ontem pela entidade, as fiscalizações foram realizadas em ambiente físico e na vertente *online*.

No âmbito daquelas acções foram instaurados 146 processos de contra-ordenação, por infracção relativa a ofertas, disponibilização, publicidade e intermediação de estabelecimentos de Alojamento Local (AL) não registados ou com registos desactualizados, além da violação dos requisitos de segurança e falta de seguro obrigatório. E ainda infracções relativas à divulgação ou comercialização de alojamento local através de plataformas electrónicas sem identificação do respectivo número de registo obrigatório, entre outras.

A ASAE refere ainda que através das suas unidades regionais e no âmbito das suas competências em matéria de fiscalização do sector de actividade de alojamento local realiza, com regularidade, acções de fiscalização, tendo como objectivo a verificação do cumprimento dos requisitos legais e o combate às actividades económicas ilegais, atendendo à elevada oferta deste tipo de alojamento e da sua relevância para o turismo e para a economia nacional.

Inflação recua nos EUA e reforça expectativas de corte nos juros

Sérgio Aníbal

Num resultado mais favorável do que era esperado pelos analistas, a taxa de inflação homóloga nos Estados Unidos da América (EUA) registou no passado mês de Julho uma descida ligeira, reforçando as expectativas de um corte das taxas de juro por parte da Reserva Federal na sua próxima reunião agendada para Setembro.

Com os mercados ainda a viver um período de algum nervosismo devido ao receio de que a economia norte-americana possa estar a entrar em recessão, os dados da inflação de Julho ontem publicados pelo Departamento do Trabalho eram aguardados com grande expectativa pelos investidores, já que dariam novas pistas sobre a actual conjuntura económica nos EUA e principalmente sobre a forma como deverá evoluir a política monetária da Reserva Federal norte-americana (Fed).

As previsões nos mercados, medidas pelo inquérito feito pela agência Reuters a um conjunto de analistas, era a de que os preços registariam em Julho uma variação de 0,2% face a Junho, mantendo a taxa de inflação homóloga nos 3% que já se tinham verificado no mês anterior.

Os resultados agora conhecidos apontaram para um alívio ligeiramente mais forte nas pressões inflacionistas. A variação mensal dos preços foi, feitos os arredondamentos à décima, de 0,2%, em linha com o esperado, mas a taxa de inflação homóloga recuou dos 3% de Junho para 2,9% em Julho.

A taxa de inflação homóloga subjacente, que exclui os bens com maior volatilidade nos preços, como os energéticos e alimentares, diminuiu de 3,3% em Junho para 3,2% em Julho.

Com este resultado, reforça-se a expectativa, já dominante antes da divulgação dos dados, de que na reunião agendada para os dias 17 e 18 de Setembro a autoridade monetária dos EUA vá dar início a um ciclo de descida das taxas de juro de referência, que foram colocadas pela Fed, na sua luta contra a inflação ao longo dos dois últimos anos, num intervalo entre 5,25% e 5,5%.



Jerome Powell, presidente da Reserva Federal, responsável pela política monetária dos EUA

A dúvida que permanece nos mercados é se o corte a realizar pela entidade liderada por Jerome Powell será de 0,25 pontos percentuais ou se a Fed irá revelar um maior receio em relação à possibilidade de um enfraquecimento abrupto da economia e do emprego e se se decide por um corte maior, de 0,5 pontos percentuais.

Na Bolsa de Nova Iorque, não se registou, nos primeiros minutos após a divulgação dos dados da inflação, uma reacção significativa, com os principais índices a registarem uma subida marginal de 0,07%, de acordo com os dados da Reuters.

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. 21 011 10 10/20 Fax 21 011 10 30
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

CLASSIFICADOS

SPAC
Convocatória

Assembleia Eleitoral de Empresa easyJet

De acordo com os Estatutos, o Presidente da Mesa da Assembleia Geral, vem convocar a Assembleia Eleitoral de Empresa dos Pilotos da easyJet, para reunir em Sessão Extraordinária, no próximo **dia 26 de Agosto de 2024, pelas 10H30 horas,** no Auditório da Sede do SPAC, sita na Rua Frei Tomé de Jesus, n.º 8, em Lisboa e por meio telemáticos com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO UM
Eleição de Comissão de Empresa

PONTO DOIS
Outros Assuntos

A Assembleia Eleitoral terá início à hora marcada, desde que se encontrem presentes mais de um quarto do número de Associados, ou meia hora depois, com qualquer número de Associados.
A Mesa da Assembleia Geral recorda que, de acordo com os Estatutos, a eleição de Delegado Sindical e Comissão de Empresa se faz exclusivamente por intermédio de votos presenciais.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Luis Filipe Coelho Guerra

Cantanhede

EDITAL 40/2024
Bolsas de Inovação Científica Professor Doutor António Lima-de-Faria

Maria Helena Rosa de Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira, Presidente da Câmara Municipal de Cantanhede, torna público que a Assembleia Municipal de Cantanhede, na sessão ordinária realizada a 27 de setembro de 2019, aprovou o Regulamento de Bolsas de Inovação Científica Professor Doutor António Lima-de-Faria e que se encontram abertas as candidaturas à segunda fase do ano de 2024, pelo prazo de 15 (quinze) dias, contados a partir do dia 1 de setembro de 2024.
Segundo o artigo 2.º do Regulamento da referida bolsa, a mesma é uma prestação pecuniária anual destinada à comparticipação dos encargos inerentes à inscrição num congresso nacional/internacional ou estágio de curta duração num laboratório em Portugal/no estrangeiro, visando apoiar jovens na investigação científica inovadora.
O regulamento pode ser consultado na página eletrónica do Município de Cantanhede em http://www.cm-cantanhede.pt ou na Divisão de Educação e Juventude, na Casa Francisco Pinto, dentro do horário normal de expediente.
Para conhecimento geral e devidos efeitos, publica-se o presente Edital.

Paços do Concelho de Cantanhede, 1 de agosto de 2024

A PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL,
Maria Helena Rosa de Teodósio e Cruz Gomes de Oliveira

IPO
GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

AVISO

O Instituto Português de Oncologia de Lisboa, Francisco Gentil, E.P.E, torna público que se encontra aberto processo de recrutamento para Assistente Técnico – Serviço de Gestão de Doentes (m/f).

Para mais informações, consulte a página da internet do IPOLFG em
http://www.ipolisboa.min-saude.pt

Lisboa, 15 de agosto de 2024

BRAGA

Edital n.º 1163/2024

Sumário: Discussão pública – alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 4/2003 – processo n.º 15/2001/16752/0 – E/33285/2024.

Discussão Pública – Alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 4/2003 – Processo n.º 15/2001/16752/0 – E/33285/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e), do n.º 1 e n.º 4, do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração ao lote 10, do alvará de loteamento n.º 4/2003, sito no Lugar do da Igreja ou Agrinha – Quinta da Angra, da freguesia de Celeirós, atualmente integrado na União de Freguesias de Celeirós, Aveleda e Vimieiro, deste concelho, em que é requerente SIGOMARGEST, Imobiliária, L.da e consiste no seguinte: alteração da cota de implantação do piso −2 para 123.80; alteração da cota de soleira para 129.75 (ligada ao sistema cartográfico ERTS89) ao nível do piso do rés-do-chão; alteração da tipologia para 2G + 4H; aumento do número de pisos para 6 pisos, dos quais, 2 pisos abaixo da cota de soleira destinados ao uso de Garagem com 1.500,00m² e 4 pisos, acima da cota de soleira, destinados ao uso de Habitação, composto pelo piso do rês-do-chão + 3 Andares, cada piso terá 984,50m² de área de construção (inclui as áreas destinadas a varandas cobertas), passando a área total de construção destinada a habitação a 3.938,00m²; extinção da área de construção reservada a Serviços p/ Comércio ou Escritório ou Similares de Hotelaria; aumento de 40 fogos; o acesso à garagem para o lote 10 será ao nível do piso - 2, com cota 123.80 com origem na Rua do Choupal, à cota 125.50; aumento do volume de construção para 19.314,00m³. As referidas alterações, implicam modificações aos valores globais do loteamento, nomeadamente no aumento do volume total de construção para 3.000,00m³, mantendo-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Não há lugar à execução de obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga. Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

24 de julho de 2024

O Vereador, *João Vasconcelos Barros Rodrigues*

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE SÃO JOSÉ | 40 | SNS SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE | REPÚBLICA PORTUGUESA
Área de Gestão de Recursos Humanos

MINISTÉRIO DA SAÚDE
UNIDADE LOCAL DE SAÚDE DE SÃO JOSÉ, EPE
AVISO

Nos termos do Decreto-Lei nº 41/2024, de 21 de junho e do Despacho nº7097-A/2024, retificado pelo Despacho nº 7459-A/2024, e por deliberação do Conselho de Administração da Unidade Local de Saúde de São José, E.P.E., de 11-07-2024, faz-se público que se encontra aberto procedimento concursal comum, destinado ao preenchimento de 1 (um) posto de trabalho na especialidade de Doenças Infeciosas, na categoria de assistente da carreira da carreira médica, do mapa de pessoal desta Unidade Local de Saúde, para constituição de relação jurídica de emprego, mediante celebração de contrato de trabalho sem termo, no âmbito do Código do Trabalho, cujo aviso de abertura foi publicitado pelo aviso nº 17140/2024/2, inserto no *Diário da República*, 2ª Série, Nº 156 de 13-08-2024, cujo prazo de entrega de candidaturas é de 5 (cinco) dias, contados do dia seguinte ao da publicação no *Diário da República*.

Para mais informações, consultar a página eletrónica da ULSSJosé, EPE, https://www.chlc.min-saude.pt/concursos-de-admissao-de-pessoal/, onde estão disponíveis as informações complementares para formalização do processo de apresentação de candidaturas.

Unidade Local de Saúde de São José, EPE, 13 de agosto de 2024

A Diretora da Área de Gestão de Recursos Humanos
Maria Adelaide Oliveira Canas

BRAGA

Edital n.º 1162/2024

Sumário: Discussão pública – alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 27/2000, processo n.º 15/2000/3805/0 – E/35747/2024.

Discussão Pública – Alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 27/2000 Processo n.º 15/2000/3805/0 – E/35747/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração ao Lote 44, da Licença da Operação de Loteamento titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 27/2000, sito no Lugar de Real ou Tourido, da freguesia de Real, atualmente integrada na União das Freguesias de Real, Dume e Semelhe, deste concelho, em que é requerente Juliana Jennifer Ferreira Araújo Xavier, e consiste no seguinte: construção de piscina exterior com a área máxima de 40,00 m² e abertura de nova entrada automóvel, mantendo-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Não há lugar à execução de obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta, na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga.

24 de julho de 2024

O Vereador, *João Vasconcelos Barros Rodrigues*

santa maria da feira câmara municipal
urbanismo, planeamento, transportes e mobilidade pelouro

processo n.º 294/2024/URB • local: LOBÃO
requerente: Cláudio Elísio Soares Gomes

Aviso N.º 37208/2024/INT

Nos termos e para efeitos do preceituado no n.º 3 do art. 27º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, na sua atual redação, conjugado com o art. 13º do Regulamento Municipal de Urbanização e Edificação, publicado no *Diário da República* n.º 203, II Série, de 16/10/2015, torna-se público que se encontra pendente nesta Câmara Municipal o pedido de **licenciamento** para alteração ao lote nº 7 do alvará de loteamento n.º 93/1977, emitido em 30/04/1977, o qual consiste na manutenção, em termos de peças desenhadas da pretensão do processo 66/2017/URB (construção de moradia unifamiliar com a cércea de cave, rés do chão e andar) corrigindo o quadro sinóptico com as áreas de construção e implantação do edifício, adequando-o às peças desenhadas.
O lote a alterar está descrito na Conservatória do Registo Predial Comercial e Automóvel de Santa Maria da Feira sob o nº 3373/20140704 - Lobão e inscrito(s) na matriz urbana sob o artigo 4583º-P da União de Freguesias de Lobão, Gião, Louredo e Guisande, deste concelho.
A consulta pública, decorrerá pelo período de 10 dias úteis, contados do último dos avisos publicados no *Diário da República*, no jornal nacional e no Portal do Município em www.cm-feira.pt. Durante o período da consulta pública, o(s) interessado(s) podem consultar todo o processo na Câmara Municipal, sita no Largo da República, em Santa Maria da Feira, durante o horário normal de expediente e, no caso de oposição, apresentar, por escrito, exposição devidamente fundamentada, através de requerimento dirigido ao Presidente da Câmara.

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 12/08/2024

Vereadora do Pelouro do Urbanismo, Planeamento, Transportes e Mobilidade,
Arq.ta Ana Ozório

Avanços tecnológicos devolvem a fala a doentes com esclerose lateral amiotrófica

Equipa da Universidade da Califórnia, nos EUA, implantou eléctrodos no cérebro de um homem e conseguiu atingir mais de 90% de precisão com um vocabulário de 125 mil palavras

Filipa Almeida Mendes

Uma nova interface cérebro-computador desenvolvida na Universidade da Califórnia em Davis (UC Davis), nos EUA, traduz os sinais cerebrais em fala com uma precisão de até 97%, permitindo aos doentes com esclerose lateral amiotrófica (ELA) restabelecerem a comunicação interpessoal. Segundo um comunicado da UC Davis, este é o sistema com maior precisão do seu género que existe actualmente, tendo sido publicado ontem um estudo sobre este trabalho na revista *New England Journal of Medicine*.

A ELA é uma doença neurodegenerativa que afecta as células nervosas que controlam o movimento de todo o corpo. Esta doença leva a uma perda gradual da capacidade motora, podendo também fazer com que a pessoa perca o controlo dos músculos utilizados para falar, o que leva à perda da compreensão da fala.

Os cientistas envolvidos no projecto implantaram sensores no cérebro de um homem com problemas graves de fala devido à ELA, tendo o homem sido capaz de comunicar o discurso pretendido poucos minutos depois de activar o sistema.

"A nossa tecnologia ajudou um homem com paralisia a comunicar com amigos, familiares e prestadores de cuidados", explica, em comunicado, David Brandman, neurocirurgião e investigador da UC Davis que é co-autor do estudo.

A barreira da comunicação

O que esta tecnologia faz é interpretar os sinais cerebrais quando o utilizador tenta falar e transformá-los em texto que é depois "falado" em voz alta pelo computador.

Para desenvolver o sistema, a equipa inscreveu Casey Harrell, um homem de 45 anos com ELA, no ensaio clínico *BrainGate*. Segundo o comunicado, na altura em que se inscreveu no ensaio clínico, Harrell sofria de fraqueza nos braços e nas pernas (tetraparesia) e o seu discurso era muito difícil de compreender (disartria), exigindo a ajuda de outros para o interpretar.

Em Julho de 2023, Brandman implantou o dispositivo experimental desenvolvido por esta equipa, tendo colocado microeléctrodos numa região do cérebro responsável pela coordenação da fala.

"Estamos realmente a detectar a sua tentativa de mover os músculos e falar", explica, em comunicado, o neurocientista Serguey Stavisky, da UC Davis e co-autor do estudo. "Estamos a gravar a partir da parte do cérebro que está a tentar enviar estes comandos para os músculos. Basicamente, estamos a ouvir e a traduzir esses padrões de actividade cerebral num fonema – como uma sílaba ou uma unidade de discurso – e depois nas palavras que estão a tentar dizer."

Apesar dos recentes avanços nas interfaces cérebro-computador, os esforços para permitir a comunicação têm sido lentos e propensos a erros, uma vez que os programas de aprendizagem automática que interpretam os sinais cerebrais necessitam de uma grande quantidade de tempo e de dados para serem executados.

"Os sistemas de interfaces cérebro-computador de fala anteriores apresentavam erros de palavras frequentemente. Isto tornava difícil para o utilizador ser compreendido de forma consistente e constituía uma barreira à comunicação", destaca Brandman. "O nosso objectivo era desenvolver um sistema que permitisse a alguém ser compreendido sempre que quisesse falar."

De acordo com o comunicado, Casey Harrell utilizou o sistema em contextos de conversação espontânea e solicitada e, em ambos os casos, a descodificação da fala ocorreu em tempo real, com actualizações contínuas do sistema para o manter a funcionar com precisão.

As palavras descodificadas eram mostradas num ecrã e, surpreendentemente, foram lidas em voz alta numa voz que soava como a de Harrell antes de perder a fala – a voz foi criada utilizando *software* treinado com amostras de áudio da sua voz antes de ter desenvolvido ELA.

Na primeira sessão, o sistema demorou 30 minutos a atingir 99,6% de exactidão com um vocabulário de 50 palavras. "A primeira vez que experimentámos o sistema, ele chorou de alegria quando as palavras que estava a tentar dizer apareceram correctamente no ecrã. Todos nós chorámos", conta Stavisky.

Na segunda sessão, a dimensão do vocabulário aumentou para 125 mil palavras e, com apenas 1,4 horas adicionais de treino e dados, o sistema alcançou uma precisão de 90,2% das palavras. Após a recolha contínua de dados, segundo a UC Davis, a interface manteve uma precisão de 97,5%.

"Nesta altura, conseguimos descodificar correctamente o que Casey Harrell está a tentar dizer em cerca de 97% das vezes, o que é melhor do que muitas aplicações para *smartphones* disponíveis no mercado que tentam interpretar a voz de uma pessoa", conclui Brandman. "Esta tecnologia é transformadora porque dá esperança às pessoas que querem falar, mas não podem."

O estudo agora publicado na *New England Journal of Medicine* relata 84 sessões de recolha de dados ao longo de 32 semanas. No total, Harrell utilizou a interface cérebro-computador desenvolvida pela equipa em conversas autónomas durante mais de 248 horas para comunicar pessoalmente e através de conversação por videochamada.

"Não ser capaz de comunicar é tão frustrante e desmoralizante. É como se estivéssemos presos", disse Harrell. "Algo como esta tecnologia ajudará as pessoas a regressar à vida e à sociedade."

Interfaces não invasivas

No que à comunicação com pessoas com esclerose lateral amiotrófica diz respeito, Portugal está também na vanguarda, com a *start-up* Unbabel a apostar nas interfaces não invasivas para detectar actividade do cérebro.





> **Esta tecnologia é transformadora porque dá esperança às pessoas que querem falar, mas não podem**
>
> **David Brandman**
> Neurocirurgião

Paulo Dimas, vice-presidente de Inovação da Unbabel, explica ao PÚBLICO que a empresa começou a trabalhar com uma tecnologia chamada electroencefalografia que "permite detectar actividades do cérebro, mas é muito limitada", tendo avançado depois para outra tecnologia que permite detectar actividade mais muscular para ajudar "pessoas que perderam a capacidade de comunicar devido a uma doença neurodegenerativa, como a esclerose lateral amiotrófica". Segundo Paulo Dimas, neste domínio existem algumas técnicas que são utilizadas, nomeadamente a detecção do movimento ocular e a electromiografia, permitindo esta última detectar actividade bioeléctrica dos doentes de ELA.

"O que nós fazemos é detectar a actividade neuronal utilizando uma banda que os doentes colocam à volta da cabeça e que detecta actividade

NADINE YEHYA



UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA EM DAVIS



Em cima, Casey Harrell durante a primeira sessão de utilização do sistema desenvolvido na Universidade da Califórnia em Davis; ao lado, o neurocirurgião David Brandman e o neurocientista Serguey Stavisky

muscular que, depois, é transformada em sinais que correspondem a padrões, detectados através da inteligência artificial, que são depois transformados em linguagem", explica Paulo Dimas. Ou seja, a captação dos sinais bioeléctricos é feita através de eléctrodos fixados nessa banda que é colocada em torno da cabeça do paciente e, combinando esses sinais bioeléctricos detectados com a inteligência artificial (IA) generativa, é possível gerar mensagens que podem ser enviadas pelos doentes através do WhatsApp.

"É um método sem qualquer risco para a saúde do doente que, em menos de um minuto, pode estar a responder a perguntas que lhe são colocadas no WhatsApp", frisa Paulo Dimas. Além disso, destaca o representante da Unbabel, nos últimos meses houve avanços significativos na inteligência artificial generativa e na dimensão dos modelos, o que permitiu que os doentes conseguissem comunicar usando a sua própria fala – embora, admite, haja também casos indesejados de utilização destes modelos de geração de fala como a clonagem da voz de políticos.

Pegando em excertos de áudio que as pessoas gravaram ou trocaram com os seus familiares antes de perderem a capacidade de comunicar, a Unbabel consegue gerar uma voz semelhante à que os doentes tinham antes de adoecerem (tal como conseguiu a equipa da UC Davis). "No fundo, combinando esses diferentes componentes da inteligência artificial generativa, conseguimos fazer com que um pai volte a falar com o seu filho", explica Paulo Dimas, destacando que todo este desenvolvimento tem estado a ser realizado em colaboração com a Associação Portuguesa de Esclerose Lateral Amiotrófica.

Quando se trata de tecnologias invasivas, como é o caso de Casey Harrell, são colocados eléctrodos em zonas do cérebro relacionadas com a linguagem ou com a função motora. "Houve avanços em que se usa este tipo de eléctrodos muito pequenos, que detectam actividade em grupos de neurónios, não só para conter ataques epilépticos, mas também para detectar actividade relacionada com a linguagem. Mas existe sempre um risco e tem de haver uma relação custo-benefício que justifique esta neurocirurgia", destaca Paulo Dimas.

O ruído do crânio

Com as interfaces não invasivas, o risco associado à neurocirurgia deixa de existir, embora existam limitações. "Se pensarmos do ponto de vista da actividade neuronal, o que estamos a detectar quando há uma neurocirurgia é um tipo de actividade muito mais próxima do próprio cérebro e dos neurónios e sem o ruído todo que é causado pelo nosso crânio. O crânio está a envolver o cérebro e, portanto, torna muito mais difícil a detecção de actividade neuronal com este tipo de técnicas [não invasivas]", explica o representante da Unbabel.

Sobre o avanço na IA generativa, Paulo Dimas explica que isso resultou numa "capacidade de comunicação a uma velocidade muito maior do que o que era possível antigamente". E dá um exemplo: "Stephen Hawking comunicava a duas palavras por minuto e a Unbabel, com o Halo [a sua interface], permite que um doente com ELA consiga comunicar mais rapidamente – há diálogos à volta das 15 palavras por minuto."

Se, por outro lado, estivermos a falar de tecnologias invasivas, é possível chegar às 40 ou 50 palavras por minuto. Por isso, a ambição da empresa portuguesa é, diz Paulo Dimas, "de forma não invasiva, conseguir aumentar esta velocidade para que as pessoas tenham conversas normais, com a sua própria voz, com as pessoas mais próximas".

Um terço das vagas para contratar cientistas alocado à carreira docente

Tiago Ramalho

Resultados do mecanismo para contratar doutorados, para resolver precariedade dos cientistas, criarão 1100 lugares para a carreira

Das 1100 posições atribuídas às instituições para contratar doutorados, mais de um terço corresponderá a concursos para colocar pessoas na carreira de docente do ensino superior. Os resultados provisórios do programa FCT-Tenure, divulgados ontem, adiantam ainda que a esmagadora maioria (90%) destes lugares será para o patamar mais baixo da carreira docente ou científica.

O programa FCT-Tenure foi lançado no ano passado, ainda pelo anterior Governo, com o intuito de contribuir para reduzir a precariedade entre os cientistas portugueses - maioritariamente a trabalhar com contratos a prazo. Assim, este programa criou um concurso em que as instituições científicas e de ensino superior em Portugal definiram o número de lugares para a carreira (docente e científica) de que necessitariam. Todas estas vagas contam com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Os resultados agora divulgados mostram que mais de um terço das posições (398) será aberto para a carreira de docência, enquanto as restantes 702 se cingirão à carreira científica. A sobreposição da carreira de docência face à científica na atribuição destas vagas era um dos receios dos sindicatos do sector científico relativamente ao FCT-Tenure, ainda que, com os resultados provisórios, haja uma maioria das vagas para a carreira científica.

O próximo passo será abrir os concursos para que os doutorados possam concorrer às posições aprovadas. Os concursos são públicos e internacionais, pelo que qualquer doutorado pode concorrer e garantir o lugar. No total, houve 2211 candidaturas a estas vagas, ou seja, o dobro das vagas em disputa pelas instituições portuguesas.

Segundo a FCT, "beneficiarão de financiamento um total de 71 instituições contratantes". As instituições com mais vagas atribuídas nesta primeira edição do FCT-Tenure são as universidades do Porto, de Lisboa e a Nova de Lisboa.

Comparticipação da FCT

As 1100 vagas atribuídas esta quarta-feira às instituições portuguesas não serão pagas, inicialmente, apenas pelas próprias instituições. Pelo contrário, o incentivo para participar no FCT-Tenure é precisamente o co-financiamento da FCT de boa parte dos salários dos doutorados durante os próximos três anos.



Haverá nova edição em 2025

Nos primeiros três anos, a FCT pagará 67% dos salários de todas as posições preenchidas através deste concurso, ou seja, as instituições de acolhimento só terão de se preocupar com um terço dos vencimentos agora contratados para a carreira docente ou científica. Mas há uma vantagem para as contratações para a carreira científica: há um co-financiamento da FCT (em 33%) de outros três anos para estes lugares.

O financiamento é uma das principais preocupações de reitores e presidentes de politécnicos, cujos avisos se têm repetido face ao aumento de custos permanentes que estas contratações poderão significar para as instituições portuguesas. No entanto, parte destas vagas serão abertas para a carreira docente de forma a substituir os professores que se aposentarão ao longo dos próximos anos – perspectivam-se mais de 1500 reformas até final de 2026.

Esta substituição dos professores do ensino superior também deveria ser acautelada por este mecanismo de contratação de doutorados, embora os sindicatos do sector científico alertem para a subversão de uma medida que deveria promover a investigação científica, em vez de dar às universidades a primazia de escolha – desviando cientistas.

Neste momento, há 2940 contratos precários em vigor, segundo os números disponíveis na página da FCT, e mais de 1500 terminarão nos próximos dois anos.

Aos 1100 contratos permanentes que foram agora distribuídos pelas instituições portuguesas juntar-se-ão outros 400 lugares de carreira a que essas instituições poderão concorrer no próximo ano. Depois dessa segunda edição do FCT-Tenure, ainda não há nada definido pelo actual Governo sobre o seu seguimento. Em entrevista ao PÚBLICO, o ministro Fernando Alexandre defendeu a existência de um concurso regular com a abertura de 200 a 250 vagas anuais deste tipo, com 200 a 250 lugares por ano – mas ainda nada está definido.

Nem todos os mortos deixaram o anfiteatro da cidade romana de Ammaia



Arqueólogos descobriram sepultura num dos corredores de acesso da arena de espectáculos deste centro da antiga Lusitânia, hoje a seis quilómetros de Marvão. Haverá mais? Para o ano, voltam a escavar

Lucinda Canelas

Com a arena do anfiteatro da antiga cidade romana de Ammaia já limpa, torna-se mais fácil imaginar os espectáculos que ali terão tido lugar há 2000 anos. O espaço é amplo e tem vista para a vila de Marvão, no topo da serra do Sapoio, a seis quilómetros de distância.

Ninguém se atreve a estimar quantas pessoas se sentariam nas bancadas desta "sala" de espectáculos construída na periferia de uma cidade de província da antiga Lusitânia, mas parece não haver dúvidas de que do seu "cartaz" constariam combates de gladiadores, os mais populares, e lutas com animais, embora os arqueólogos não possam ainda dizer quais.

"O que costumamos ver nos filmes em que os cristãos são lançados às feras são leões, leopardos e outros carnívoros. Essa história, já de si algo mítica, não teria correspondência nesta cidade. Não é seguro que, num anfiteatro de província como este, houvesse capacidade para apresentar felinos", diz Carlos Fabião, arqueólogo e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), ligado a Ammaia há mais de 20 anos.

Qualquer "bicho agressivo" em confronto com o homem serviria para divertir as massas, embora iconograficamente os felinos tenham sido os mais representados a desempenhar essa função, afirma. "Haveria também elefantes, o que parece ainda mais improvável aqui, mas os leões, por exemplo, dariam espectáculo em Mérida. Há um pintado numa parede do anfiteatro dessa cidade capital da Lusitânia, o que não deixa grandes dúvidas sobre o seu uso neste contexto", acrescenta o professor especialista no período romano que troca muitas vezes a sala de aula pela possibilidade de ter as botas no terreno. Foi isso, aliás, que voltou a acontecer na campanha de escavações deste ano, em que à habitual equipa de seis a oito arqueólogos profissionais, portugueses e espanhóis, se juntaram dez alunos de licenciatura e mestrado da FLUL.

"Temos connosco uma zooarqueóloga, mas ainda não lhe demos muito trabalho nessa área específica porque ainda não encontrámos na arena restos de animais", diz Carlos Fabião, explicando por que razão talvez venha a ser difícil identificá-los: "Os animais mortos na arena deviam ser retirados e enterrados em covas aqui à volta. Ainda não localizámos nenhuma lixeira e não será fácil virmos a localizar, porque a geofísica nestes casos é de pouca ajuda e achar vestígios de superfície só com muita sorte."

Uma surpresa

A campanha deste Verão pôs fim a um projecto a cinco anos (foi prolongado por mais um, porque houve a pandemia de covid-19 pelo meio) que teve por objectivo estudar o anfiteatro da cidade, localizado em 2019 numa área em que os arqueólogos esperavam encontrar o teatro, que Ammaia também teria. A operação juntou desde logo o Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq) e o Museo Nacional de Arte Romana (Mérida), numa parceria transfronteiriça com financiamento da Fundação "la Caixa".

> Esta sepultura tanto pode fazer parte de uma necrópole como estar isolada, se para isso houver um motivo simbólico forte
>
> **Carlos Fabião**
> Arqueólogo

Sendo um dos cinco anfiteatros que se conhecem na Lusitânia, a par dos de Conímbriga, Mérida, Bobadela (Oliveira do Hospital) e Cáparra (Cáceres), o de Ammaia reflecte bem a constância do planeamento urbano dos romanos, numa altura em que veneravam ainda muitos deuses. "Com a cristianização do império, os anfiteatros, precisamente por causa da sua ligação à morte de cristãos na arena, tornam-se recintos malditos e são progressivamente abandonados", explica este responsável científico pelas escavações. "O que sabemos de Ammaia decorre do que fomos descobrindo no terreno, mas também da análise das fontes escritas e por comparação com outras cidades romanas conhecidas, em Portugal e fora. Ammaia está ainda quase toda enterrada."

Identificada em meados da década de 30, monumento nacional desde 1949 e estudada há 30 anos de forma mais sistemática, embora com hiatos nas escavações, Ammaia tem uma área aproximada de 25 hectares, 95% dos quais ainda ocultos.

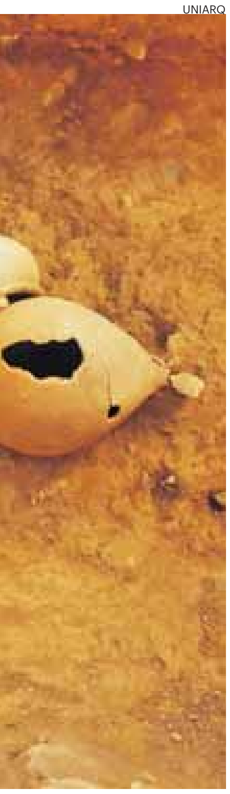
A envolvente da antiga cidade, cujas ruínas se situam hoje junto à aldeia de São Salvador da Aramenha, abarcaria campos de cultivo, quintas, aquedutos, necrópoles e até mesmo uma barragem. Ocupada até ao século IX – datam desse período as últimas referências que se lhe fazem, quando Ibn Marwan, fundador de Badajoz e putativo fundador de Marvão, é mencionado nas crónicas como "Senhor da Ammaia", precisa Carlos Fabião –, acabaria por desaparecer quase por completo, tendo as pedras dos seus edifícios e da muralha que a delimitava, menos com propósitos defensivos



JOSÉ VENTURA



UNIARQ



Junto dos restos mortais encontrados na sepultura que vemos a ser escavados na foto ao lado, e que deverão pertencer a um só indivíduo, foram encontradas seis peças em cerâmica

Em cima, vista aérea do anfiteatro da cidade romana de Ammaia

do que urbanísticos e financeiros (para se poderem cobrar impostos a quem ali quisesse entrar e fazer negócio), sido usadas ao longo de séculos um pouco por toda a região, na construção de igrejas e de novas casas.

O anfiteatro, descoberto em 2019 e escavado desde então, estava precisamente junto a um dos troços desta muralha que teria sete metros de altura e quatro portas de acesso cuja localização foi ditada pelos principais pontos cardeais. Se estaria do lado de dentro ou de fora do perímetro muralhado, é tema que ainda não reúne consenso no seio da equipa internacional de que fazem parte Carlos Fabião e Joaquim Carvalho, o arqueólogo residente da Fundação Cidade de Ammaia, criada em meados dos anos 90 para enquadrar os trabalhos nesta cidade que terá sido fundada entre os finais do século I a.C. e o início do século I.

Aos trabalhos deste ano, que tinham por objectivo primordial a limpeza de toda a zona interna do edifício, retirando os sedimentos que preenchiam a arena, juntou-se uma nova tarefa, completamente inesperada, quando os arqueólogos deram com uma sepultura no corredor de acesso à porta Norte do anfiteatro, que terá sido desactivado muito antes de este recinto de espectáculos ter perdido a sua função.

“Na campanha deste ano, a surpresa foi perceber que, do lado Norte, junto à segunda porta do edifício [na fotografia aérea é a porta que se vê no contorno inferior, já que o Norte está para baixo], desactivada em tempo de vida do edifício, viemos a identificar uma sepultura, de cronologia relativamente antiga [século II, inícios do III]”, explica o professor ligado ao Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Uniarq), lembrando que o anfiteatro foi construído em meados do século I e se manteve em actividade até meados do século IV.

“Partimos para o campo a pensar que tínhamos controlado as questões relacionadas com a construção – escavada na encosta até à porta, do lado poente; feita em aterro do lado nascente –, mas a realidade trocou-nos as voltas. A entrada foi integralmente escavada na rocha, com a rocha cortada em ambas as áreas (nascente e poente), a porta foi anulada em época precoce – século II – e o espaço foi usado como necrópole”, detalha.

A sepultura, encontrada há duas semanas, pertencerá a apenas um indivíduo, que foi cremado; ainda não se sabe se um homem se uma mulher. “Pelo conjunto ósseo e pelo tipo de sepultura, será só uma pessoa, mas é preciso continuar a estudar o que resta para ter a certeza e para tentar apurar sexo e idade aproximada.”

Com os restos mortais deste indivíduo, que à data da cremação levaria consigo um recipiente em vidro que ficou estilhaçado, a equipa encontrou seis peças em cerâmica – três pratos, dois púcaros e um jarro. “O indivíduo foi cremado no local e o que resultou desse processo, ainda com pedaços de osso inteiros, foi arrumado numa cova de 170 por 80 centímetros que ali se abriu, perto da arena. Sobre estes restos foram depois deixados os vasos cerâmicos. Este tipo de ritual era, em regra, usado só com um morto.”

Carlos Fabião não afasta a possibilidade de na mesma área virem a ser encontradas outras sepulturas, mas também não estranhará que esta venha a revelar-se a única. Terá pertencido a um gladiador particularmente heróico ou amado, que morreu na arena ou fora dela?

“Será impossível concluir algo do género a partir do que ali temos, embora seja sempre possível criar narrativas em cima do que encontramos. Cientificamente, não podemos extrapolar. O que podemos dizer agora, antes de escavarmos mais, para o ano, é que esta sepultura tanto pode fazer parte de uma necrópole como estar isolada, se para isso houver um motivo simbólico suficientemente forte.”



I a.C.

A cidade romana de Ammaia terá sido fundada entre os finais do século I a.C. e o início do século I

Morte e espectáculo

Necrópoles junto a arenas de espectáculo não são inéditas no mundo romano, nem sequer do mundo romano que hoje faz parte do território português. Em Lisboa, recorda o arqueólogo, havia uma onde está hoje a Praça da Figueira e o circo/hipódromo da cidade ficava mesmo ao lado, no Rossio.

Os trabalhos na área da sepultura não terminam este Verão, mas as escavações no interior do anfiteatro estão concluídas, tendo sido possível delimitar todo o seu perímetro: a arena tem 54 metros de comprimento no seu eixo maior (180 pés romanos), por 40 metros no seu eixo menor (135 pés romanos).

No futuro, sem descurar a investigação em torno da sepultura, Carlos Fabião espera que se encontrem parceiros para dar início ao processo de requalificação do anfiteatro. Há já um anteprojecto da autoria de Pedro Alarcão, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, “um arquitecto que sabe muito sobre construção no mundo clássico e que tem muita experiência em património”.

Para que isso aconteça tem de haver financiamento, naturalmente, e pareceres favoráveis de várias entidades, incluindo o do Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas – a cidade fica em pleno Parque Natural da Serra de São Mamede – e do Património Cultural IP. “A boa notícia é que a Fundação Cidade de Ammaia, a Câmara Municipal de Marvão e a CCDR [Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo] apreciam e apoiam verbalmente este anteprojecto.”

Depois de requalificado, acrescenta Fabião, o anfiteatro, que pode já ser visitado por todos aqueles que se dirijam ao museu da Fundação Cidade de Ammaia, ficará em condições de receber eventos culturais, e de assim ser devolvido, de certa forma, à sua função original. Seria bom ter ali uma extensão do Festival Internacional de Teatro Clássico de Mérida e Christoph Poppen, o violinista e maestro alemão que criou o Festival Internacional de Música de Marvão, já este ano queria ter feito concertos na arena. Carlos Fabião teria ficado contente: “É bom pensar que podemos ter aqui música e teatro. Com a estrutura consolidada, a ideia é reconstruir três linhas de bancada, com capacidade para 500 pessoas. Imagine um concerto aqui, ao fim da tarde, no anfiteatro com a vista mais bonita da Lusitânia...” Sim, imaginemos. Com a arena limpa, é mais fácil.

Tânia Dinis, a respigadora das mulheres invisíveis

Daniel Dias

Autora do premiado *Tão Pequeninas, Tinham o Ar de Serem Já Crescidas* parte do passado para sublinhar o que falta construir

FOTOS: PAULO PIMENTA



Como sempre, a realizadora Tânia Dinis mergulhou em vários arquivos para deles extrair o seu mais recente trabalho, a curta-metragem *Tão Pequeninas, Tinham o Ar de Serem Já Crescidas*. Um deles é o da televisão pública: a dada altura, surgem no ecrã imagens da RTP, ainda a preto e branco, em que é entrevistada Maria Angélica Teixeira da Costa, mulher que no início dos anos 1970 desempenhou um papel absolutamente determinante na organização sindical das empregadas domésticas em Portugal. "Um dia estávamos na sede do sindicato e apareceu uma colega nossa com um ar muito satisfeito", conta Maria Angélica no vídeo. "Dizia-nos assim: 'Hoje venho tão contente! É que jantei bem. Hoje comi um bife!'"

Todas as antigas criadas de servir com quem Tânia Dinis conversou e cujos percursos e arquivos compõem a curta premiada recentemente no IndieLisboa, onde se estreou, e no Festival Internacional de Documentário de Melgaço contaram-lhe histórias de idêntica precariedade. Mulheres que eram apenas meninas quando, há 60 anos ou mais, foram enviadas das aldeias onde nasceram para trabalhar no Porto, trocando as dificílimas circunstâncias de uma vida no campo por um contexto não menos desfavorável.

Estas meninas "que não tiveram tempo para ser crianças" como se lê na sinopse de *Tão Pequeninas*, eram uma presença tão constante nos corredores das casas que serviram que se tornaram (quase) parte das famílias para as quais trabalharam – horas e horas a fio, sem remuneração. "Ela [a patroa] tratava-me como uma irmã", ouviremos uma delas dizer. "As criadas cuidavam dos filhos dos patrões como se fossem uma mãe, por vezes até suprindo o afecto que as mães biológicas não davam. Só que esta ideia de que és da família depois é atropelada pelas condições de trabalho miseráveis, pela falta do direito ao ócio e ao estudo, pela falta de acesso à saúde", diz Tânia Dinis ao PÚBLICO, sentada no pequeno quarto cheio de lupas, lentes de câmaras digitais e analógicas, fotografias e figurinos que é o seu principal espaço de trabalho, em casa, no centro do Porto.



O trabalho autoral de Tânia Dinis cruza o cinema, o teatro e a instalação, partindo de arquivos de imagens pessoais e alheios

> **Vários dos filmes de Tânia Dinis falam de uma invisibilidade que, embora vinculada ao passado, continua presente**

Com argumento co-redigido pelo cúmplice habitual Pedro Bastos, *Tão Pequeninas, Tinham o Ar de Serem Já Crescidas* é a continuação de uma obra sobre "mulheres com trabalhos duros e invisíveis". Desde que Tânia Dinis começou a desenvolver as suas próprias criações (na sequência de um percurso artístico em que trabalhou acima de tudo como actriz, participando em projectos de terceiros), tem sido esse o seu tema de eleição.

A primeira curta-metragem surgiu em 2013. *Não São Favas, São Feijocas* retrata o quotidiano da sua avó. Munida de uma Super 8, câmara que lhe permite aproximar-se da ideia de "cinema caseiro", Tânia filmou-a a trabalhar no campo, a prender o cabelo, a lidar com os seus animais. "Tentei construir várias narrativas para as imagens que filmei, mas nenhuma mostrava uma relação de intimidade entre nós as duas. Um dia, decidi mostrar-lhe os registos e gravar em áudio a sua reacção. O filme constrói-se nesse momento."

Os arquivos pessoais e familiares surgem em quase todos os trabalhos de Tânia Dinis, quer no cinema, quer no teatro e na instalação. São materiais que abundam, dado que o seu avô era fotógrafo e o tio-avô do outro lado da família, homem que "tinha mais dinheiro", também filmava em Super 8. A curta *Armindo e a Câmara Escura* (2017) é dedicada ao avô e explora a ideia do fotógrafo amador como uma figura frequentemente "menosprezada". "Ele fotografava muitos casamentos, onde tendemos a culpar o fotógrafo por uma imagem de que não gostamos, quando na realidade só não estamos contentes com o nosso aspecto", diz a cineasta, pontualmente interrompida pelas turrinhas e chamadas de atenção de *Gimbri*, um dos seus dois gatos – é oito anos mais novo do que *Bóbi*, que já celebrou uns impressionantes 19 aniversários.

Trabalhar um arquivo é trabalhar a intimidade. Que pode ser mais ou menos ficcionada. Além dos seus arquivos familiares, Tânia Dinis possui muitos "arquivos órfãos", que vai resgatar a feiras ou *sites*. Foi numa feira que encontrou um lote de fotografias que a fascinou. "Não é fácil encontrares uma colecção de imagens da mesma pessoa que te permite ver a passagem do tempo." As fotos eram de uma mulher chamada Laura, cuja história foi imaginada numa curta homónima, de 2017, por Tânia Dinis e Regina Guimarães, autora do texto que é lido no filme pela primeira, narradora habitual nas suas criações.

O filme é muito simples. "Estou em casa a ver as imagens com uma lupa e gravo um áudio numa cassete, como se estivesse a catalogar as fotografias. Mas a catalogação é um texto sobre esta mulher que parece estar acompanhada, mas está só. Existe uma espécie de liberdade sobre ela..." Tânia faz uma breve pausa. "Isto é apenas a minha interpretação das imagens, que talvez esteja relacionada com o que estava a viver no momento em que pensei sobre elas pela primeira vez. Mas ela está muitas vezes sozinha, viaja muito... Chega a parecer invisível."

É de invisibilidade que fala *Tão Pequeninas*, e também a anterior *Catraias* (2023), curta documental sobre mulheres que pescavam nas Caxinas e a quem, devido ao contexto de pobreza severa em que as suas famílias se viam mergulhadas, foi negada a possibilidade de imaginar outros futuros. "Eram mulheres que tinham a terceira classe. As próprias mães diziam: 'Para ir ao mar apanhar percebes e marisco, não precisam de mais...'"

Mulheres encurraladas, como as actrizes recordadas em *Elas Entram e Ficam!*, peça de teatro em que Tânia Dinis explorou o arquivo do Teatro Experimental do Porto para perceber "que tipo de papéis davam às mulheres" nas primeiras criações da companhia hoje septuagenária. Eram "criadas, adúlteras, rameiras, freiras, traídas, violadas e bruxas", como dizia ao PÚBLICO há um ano, quando o espectáculo se estreou no Rivoli, no Porto.

Para a autora, é "importante dar visibilidade a estas histórias". Que implicam sempre um regresso ao passado, mas falam muito sobre o nosso presente e sobre tudo quanto ainda falta conquistar.

Villas-Boas já levantou duas taças e aproximou o FC Porto dos adeptos

Presidente portista tomou posse há 100 dias e ainda não conheceu o sabor da derrota — nem sequer do empate. Rui Moreira diz ao PÚBLICO que Villas-Boas "aproximou família portista da cidade"

MANUEL FERNANDO ARAÚJO



Villas-Boas com a Supertaça ganha pelo FC Porto, neste mês de Agosto, após derrotar o Sporting

Miguel Dantas

Dois troféus nos primeiros 100 dias como presidente do FC Porto: era difícil imaginar melhor arranque para a presidência de André Villas-Boas nos "dragões". Desde que o seu novo líder tomou posse, a 7 de Maio, os portistas somam apenas vitórias, num total de 11 triunfos consecutivos. Os sócios pediram troféus ao sucessor de Jorge Nuno Pinto da Costa, o presidente mais titulado da história do futebol, e Villas-Boas tem cumprido as expectativas: já levantou a Taça de Portugal e uma Supertaça, competições conquistadas frente ao rival Sporting.

O recente sucesso desportivo é apenas a face mais visível de uma transformação profunda que o dirigente quer implementar nos "azuis e brancos". As finanças são a pasta mais penosa: multiplicam-se as conversas para renegociar a dívida e equilibrar a balança de pagamentos, com auditorias a decorrer para perceber o que correu mal e se houve gestão danosa no passado recente. As conclusões serão conhecidas mais para o final do ano.

Aos poucos, André Villas-Boas começa já a cumprir as promessas que fez na campanha eleitoral. A mais visível foi o juramento de que o FC Porto ia ser mais próximo dos adeptos e da cidade. Os novos equipamentos para esta temporada foram apresentados num evento realizado na baixa portuense, uma iniciativa recuperada pela nova administração. E o primeiro a estar satisfeito com esta preocupação do dirigente é Rui Moreira, presidente da Câmara Municipal do Porto e conhecido adepto "azul e branco", conforme admitiu ao PÚBLICO.

"André Villas-Boas tem procurado mobilizar a cidade, voltou a apresentar os equipamentos [na baixa do Porto] e falou comigo sobre o assunto. Era uma iniciativa que tinha sido perdida", relembra o autarca. Os resultados positivos conseguidos dentro das quatro linhas ajudam à união dos adeptos, mas Rui Moreira identifica um esforço claro da nova administração: "Houve uma eleição e pessoas que estavam de lados diferentes. [André Villas-Boas] Está a tentar juntar a família portista e aproximá-la da cidade, parece-me evidente e gostaria de o realçar."

> Está a tentar juntar a família portista e aproximá-la da cidade, parece-me evidente e gostaria de o realçar
>
> **Rui Moreira**
> Presidente da Câmara Municipal do Porto

Depois de ser eleito presidente do FC Porto, André Villas-Boas visitou o edifício da autarquia — e observou a Avenida dos Aliados a partir da mítica varanda onde não festejou nenhum dos quatro títulos conquistados na época 2010-11 enquanto treinador. A deterioração das relações institucionais entre clube e autarquia foi remendada após a eleição de Rui Moreira e a saída de Rui Rio, com o edifício a reabrir para festejar os feitos das equipas portuenses.

"[Quando Villas-Boas visitou a câmara municipal] transmiti-lhe a ideia que ficou clara das nossas declarações públicas: o poder político e o futebol não se devem confundir, mas a importância para o clube de estar na cidade do Porto é tão grande como a da cidade em ter um clube como o FC Porto", destaca Rui Moreira.

Este ano não será diferente, em caso de triunfo portista. Rui Moreira revela que esta temporada trará ainda uma colaboração institucional mais estreita no que diz respeito às modalidades amadoras, com o clube a pedir um uso mais alargado dos equipamentos desportivos municipais. Uma parceria que beneficia tanto cidade quanto clube, finaliza.

"É a solução possível"

Olhemos agora para o plano financeiro do clube. O presidente portista herdou uma pesada herança da anterior administração, com um passivo que supera os 500 milhões de euros, os cofres depauperados e a confiança de credores e fornecedores em mínimos históricos. Neste momento, apurou o PÚBLICO, continuam os trabalhos de renegociação da dívida, um esforço liderado por José Pereira da Costa, administrador financeiro da SAD portista. Durante a campanha eleitoral, o antigo responsável da NOS fez contactos exploratórios com grandes instituições financeiras, lista em que estão incluídos os bancos Goldman Sachs, JPMorgan e Morgan Stanley.

Já renegociado e assinado está o polémico acordo com a Ithaka. A poucas semanas das eleições, Pinto da Costa assinou um contrato com esta empresa, vendendo 30% da Porto Stadco, sociedade ainda em fase de construção criada propositadamente para este negócio. Além disto, os dragões cedem por um período de 25 anos a exploração comercial do Estádio do Dragão — incluindo direitos de *naming*, bilhética, →

Desporto Como foi a primeira fase do mandato do novo líder dos “dragões”

gestão do museu e organização de concertos e outros eventos.

O acordo assinado pela antiga administração foi duramente criticado pela campanha de André Villas-Boas, visto que todas estas cedências foram apenas valorizadas num valor máximo de 65 milhões de euros – verba que o ex-treinador considerou muito abaixo do valor justo. Pinto da Costa garantiu que o acordo podia ser revertido caso perdesse as eleições e que bastava ao clube devolver os 65 milhões de euros que a Ithaka transferiu.

A verdade é que o clube não podia devolver o dinheiro – visto não o ter sequer recebido. Nem tampouco podia simplesmente cancelar o contrato, visto existirem cláusulas financeiramente penalizadoras para os “dragões” a blindarem o acordo. Dada esta impossibilidade de marcha-atrás, José Pereira da Costa sentou-se à mesa com a Ithaka e procurou maximizar o dinheiro recebido pelos portistas sem conceder novas cedências.

O resultado foi conhecido a 1 de Agosto passado: numa adenda ao contrato inicial, os portistas asseguraram um potencial aumento de 35 milhões de euros, com o negócio a poder atingir agora um valor máximo de 100 milhões de euros. Esta verba adicional está dependente dos bons resultados financeiros dos próximos anos. O FC Porto salvaguarda ainda a possibilidade de adquirir os 30% da nova sociedade comercial cedidos à Itahaka, após dez anos de parceria.

“É importante referir que o acordo assinado pela anterior administração não permitia qualquer tipo de revogação sem custos. Os custos eram avultados e, nesse contexto, procurámos a melhor solução possível para o FC Porto, em conjunto com o nosso parceiro que demonstrou a flexibilidade necessária para rever os termos e proporcionar as condições básicas para que este negócio se pudesse concretizar em pleno”, adiantou o administrador financeiro da SAD portista em declarações ao Porto Canal.

No FC Porto actual, vender bem e comprar ainda melhor são as palavras de ordem. Sem margem para investimentos profundos e contratações de alto gabarito, Villas-Boas apostou em Vítor Bruno, homem profundamente conhecedor do “ouro da casa”, como novo treinador portista. Falta saber se sairá algum jogador importante, mas a nova administração tem como objectivo evitar saídas abaixo das cláusulas de rescisão.

“Aperto” aos Super Dragões

A relação entre clube e os Super Dragões foi outro ponto muito discutido durante a campanha eleitoral – e levou mesmo a claque a opor-se à eleição do ex-treinador. André Villas-Boas prometeu que o grupo então liderado por Fernando Madureira deixaria de ter mais privilégios do que os restantes associados portistas, depois de queixas sobre bilhetes desviados de casas portistas e escassez de ingressos para os jogos fora.

NELSON GARRIDO



Nas últimas eleições do FC Porto, Villas-Boas conseguiu cerca de 80% dos votos. Após ser eleito, escolheu Vítor Bruno como novo treinador de futebol

A entrega indiscriminada de ingressos ao grupo [Super Dragões] foi extinta, um procedimento que acontecia no passado e que alimentava um alegado esquema de venda de bilhetes

Após ter assumido a SAD “azul e branca”, o presidente portista anulou o protocolo assinado pela antiga administração com os Super Dragões, impedindo que os privilégios se alargassem à presente temporada. Neste momento, apenas sócios dos Super Dragões podem pedir bilhetes, com a claque a ter de comunicar atempadamente os membros que pretendem assistir aos jogos. Ou seja, a entrega indiscriminada de ingressos ao grupo foi extinta, um procedimento que acontecia no passado e que alimentava um alegado esquema de venda de bilhetes.

Fernando Madureira, ex-líder da claque, está actualmente em prisão preventiva, no âmbito da *Operação Pretoriano*. Apesar de a investigação ter começado com as agressões na Assembleia Geral extraordinária portista, as autoridades abriram um inquérito separado para investigar uma suposta rede de venda de bilhetes recebidos pelos Super Dragões. O clube abriu também uma investigação para perceber quanto dinheiro o FC Porto perdeu com os bilhetes vendidos ilegalmente.

A administração liderada por Villas-Boas retirou do Estádio do Dragão o contentor usado pelos Super Dragões como ponto de venda de *merchandising*. Era neste ponto de encontro que ocorreria a venda ilícita de bilhetes, com a prática a estender-se também aos jogos das modalidades no Dragão Arena. A claque portista nomeou uma comissão de gestão formada por 13 elementos, responsável pela comunicação entre clube e grupo organizado.

NELSON GARRIDO



Sarar as feridas

José Fernando Rio foi adversário de Pinto da Costa nas eleições à presidência de 2020, por considerar que o clube precisava de uma mudança. Quatro anos depois, em Abril passado, decidiu apoiar publicamente o histórico dirigente, pedindo aos sócios uma “última oportunidade” para que este pudesse “corrigir e completar” o trabalho prometido. A decisão surpreenderia o universo azul e branco e até os antigos colegas de lista se afastaram da posição tomada pelo ex-candidato.

Villas-Boas venceria as eleições com mais de 80% dos votos e José Fernando Rio ficou ligado à facção que apoiou o candidato derrotado. Como é a vida no novo FC Porto a quem se opôs a André Villas-Boas? Existem ainda feridas por sarar quatro meses após as eleições?

“A vitória foi muito grande, não se pode falar em divisão quando 80% está de um lado e 20% de outro. Acho que a minoria que votou de acordo com a própria consciência tem de ser respeitada. Não é preciso estarmos a dizer que uns são bons e outros são maus. Agora é esta direcção que lá está e espero que faça o melhor trabalho do mundo, mas os outros sócios não são piores porque votaram Pinto da Costa. Sinto muito isso. Mas também sinto que há votantes de Pinto da Costa que não aceitaram os resultados. Acho é que a nova direcção não deve correr esse risco ou pisar essa linha vermelha de arrogância”, alerta o ex-candidato.

José Fernando Rio aponta ainda um claro corte com o passado, em muitos sectores. Além das naturais trocas nos cargos de gestão na SAD portista, o FC Porto terá uma reformulação também na comunicação. O antigo director deste departamento Francisco J. Marques já oficializou a saída do clube. Também Diogo Faria, director de conteúdos da FC Porto, também já não está no cargo. A mais recente saída foi a de Hugo Nunes, assessor jurídico ligado ao antigo conselho de administração.

PIOTR NOWAK/EPA



Mbappé ergue a Supertaça europeia, o primeiro troféu que conquista com a camisola do Real Madrid

Gasperini resistiu uma hora ao xeque-mate de Ancelotti

Crónica de jogo

David Andrade

Com Mbappé a marcar na estreia pelos espanhóis, o Real Madrid bateu a Atalanta e conquistou a Supertaça Europeia

O favoritismo recaía por inteiro para o lado do Real Madrid, mas, numa fase em que os jogadores ainda estão com os motores em fase de rodagem e quando há um confronto entre dois dos mais categorizados e experientes treinadores italianos, uma "final" pode tornar-se num rebuscado jogo de xadrez. Em Varsóvia, foi isso que aconteceu. Com as suas peças muito bem distribuídas, a Atalanta de Gian Piero Gasperini conseguiu durante uma hora anular o Real Madrid de Carlo Ancelotti. Porém, a sagacidade táctica da equipa de Bérgamo não chegou para travar a qualidade dos madridistas: com golos de Valverde e Mbappé, os espanhóis conquistaram a Supertaça Europeia.

Com um projecto de autor em Bérgamo, Gasperini teve na época passada o reconhecimento desportivo que o seu trabalho de oito anos na Atalanta já merecia. Depois de pôar o clube italiano a lutar pelos lugares cimeiros da Seria A, o técnico, de 66 anos, garantiu para os *"nerazzurri"* o maior título da sua história: a Liga Europa.

Para o alcançar, Gasperini conseguiu o que poucos conseguiram: desmontou as estratégias do Sporting de Rúben Amorim, do Liverpool de Jurgen Klopp e do Bayer Leverkusen de Xabi Alonso. No entanto, contra a equipa mais temida do futebol europeu, o combustível táctico da Atalanta esgotou-se ao fim de uma hora.

Sem Scamacca, Scalvini e Zaniolo e Koopmeiners, os italianos surgiram na Polónia com (aparentes) debilidades que um Real Madrid, cada vez mais reforçado – Kylian Mbappé fez a estreia oficial –, não deveria ter grandes dificuldades para aproveitar. Porém, embora com dificuldades nos primeiros minutos, a Atalanta rapidamente encaixou no rival.

Com isso e bastante agressividade sobre o portador da bola, a equipa de Gasperini anulou o talento de Mbappé, Vinícius, Rodrygo e Bellingham. Nos primeiros 45 minutos, o Real apenas criou perigo aos 15' (Mbappé) e 45' (Rodrygo). Já a Atalanta, que foi ganhando confiança com o decorrer dos minutos, respondeu por Marten de Roon, que acertou na barra de Courtois, aos 24'.

Após o nulo ao intervalo, Pasalic obrigou Courtois à defesa da noite, mas a ameaça italiana teve o efeito que Gasperini certamente menos desejava. Ao contrário do que aconteceu no primeiro tempo, a segunda parte começou sem o mesmo rigor táctico e, com o jogo partido, o Real teve a oportunidade que procurava.

Com mais espaço, Vinícius, aos 60', trocou os olhos a Djimsiti e ofereceu a Valverde um golo fácil. O "xeque-mate" de Ancelotti a Gasperini estava dado e, com facilidades q.b, pouco depois foi Bellingham que serviu Mbappé, que marcou no golo de estreia pelo clube de Madrid.

Sem surpresa, o Real conquistava em Varsóvia pela sexta fez a Supertaça, mas a Atalanta de Gasperini voltou a deixar uma boa imagem.

Real Madrid **2**
Valverde 59', Mbappé 68'

Atalanta **0**

Jogo no Estádio Nacional, em Varsóvia.

Assistência Não disponível.

Real Madrid Courtois, Carvajal (Lucas Vásquez, 88'), Éder Militão, Rudiger, Mendy (Fran Garcia, , Valverde, Tchouameni, Rodrygo (Modric, 76'), Bellingham (Ceballos, 88'), Vinícius Júnior ● 42' (Arda Guler, 88'), Mbappé (Brahim Díaz, 83').
Treinador Carlo Ancelotti.

Atalanta Musso, Zappacosta (Godfrey, 63'), Djimsiti ● 64', Hien (Palestra, 90'), Kolasinac (Bakker, 70'), Ruggeri, Éderson ● 9', De Roon, Pasalic (Manzoni, 90'), De Ketelaere (Retegui, 62'), Lookman.
Treinador Gian Piero Gasperini.

Árbitro Sandro Schärer (Suíça)
VAR Bastian Dankert (Alemanha)

V. Guimarães tranquilo, Sp. Braga sob pressão na UEFA

David Andrade

Os vitorianos defendem em casa uma vantagem de três golos frente ao FC Zurique, os bracarenses vão jogar na Suíça a sobrevivência

V. Guimarães e Sp. Braga vão tentar, hoje, ultrapassar a segunda ronda de uma prova europeia esta época, mas os dois clubes minhotos vão entrar em campo em posições distintas. Após a vitória por 3-0 no campo do FC Zurique, apenas uma hecatombe afastará os vitorianos do *play-off* da Liga Conferência. Na Liga Europa, o empate em Braga frente ao Servette (e na Liga nacional com o Estrela da Amadora) levaram à saída de Daniel Sousa e será Carlos Carvalhal que terá a missão de garantir, em Genebra, o apuramento do Sp. Braga.

Parecia ser um projecto sólido, mas ao fim de duas vitórias e dois empates, a confiança de António Salvador no treinador que fez do Arouca uma das equipas mais elogiadas na última época ruiu. Mesmo sem qualquer desaire, duas exibições "cinzentas" do Sp. Braga provaram fissuras irreparáveis para os dirigentes "arsenalistas".

A inesperada saída de Daniel Ramos foi resolvida com um velho conhecido e, na antevisão do jogo desta noite na Suíça (19h30, SPTV2), Carlos Carvalhal não deixou de apontar para a sua ligação aos bracarenses: "É bom estar aqui. Agradeço ao presidente a oportunidade de voltar a casa. Sinto-me como se nunca tivesse saído. É o meu clube."

Sem tempo para preparar o jogo com o Servette após o nulo em Braga, Carvalhal diz que dará à equipa "uma pincelada ou outra em termos de organização e de estratégia em relação ao adversário". "Com humildade e respeito pelo adversário, estamos convictos de que vamos passar", afirmou o treinador.

Em Guimarães, os problemas são menores. Com um currículo perfeito como treinador vitoriano – quatro vitórias sem qualquer golo sofrido –, Rui Borges procurou desvalorizar a vantagem de 3-0 conquistada pelo V. Guimarães em Zurique: "Temos de manter o rigor e a concentração perante o que o adversário nos poderá causar. Só tem um resultado negativo, connosco. Vem de uma vitória para o campeonato. Um golo pode mudar tudo em termos de força mental para o resto do jogo."

Diário de Um Cientista



Evolução: a bordo de uma máquina do tempo com coelhos, Darwin e Pokémons

A história de como um fascínio por Pokémon se transformou num estudo sobre evolução – utilizando uma "máquina do tempo" para estudar coelhos arqueológicos e perceber como mudaram até aos dias de hoje

Página 13

Eugénio Silva Texto
André Carrilho Ilustração

Se recuássemos no tempo para quando eu era criança, seria bem provável que me encontrassem numa viagem de carro com a minha família a jogar Pokémon na minha Nintendo prateada. Muito possivelmente, o Pokémon SoulSilver (que ainda hoje é o meu favorito da saga). Na altura fazia-o por lazer, mas hoje percebo que esta foi uma das razões para me ter tornado biólogo.

Ao longo do meu percurso académico e profissional, percebi que o conceito de evolução real não corresponde ao conceito de evolução nos Pokémons. Vou explicar-vos porquê, e como esta diferença tem impacto na minha investigação, na qual estudo ADN arqueológico e moderno de uma espécie de animal que muitos não sabem que é originária da Península Ibérica: o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*).

Ao estudar este animal no meu doutoramento, consigo conciliar duas paixões de infância: poder olhar para trás no tempo, como fazia com as minhas enciclopédias antigas sobre dinossauros (e que agora faço através de restos biológicos); e estudar evolução, conceito que me foi introduzido nos Pokémons.

Nesta série de desenhos animados, há Pokémons, monstros de variadas formas, cores e feitios. Estes "animais" são capturados e treinados para ficarem mais fortes. Quando atingem um certo limiar, evoluem. Ao fazê-lo, tudo acontece num aparato veloz: alteram a sua aparência e tornam-se ainda mais fortes, instantaneamente. No nosso mundo, não é bem assim.

Nessas viagens de carro em família, tinha o hábito de perguntar aos meus pais se já tínhamos chegado ao destino. Demorava sempre tanto tempo... Com a evolução passa-se algo parecido. Aliás, uma das maiores diferenças no conceito de evolução entre o mundo real e o dos Pokémons é também uma das ideias-chave de Charles Darwin - o famoso

azul. BIOPOLIS

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

naturalista e biólogo britânico que ficou conhecido pela teoria da origem das espécies. Durante a sua famosa viagem à volta do mundo, a bordo do navio *Beagle*, Darwin encontrou, ao desembarcar no continente sul-americano, fósseis antigos que representavam formas ancestrais de animais, como preguiças gigantes, cavalos e tatus.

Embora não pudesse observar estas espécies extintas nos tempos modernos, havia animais vivos semelhantes. Concluiu que eram formas actuais das ancestrais, que evoluíram a partir dos animais eternizados nos fósseis encontrados.

Esses fósseis antigos estavam profundamente enterrados no solo, sugerindo que tinham existido havia muitos milhares ou até milhões de anos – muito mais tempo do que as viagens de carro! E ao contrário do que acontece com os Pokémon, onde a evolução é instantânea.

Podemos considerar Darwin o "pai" da evolução, mas é importante notar que a sua teoria foi alterada diversas vezes ao longo do tempo – ela própria evoluiu. Apesar de reconhecermos que a maior parte dos processos evolutivos demoram milhares ou até milhões de anos, há alguns muito mais rápidos. Um exemplo: a evolução em organismos microscópicos, como bactérias ou vírus, pode demorar apenas alguns meses.

O facto de a evolução ser um processo tipicamente bastante lento faz com que seja difícil de estudar. Como estudar algo com potencial para demorar milhares ou até milhões de anos? Temos os fósseis, mas a maior parte dos organismos que morre não se torna fóssil. A formação de um fóssil é complexa, exige que logo após a morte o organismo fique completamente coberto por sedimentos (partículas como areia, lama e cascalho) e sem oxigénio (o que desacelera a decomposição do corpo). São condições bastante específicas.

Para estudar evolução, o ideal seria mesmo construir uma máquina do tempo. Assim, poderíamos voltar atrás alguns milhares de anos, observar alguns organismos desse tempo e comparar como estão nos tempos modernos. Dessa forma perceberíamos como a evolução actuou nestes seres vivos.

Infelizmente, esta máquina do tempo ainda não existe... Certo?

Bem, no final de contas, existe! Mas não é bem uma máquina do tempo, é mais um laboratório de ADN antigo.

Neste laboratório, trabalhamos com ADN extraído de amostras arqueológicas. Um problema: ainda não encontrámos ADN com mais de dois milhões de anos. Como só podemos estudar ADN de amostras com milhares de anos, teríamos de estudar um organismo que teve mudanças evolutivas significativas durante esse período de tempo...

Felizmente, há um organismo que se enquadra perfeitamente neste cenário: o coelho-bravo! Este coelho é a única espécie de coelho domesticada e a que é normalmente consumida por humanos. E, como pretendido, passou por eventos evolutivos significativos nos últimos milhares de anos.

Coelhos a bordo da máquina do tempo

O coelho-bravo é originário da Península Ibérica e Sul de França, apesar de ter sido introduzido por humanos em diversas partes do mundo (como a Austrália e Chile). Aliás, alguns especialistas argumentam que a palavra da qual Ibéria é derivada, Hispania, quer dizer "terra dos coelhos". Era assim que os romanos chamavam à nossa península.

Aquilo em que os romanos provavelmente não repararam é que existem duas subespécies de coelho. Estas subespécies começaram a separar-se há pouco menos de dois milhões de anos. Houve um momento em que a temperatura média no planeta desceu e formaram-se glaciares na Península Ibérica (este período geológico chama-se Pleistoceno). Isto levou à separação e à criação das duas subespécies de coelhos, uma na parte Oeste da península e outra na parte Este. Foi assim que começaram a evoluir em separado.

Há cerca de 18.000 anos, o último período glacial acabou (e, com ele, o Pleistoceno) e a temperatura aumentou substancialmente. O centro da península tornou-se um habitat favorável para as duas subespécies de coelho, onde ambas coexistem e se reproduzem constantemente.

É importante ressalvar que, durante esses dois milhões de anos, houve breves períodos de subida de temperatura média que permitiram contactos entre subespécies de coelho – mas durava pouco tempo, porque a temperatura voltava a descer.

Hoje, vemos que estas subespécies têm diferenças a vários níveis, por exemplo, morfológico e comportamental, fruto do tempo em que evoluíram em separado. Na minha investigação, estou interessado em compreender as diferenças a nível genético.

Enquanto investigadores, somos capazes de identificar que há porções de ADN específicas de cada subespécie, um conjunto de genes que as define. Mas como é que elas interagem num coelho híbrido, resultante do acasalamento entre coelhos de subespécies diferentes? Posso já dizer-vos que não ajudam em nada o coelho, que vai ter desvantagens genéticas: estes animais tendem a não ser saudáveis e não vivem tanto tempo.

O coelho-bravo é originário da Península Ibérica e Sul de França, apesar de ter sido introduzido por humanos em diversas partes do mundo (como a Austrália e Chile)

Havendo estas dificuldades na sobrevivência dos híbridos, as subespécies diferenciam-se cada vez mais entre si.

Mas como, quando e porque é que apareceram estas desvantagens nas crias dos acasalamentos entre coelhos de subespécies diferentes? Bem, para ser franco, também não sei... E é precisamente a estas questões que vou tentar responder nos próximos três anos! Para isso, vou estudar o ADN de dezenas de coelhos arqueológicos e modernos. Problema: estudar ADN de amostras arqueológicas é difícil!

Sacar coelhos do congelador

As amostras arqueológicas são bastante sensíveis e têm pouco ADN. Isto acontece, em parte, porque enquanto os organismos são vivos, há proteínas que asseguram a conservação do ADN (a que vamos chamar "proteínas conservadoras"). Quando um organismo morre, estas proteínas desagregam-se e deixam de fazer o seu trabalho, e o ADN corrompe-se. Quando um organismo morre, o seu corpo começa a deteriorar-se naturalmente, o mesmo acontece com o ADN.

O grande desafio é recuperar este ADN antigo e extrair informação relevante dele. Como se trata de ADN bastante sensível, temos de ter todos os cuidados possíveis. Um destes cuidados inclui usar um fato que cobre o corpo todo, como podem ver na imagem. Assim, impedimos que o nosso ADN contamine o ADN das amostras com que trabalhamos. Para tal acontecer bastaria um cabelo, pequenos pedaços de pele ou até mesmo um simples espirro.

Apesar destes cuidados todos, ainda há coisas que não conseguimos fazer num laboratório de ADN antigo. Infelizmente, ainda não conseguimos extrair ADN de amostras com mais de dois milhões de anos, portanto ainda não temos ADN de dinossauros (para grande tristeza minha). O ADN desta idade não sobrevive, está completamente deteriorado. Num caso raro foi possível analisar ADN com dois milhões de anos porque estava conservado numa camada de gelo. Além do gelo, houve uma grande dose de sorte à mistura.

De facto, um dos maiores desafios no campo do ADN antigo é encontrar amostras com quantidades de ADN com as quais possamos trabalhar. A maior parte delas tem valores tão baixos que é difícil concluir algo acerca delas.

Para que uma amostra tenha ADN que possa sobreviver até hoje precisa de certas condições: idealmente, têm de estar num ambiente seco e frio. Estas condições (e outras mais complexas) retardam a decomposição do ADN. A razão pela qual guardamos os restos de comida no frigorífico ou no congelador, para comer mais tarde, é que estes dois electrodomésticos são secos e frios, o que ajuda a conservar os alimentos. O mesmo acontece com o ADN.

Assim, para encontrarmos ADN de amostras arqueológicas, precisamos de um sítio que seja seco e frio. O ideal seria um congelador. Que pena que os nossos antepassados pré-históricos não tenham deixado uma série de restos de coelhos em congeladores, não é? No entanto, até deixaram... De certa forma...

As grutas são meios propícios à conservação do ADN, especialmente de amostras antigas. Isto porque, por norma, são sítios secos e frios (já decoraram a lengalenga?).

Também são estruturas que protegem o ADN de outros agentes físicos que o deterioram, como a radiação ultravioleta. Estes locais eram igualmente importantes para os nossos antepassados, porque eram abrigos seguros. Era aí que desenvolviam laços sociais, pintavam e também comiam.

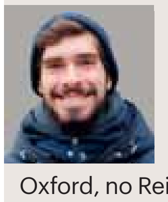
É importante salientar que o coelho tem sido uma importante fonte de alimento para as populações humanas ibéricas desde tempos pré-históricos. Portanto, é comum encontrar restos de coelhos nestas grutas, por exemplo na Cueva Millán, uma gruta pré-histórica em Burgos, Espanha. Esta e outras grutas representam o Santo Graal da minha tese de doutoramento: não só é comum encontrar amostras arqueológicas de coelho, como têm boas hipóteses de terem quantidades suficientes de ADN!

Por enquanto, ainda não tenho resultados destas análises que tenho feito. Demoram tempo e, mesmo com a ajuda das grutas, é difícil arranjar amostras, o que atrasa o processo.

Por isso, se quiserem ajudar um investigador daqui a alguns milhares de anos, pensem em guardar os restos no congelador... Podem vir a ser bastante úteis!

Eugénio Silva

Estudante de doutoramento



Sou biólogo e aluno de doutoramento da Universidade do Porto. Estou a realizar a minha tese entre o centro de investigação Biopolis-Cibio, em Portugal, e a Universidade de Oxford, no Reino Unido. Alguns *hobbies* meus: ver e jogar basquetebol, viajar, ler e contactar com a natureza (há pouco tempo realizei o meu sonho de fazer *trekking* nos Himalaias, no Nepal).

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Genética e Genómica Evolutiva (Evolgen)

Entrevista de vida



Patrícia Sampaio

"Gostava que percebessem a mais-valia que somos"

Patrícia Sampaio trouxe a medalha olímpica de judo, na categoria de -78 kg. Conta como se preparou, a "leveza" com que chegou a Paris, que condições tinham a Vila Olímpica e o que espera do seu país

Entrevista

Leonor Alhinho Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Os Jogos Olímpicos terminaram e Portugal teve a melhor participação de sempre. Iúri Leitão conseguiu uma medalha de prata e uma de ouro, esta última com Rui Oliveira, no ciclismo de pista, Pedro Pichardo atingiu a prata no triplo salto e, claro, Patrícia Sampaio estreou o “medalheiro” com a medalha de bronze no judo, categoria de -78kg.

Da resistência (e desistência) à modalidade até dedicar cinco horas por dia aos treinos, Patrícia já passou por grandes feitos, mas também grandes lesões. Reconhece a importância da parte mental num atleta e chegou a sofrer com uma perturbação alimentar, por estar numa modalidade organizada em categorias de peso. O PÚBLICO conversou com Patrícia Sampaio, de 25 anos, esta semana em Tomar.

Seguindo a lógica da vida, comecemos pelo início. Porquê o judo?

O meu irmão mais velho, também meu treinador, faz judo desde os cinco anos. O meu pai também foi sempre ligado ao desporto, foi atleta profissional quando era jovem. Eu não era muito ligada ao desporto, mas depois de tanto insistirem, aos sete anos, fui experimentar o judo. Durou cerca de uma semana, não achei piada e acabei por desistir.

Continuei sem fazer desporto algum tempo. Só brincava muito, principalmente na rua, aqui em Tomar. Mas eles continuaram a insistir e aos nove anos voltei a tentar e fiquei até hoje. Ia com uma amiga da escola no final das aulas e comecei a criar muitas amizades na modalidade.

Rapidamente passei de cinto, mudei de turma. Só que eu era muito grande e não havia muitas raparigas, então lutava com os rapazes. Como foram aparecendo desafios constantemente, fiquei entusiasmada.

Continua a “lutar” com os rapazes, já que pede ao seu treinador que lhe dê umas “pancadinhas” antes das competições, certo?

Certo! Mas ao meu treinador, que não é o meu irmão, já que me acompanha mais nas provas do estrangeiro. Só que acabo por pedir isso a qualquer treinador que me acompanhe. Com o meu irmão, em mais novos, lutava em casa. Antes, porque discutíamos, depois porque começámos a treinar juntos. (risos)

Se a medalha de bronze é o “ouro” da sua carreira, quais são os outros dois feitos no pódio?

Essa pergunta é complicada, porque não consigo escolher outros dois. Há muita coisa para trás que me impulsionou ou que me deu mais força para continuar – por exemplo, quando tinha 16 anos, fui vice-campeã da Europa de cadetes e essa foi a minha primeira grande medalha. Abriu-me portas para entrar na selecção de juniores, ter medalha no campeonato do Mundo de juniores, ser campeã da Europa de juniores.

Foi o facto de ter sido vice-campeã da Europa em cadetes que marcou a sua ascensão?

Talvez, mas sinto que tive uma ascensão muito gradual. Tive altos e baixos, tive lesões, paragens longas derivadas de lesões. Contudo, quando estava num escalão já estava a integrar-me para outro; então, acho que sempre consegui fazer essas transições muito bem. Por exemplo, depois de juniores comecei logo a ter medalhas nos seniores, o que também determinou o meu apuramento para Tóquio 2020.

A medalha de bronze em Paris 2024 tornou, contudo, a ascensão mais abrupta. Como tem sido essa mudança de paradigma?

No fundo, as mudanças têm sido ter menos tempo livre, sou muito mais reconhecida na rua, as pessoas pedem para tirar fotos, vêm dar os parabéns e vêm agradecer, que eu acho que é uma coisa extraordinária – porque vêm agradecer-me pelo que fiz pelo país e isso é melhor do que qualquer foto, é melhor do que qualquer “parabéns”; porque aí sinto mesmo que as pessoas reconhecem que estão 16 anos de trabalho nesta medalha.

No meio de tudo isso, já conseguiu absorver o momento?

Não senti que estava na realidade, quando o combate acabou. Acho que foi quando tive a medalha ao peito, quando a mordi. Desabei em lágrimas, quando estava ao pé do pódio e chamaram o meu nome para subir. Foi aí que começou a cair a ficha.

Depois, a recepção ao chegar a Portugal foi incrível. Achava que só iam estar lá os meus pais, o meu irmão e a minha cunhada. Tinha falado com algumas pessoas para ver se podiam lá estar, mas disseram não havia necessidade, que estávamos juntos no dia seguinte. E depois faço a curva da zona das malas e vejo uma enchente de pessoas. Tinham organizado um autocarro para me vir buscar e isso foi incrível. Estavam as crianças do meu clube, a minha família, amigos de Tomar, de Lisboa. Em Tomar foi uma dimensão ainda superior, foi incrível.

Ainda voltou a Paris para ser porta-estandarte na cerimónia de encerramento dos Jogos Olímpicos.

Quando recebi o convite, fiquei mesmo entusiasmada e contente. É uma coisa da qual nem todos os atletas se podem gabar. É carregar o peso do país. Sou eu que estou em representação dos atletas olímpicos do nosso país e do nosso país. É extraordinário e um orgulho gigante.

Eu e o Iúri [Leitão, duas vezes medalha olímpica em ciclismo de pista em Paris 2024] estávamos muito entusiasmados. Foi uma emoção gigante. Quando pude olhar à volta e para a dimensão do estádio e ver pessoas até ao tecto, foi emocionante. Completamente diferente de Tóquio 2020, que não podia ter pessoas nas bancadas.

Comparando então as duas experiências olímpicas, o que mudou de Tóquio para Paris?

A minha preparação foi completamente diferente. Muito pouco tempo antes de ir para Tóquio, estava lesionada. Não tinha saúde física suficiente para estar nas mesmas condições. Parti uma perna nove meses antes, fiz uma rutura bastante grave três meses antes. Foi uma preparação com muito mais baixos do que altos.

Em 2021 [quando o evento de 2020 aconteceu devido à pandemia covid-19], eu era uma miúda. Agora, apesar de continuar a ser uma miúda, sou uma miúda com muito mais maturidade, com muito mais experiência. Nos anos entre os dois passei por outro tipo de dificuldades, de lesões, tive de aprender a lidar com tudo isso, tive de crescer através de tudo isso. Tornei-me mais confiante com isso. Em mim, no trabalho que fiz, nas pessoas à minha volta e naquilo que conseguimos juntos.

Também aprendi a aproveitar o momento. Em ambos os anos eu fui para lá uma semana antes da competição. Em Tóquio estava muito nervosa, maldisposta, calada, mais fechada, por nervos e falta de confiança em mim. Em Paris estive sempre tranquila, bem-disposta e levei as coisas com muito mais leveza. Senti-me muito feliz e grata desde o momento em que cheguei à Vila Olímpica.

Na Vila Olímpica, sentiu que faltaram condições?

Eu não sei se foi pelo facto de estar tão submersa na minha bolha de felicidade, mas eu não consegui ver assim tantos defeitos. Tem-se falado muito da comida, mas no meu caso, como tenho que estar em controlo de peso e a minha alimentação antes da competição é muito restrita, não deu para explorar muito o restaurante. Daquilo que provei, fiquei satisfeita.

O Comité Olímpico de Portugal (COP) fez de tudo para estarmos bem no nosso edifício. Toda a gente falava mal das camas de cartão, muito duras, mas nós tivemos a sorte de ter uma marca de camas diferente (Ergomotion). Para mim isso foi perfeito, dormi bem todas as noites. No espaço onde convivíamos também correu tudo bem. Não tinha tido oportunidade de conhecer alguns atletas antes e isso foi muito bom.

Aos quartos chegavam-nos várias ofertas, *kits*. Colocaram um *poster* no nosso quarto com uma foto de um feito nosso e com frases de motivação personalizadas. Acho que as instalações ao controlo do COP foram impecáveis.

No sentido mais abrangente, claro que a aldeia por ser algo grande, também é confusa. Caminhamos muito e às vezes os transportes não são os mais eficientes. Às vezes chegavam atrasados. Outras, podíamos demorar uma hora a fazer um percurso de 30 minutos e claro que naquele momento isso gera desconforto, naquele período o nosso tempo é muito valioso. Sei que as expectativas são grandes por se tratar dos Jogos Olímpicos e por acontecer apenas de quatro em quatro anos, mas estas coisas acontecem noutras competições naturalmente.

E ao nível das condições em Portugal para ser atleta olímpico?

Eu acho que sou um caso diferente da maioria, porque sou de Tomar e represento o clube de Tomar. Logo aí é diferente, porque no meu clube eu não consigo ter um ordenado, por exemplo. No entanto, há uns anos consegui começar a ter apoio da câmara municipal, já que o clube não tem condições para me apoiar financeiramente. Apoia, naturalmente, nas instalações e em tudo aquilo que consegue.

Depois também temos o apoio possível das bolsas do comité, mas aquilo supostamente também é um extra, não é suposto ser a nossa única fonte de rendimento. É suposto que seja algo para ajudar um bocadinho para que consigamos dedicar-nos o tempo necessário à nossa modalidade e fazer disto vida. Poderia ser mais claro (risos).

Sinto que a situação podia melhorar um bocadinho ao nível das empresas, dos patrocínios, se tivessem mais atenção aos atletas de modalidades diferentes e que percebessem a mais-valia que somos. Também estou na →

As pessoas vêm agradecer-me pelo que fiz pelo país e isso é melhor do que qualquer foto, é melhor do que qualquer “parabéns”; porque aí sinto mesmo que as pessoas reconhecem que estão 16 anos de trabalho nesta medalha

Sou uma miúda com muito mais maturidade, com muito mais experiência

Entrevista de vida



expectativa de que os Jogos Olímpicos mudem isso para mim (risos).

Falou em fazer a modalidade a tempo inteiro, mas não é o seu caso, pois não?

Estou na licenciatura em Ciências da Comunicação, em Lisboa. Faltam-me duas cadeiras, portanto de momento não está nos planos ser jornalista. Quero acabar para fechar esse capítulo, mas gosto de ter várias opções.

Enquanto estou a fazer a licenciatura, tenho feito outros cursos também na área da Comunicação, mas também para ser treinadora. Não sei o que vou fazer exactamente depois de terminar a carreira. Sei que também gosto muito de escrever, das entrevistas e ando a descobrir que gosto de ir à rádio.

Para já, ainda não estou muito preocupada, porque ainda pretendo trabalhar nos próximos quatro anos. Assumo que quero estar nos Jogos de Los Angeles 2028 e, talvez, fazer outro ciclo olímpico para 2032. Enquanto isso acontece, é practicamente impossível fazer outra coisa. São quatro ou cinco horas de treino diárias, competições, viagens, fisioterapia, estágio e descanso.

Se um dia vier a ser jornalista, quem gostaria de entrevistar?

O Cristiano Ronaldo (risos). O Michael Jordan também. São pessoas que, mais do que extraordinárias na sua carreira desportiva, teriam muito a ensinar ao nível da mentalidade, de espírito de sacrifício e tudo aquilo que requer atingir aquele nível no desporto.

Mas no judo já tive oportunidade de entrevistar a Telma [Monteiro] e adorei. Foi para um trabalho da escola. Também entrevistei a Catarina Costa [também presente nos Jogos de Paris], gostei imenso.

Sei que gosta de ver séries e documentários desportivos. Como é que isso a influencia?

Uso-as para me inspirar, mas também para perceber algumas coisas. Passamos por momentos difíceis e é bom ver que essas pessoas também passam por isso, por mais até. É bom ver como abordam isso. Cá fora vemos todos o sucesso dessas pessoas, mas os documentários exploram as coisas más e esse aspecto da superação, de como reagem, de como recuperam fascina-me muito.

Treinar é difícil, mas mais difícil é estar no fundo e arranjar a força para continuar a trabalhar e a acreditar, erguermo-nos e voltarmos a estar no topo. É isso que faz destas pessoas excepcionais. Às vezes também me revejo, porque também já tive os meus momentos baixos e tive de renascer das cinzas. Um atleta olímpico é composto de um equilíbrio entre a parte física, a parte técnica, mas também, e muito, a parte mental.

Para além disto, estes conteúdos também me deixam mais atenta e interessada por outras modalidades. Antes eu era muito focada só no judo. Agora estou a tentar mudar isso. Vi o documentário da Simone Biles e adorei, do Michael Jordan, um de atletismo, o Sprint (2024).

Em tempos não teve a melhor relação com comida, também por fazer uma modalidade com categorias de peso. Conta-nos um pouco sobre essa jornada?

Não tenho problema em falar sobre isto, porque, infelizmente, sei que é muito comum no desporto, principalmente em raparigas mais jovens pela pressão de manter o peso.

Quando era mais nova, fazia uma categoria a baixo, os -70kg, e realmente houve ali uma altura em que tinha uma relação má com a comida. Cheguei a perder seis ou sete quilos rapidamente para conseguir competir na categoria. Tinha 16 anos, não sabia fazer as coisas em condições. Hoje tenho uma nutricionista que me ajuda.

> **No meu clube eu não consigo ter um ordenado, por exemplo. No entanto, há uns anos consegui começar a ter apoio da câmara municipal**

> **Sou muito emotiva, penso muito com o coração, sou muito chorona e intensa**

Nessa altura fazia as coisas muito sozinha, por intuição, ou tentava aprender de alguma modo. Não fazia as coisas da melhor forma e então cheguei a ficar o máximo de tempo possível sem comer e depois tinha crises de *binge eating* (comer compulsivamente). Quando podia comer, depois da competição, comia desalmadamente tudo o que me aparecia à frente, sem controlo. Depois voltava a perder muito peso na semana da prova; quando passava, voltava a comer imenso. Sempre neste ciclo e tinha provas muito frequentemente.

Depois acabava por não ter uma relação muito boa com o meu corpo, acho que tinha um bocado de dismorfia corporal. Achava que era muito gorda e tinha menos dez quilos do que tenho agora, tinha uma imagem muito distorcida de mim.

Assim que subi de categoria (-78kg), porque concordámos todos que era mais saudável para mim, as coisas melhoraram imenso. Tive de me esforçar para ter uma melhor relação com comida e, hoje, mesmo que tenha de perder peso, faço-o de forma saudável. Se calhar na altura não temos noção de que é um problema, mas temos de o reconhecer para o conseguir melhorar.

O país conhece a "Patrícia Sampaio, judoca" e a "Patrícia Sampaio, medalhista olímpica". Quem são as outras?

É sempre difícil descrevermo-nos a nós mesmos, mas sou muito transparente. O que as pessoas têm visto sou mesmo eu, quer nas competições, quer nas entrevistas. Não consigo criar uma imagem para fora diferente daquilo que realmente sou. Sou muito emotiva, penso muito com o coração, sou muito chorona e intensa.

Só que também sou muito maternal, apesar de não ser mãe. Sou uma pessoa de família, gosto de estar perto dos meus, gosto de estar em Tomar, perto da minha família e de casa.

Terroir

publico.pt/terroir

Terroir é um projecto digital do PÚBLICO dedicado ao vinho, com o apoio das 14 regiões vitivinícolas portuguesas, do Instituto da Vinha e do Vinho e da Andovi. A produção editorial é completamente independente destes apoios.

Dois palhetes para desenjoarmos dos tintos

Estão entre um *rosé* e um tinto, fazem parte da história, têm versatilidade gastronómica e ainda nos ajudam a fazer as pazes com o vinho. Viva o palhete! Viva clarete!

Edgardo Pacheco

Se ninguém consegue prever as tendências de consumo de vinho daqui por cinco anos (um problema bicudo porque não se muda de vinhas como se muda de padrões de vestuário), é certo que os vinhos mais frescos, mais leves, mais abertos de cor, menos extraídos, menos alcoólicos e menos manipulados do ponto de vista enológico vão ganhar terreno. Entre outras razões, isto é assim porque, por um lado, muitos consumidores estão enjoados dos vinhos pesados, alcoólicos e amadeirados ("vinhos-pesadelo" segundo Dirk Niepoort) e, por outro, precisam de brancos e tintos que tenham capacidade de ligação com as gastronomias exóticas que enchem as ruas das principais cidades do país.

É nesse contexto que – embora de forma tímida – começam a aparecer no mercado vinhos clarete e palhete. Os primeiros são feitos a partir de uvas tintas colhidas mais cedo e com uma enologia menos extractiva (vinhos com fruta primária, abertos de cor, menos álcool e taninos mais suaves); os segundos são criados com uvas tintas e uma percentagem de uvas brancas. Semelhantes aos primeiros, os palhetes podem distinguir-se por uma percepção de acidez mais elevada e por tons cromáticos mais abertos, tudo por causa das tais uvas brancas. Nas adegas que se dedicam ao vinho de talha, os palhetes têm um nome peculiar: petroleiros. E, verdade se diga, temos provado alguns petroleiros de categoria.

Numa analogia primária, podemos dizer que um clarete e um palhete estão entre um *rosé* e um tinto, embora, verdade seja dita, palhete era o que muita gente fazia para consumo próprio e a partir de vinhas velhas, onde se misturavam castas tintas e brancas. De maneira que não estamos propriamente perante uma inovação. Estamos, isso sim, perante a recuperação de um conceito que dá jeito a toda a gente: aos produtores, que têm um perfil novo para apresentar; aos *sommeliers*, que podem brilhar perante os clientes; e aos consumidores que sentem algum enjoo de modas que nos foram impostas dos EUA.

O enólogo Paulo Nunes, que criou um clarete de categoria com a marca Dona Sancha (Dão), costuma dizer que quando está farto de tintos – e isso pode acontecer com alguma facilidade –, o clarete é a sua "salvação". Lá está, porque a frescura, um carácter mais primário e certas notas vegetais dos claretes e palhetes ajudam a limpar da nossa memória os tintos pesados e, em simultâneo, adequam-se na perfeição a um conjunto de pratos portugueses e internacionais. Estes vinhos, que dão muito jeito no Verão, tanto acompanham carnes como peixes, arrozes, massas ou uma infinidade de pratos das gastronomias asiáticas. E, melhor ainda, não é sacrifício algum atacar o segundo copo. Não enjoam. Desenjoam.

FOTOS: DR





Estes vinhos acompanham carnes, peixes, arrozes, massas ou pratos das gastronomias asiáticas

Nas adegas que se dedicam ao vinho de talha, os palhetes têm um nome peculiar: petroleiros

Em menos de uma semana, provámos dois palhetes que merecem destaque. Um, da AdegaMãe, na região de Lisboa, é novidade. O outro, da Quinta de São Bernardo, do Douro, não. Apesar da estreia, o vinho criado por Diogo Lopes é, de algum modo, o prolongamento de um trabalho com tintos mais leves (caso do AdegaMãe Tinto Atlântico), marcados pela frescura da região, ou, se quisermos, um piscar de olhos ao Medieval de Ourém, feito com Fernão Pires e Trincadeira, não obstante o peso da casta branca ser determinante (80 por cento do lote). Sim, a AdegaMãe está empenhada em levar a sério o conceito de *tinto de Verano*. Boa notícia.

A origem do nome

O AdegaMãe Palhete 2023 novo vinho é feito com as castas Pinot Noir, Castelão (tintas) e Fernão Pires (branca), que fermentaram em conjunto. O resultado é um vinho que começa a agradar desde que cai no copo pelo facto de ter uma cor acerejada ou apetrolada e brilhante. Aromaticamente, está marcado pelos frutos vermelhos e pelas notas vegetais típicas das castas tintas. Na boca, é um vinho espevitado, vegetal, frutado e leve, ideal para se começar uma refeição (com alguns fritos) e continuar com uma sardinhada clássica com tudo a que temos direito (batatas, tomate, pimento, cebola e pepino) ou, melhor ainda, um arroz de sardinha. É isso. Melhor ainda, cada garrafa custa 9 euros.

Já o Palhete Vale dos Enganos 2019, da Quinta de São Bernardo, tem um perfil mais senhorial, coisa que lhe deu o tempo, a região quente e a parafernália de castas que está numa vinha velha (Malvasia Fina, Malvasia-Rei, Rabigato e Gouveio) nas brancas, e Tinta Barroca, Touriga Nacional, Touriga Francesa, Tinta Francisca, Malvasia Preta e Tinta Roriz, nas tintas.

Descobrimos este vinho no hotel Six Senses Douro Valley e ficámos de queixo caído com a qualidade e a irreverência dos vinhos de uma marca pouco badalada, em particular de um espumante com idade, um *rosé* e um tinto de 2012 em garrafa de grande formato. Em breve se dará notícia dos vinhos e do evento em si.

Até o nome do palhete tem a sua piada. De acordo com Pedro Pinto, o vale tem esse nome porque, dada a sua orografia, as vinhas estão mais sujeitas a doenças (míldio e oídio), pelo que, segundo os antigos, umas vezes o vale produzia bem, outras não dava nada e, outras ainda, assim-assim. Donde, Vale dos Enganos.

Seja como for, estamos perante um vinho com alguma complexidade, misturando notas de frutos vermelhos e pretos e algo entre o mineral e o vegetal. A boca é marcada por uma suavidade que nos faz lembrar o carácter aveludado de alguns tintos do Dão. Se o palhete da AdegaMãe é jovem, este Vale dos Enganos (25 euros), com cinco anos, tem aquele mistério que só chega com o tempo, pelo que vai bem com uma carne estufada ou um peixe assado.

De resto, a proposta destes dois palhetes não é feita ao caso. Como gostamos de recomendar por aqui, nada como comprar uma garrafa de cada casa, juntar os amigos num almoço ou jantar de Verão e desatar a conversar sobre os dois perfis de palhete. É assim que se aprende. E é assim que desenjoamos um bocadinho dos tintos clássicos, que bem podem esperar pelo Outono.

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Estreias

A Torre Sem Sombra
De Zhang Lü. Com Xin Baiqing, Huang Yao, Tian Zhuangzhuang. China. 2023. 144m. Dra. M12.
Gu conhece Ouyang, uma jovem fotógrafa que luta contra o trauma de ter sido abandonada em criança, com quem inicia um relacionamento amoroso. Quando ele descobre o paradeiro do pai, de quem perdeu o rasto há mais de 40 anos, é encorajado por ela a tentar uma reaproximação.

Sobretudo de Noite
De Víctor Iriarte. Com Lola Dueñas, Ana Torrent, Manuel Egozkue , María Vázquez. FRA/ESP/POR. 2023. Drama, Negro. M12.
Na juventude, Vera deu o seu filho para adopção, passando o resto da vida a tentar recuperá-lo. Cora, que nunca conseguiu engravidar, optou por cuidar de uma criança sem família. Um dia as duas mulheres encontram-se. São ambas mães de Egoz, que está prestes a fazer 18 anos.



Alien: Romulus
De Fede Alvarez. Com Isabela Merced, Cailee Spaeny, Archie Renaux. EUA/GB. 2024. 119m. Terror, Ficção Científica. M16.
Com realização do uruguaio Fede Álvarez, este filme segue jovens colonizadores que ao explorarem uma estação espacial abandonada se deparam com perigosos seres alienígenas.

Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa
De Luis Ismael. POR. 2024. Com Jorge Neto, Luís Ismael, J. D. Duarte e João Pires. 113m. Comédia. M14.
Rato, Tone, Culatra e Bino, o mais famoso grupo de "cromos" do Norte, são obrigados a regressar às origens, que é o mesmo que dizer às casas dos pais e têm mais algumas coisas para dizer.

Gracie e Pedro - Dupla Improvável
De Kevin Donovan, Gottfried Roodt. Com Bill Nighy (Voz), Brooke Shields (Voz), Danny Trejo (Voz), Al Franken (Voz). África do Sul/CAN/EUA. 2024. 87m. Animação, Comédia. M6.
Gracie é uma cadelinha de raça pura, orgulhosa e cheia de si; Pedro é um gato auto-suficiente que, apesar de muito acarinhado, nunca chegou a deixar alguns dos seus hábitos de vadio. Os dois tinham uma relação difícil até se perderem dos donos.

Harold e o Lápis Mágico
De Carlos Saldanha. Com Zachary Levi , Zooey Deschanel. EUA. 2023. 82m. Animação. M6.
Quando uma história é escrita, as personagens ficam presas ao papel. Mas o que aconteceu a Harold foi algo bastante inusitado. Criado dentro de um livro, ele tem um lápis mágico que materializa absolutamente tudo o que é possível desenhar. Um dia, decide desenhar uma porta que o faz atravessar para o mundo real.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	—
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low-Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Ryuichi Sakamoto - Opus M12. 19h45; **Banel & Adama** M12. 13h25; **A Última Sessão de Freud** M12. 15h15; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h40; **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 15h35 (VP), 17h45 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 21h45; **A Ilha Vermelha** M12. 17h25; **Crossing - A Travessia** M14. 19h25; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h20; **Oh Lá Lá!** M12. 15h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h20, 17h50, 21h45; **Alien: Romulus** M16. 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h25 (VP); **Yupumá** M12. 20h20; **Sobretudo de Noite** 19h30

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h45, 15h50 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 15h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 15h30, 19h50 (VP), 19h25, 21h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 19h10, 21h40; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h; **Oh Lá Lá!** M12. 20h; **Armadilha** M12. 21h55; **Borderlands** M12. 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h20, 19h, 21h35; **Alien: Romulus** M16. 13h10, 15h30, 19h20, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 15h40, 21h45; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h15, 15h15 (VP)

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 14h; **Banel & Adama** M12. 17h40; **A Ilha Vermelha** M12. 19h20; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 15h45, 21h30

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Morangos Silvestres M12. 14h; **Fanny e Alexandre** M12. 18h; **A Flauta Mágica** 11h; **A Comédia e a Vida** 16h;

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h05, 13h40, 15h50, 18h15, 21h05 (VP); **Ryuichi Sakamoto: Coda** M12. 11h, 13h55, 16h10, 18h25; **Banel & Adama** M12. 14h25, 19h30; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h25, 16h, 18h35; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 21h10; **Divertida-Mente 2** M6. 11h15, 14h, 16h25, 18h45 (VP), 21h15 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h50, 21h40; **Tornados** M12. 18h30, 21h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h30, 16h15, 19h05, 21h55; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h30, 21h35; **A Ilha Vermelha** M12. 13h35, 18h40; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 16h40, 19h25; **Oh Lá Lá!** M12. 14h10, 16h45, 19h15, 21h25; **Armadilha** M12. 19h15, 21h35; **Borderlands** M12. 14h05, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h05, 18h55, 21h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h25, 14h30, 17h (VP); **Alien: Romulus** M16. 11h25, 13h45, 16h30, 19h10, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 11h10, 16h20, 21h30; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h30, 14h35, 16h55 (VP); **Mais Que Nunca** M14. 13h15, 15h55; **Stree 2** 21h

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030
Harold e o Lápis Mágico M6. 15h20, 17h25 (VP); **A Última Sessão de Freud** M12. 22h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h25 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 15h40, 17h15, 18h20, 19h30, 21h45 (VP), 15h55, 17h55, 19h55, 21h55 (VO); **Tornados** M12. 19h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 17h20, 18h30, 19h15, 21h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h; **Oh Lá Lá!** M12. 15h20, 20h, 21h55; **Armadilha** M12. 22h; **Borderlands** M12. 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h45, 19h10, 17h30, 21h30; **Alien: Romulus** M16. 15h35, 18h50, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 15h15, 21h55; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h15 (VP)

UCI Cinemas - Ubbo
Estrada Nacional 249/1, Venteira.
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h10, 16h35, 18h50, 21h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 10h40, 13h35, 15h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 13h55, 16h20, 18h45, 21h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h15, 13h25, 16h10, 18h40, 19h, 21h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h, 19h10; **Armadilha** M12. 16h30, 21h35; **Borderlands** M12. 16h25, 18h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h05, 18h55, 21h40; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 11h, 14h15 (VP); **Alien: Romulus** M16. 13h45, 16h, 16h25, 19h05, 21h30, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 18h35, 21h05; **Stree 2** 21h

Barreiro

Castello Lopes - Fórum Barreiro
Campo das Cordoarias. T. 212069440
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h05, 16h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 14h15, 18h45 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 11h, 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20; **Alien: Romulus** M16. 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 13h30, 19h05; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h15, 15h55 (VP)

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h25, 13h25, 15h25, 17h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h10, 13h10, 17h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h05, 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 11h, 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 19h35; **Borderlands** M12. 19h25; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20; **Alien: Romulus** M16. 14h, 16h30, 19h, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 10h55, 15h25 (VP)

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Quinta do Infantado, Loja A003. T. 0
Harold e o Lápis Mágico M6. 12h30, 14h, 16h, 18h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h30, 14h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h50, 19h, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 12h30 (VP); **Armadilha** M12. 21h40; **Borderlands** M12. 20h, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h10, 18h50, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h20 (VP); **Alien: Romulus** M16. 14h20, 16h50, 19h20, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 17h, 19h20, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h, 15h (VP)

Torres Novas

Castello Lopes - TorreShopping
Bairro Nicho - Ponte Nova. T. 249830752
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h05 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 14h40, 16h55 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h10, 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h10, 18h30, 21h10; **Alien: Romulus** M16. 13h40, 18h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h, 15h50 (VP)

Santarém

Castello Lopes - Santarém
Largo Cândido dos Reis. T. 243309340
Harold e o Lápis Mágico M6. 12h, 13h10, 17h20, 19h (VP); **Garfield: O Filme** M6. 11h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 10h55, 15h05 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h05, 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 16h10, 18h45, 21h20; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 11h15 (VP); **Oh Lá Lá!** M12. 19h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20; **Alien: Romulus** M16. 14h, 16h30, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h10, 13h50 (VP)

Setúbal

Cinema City Alegro Setúbal
C.C. Alegro Setúbal. T. 214221030
Harold e o Lápis Mágico M6. 15h35, 17h35 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 15h25, 19h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 15h40, 17h15, 19h30, 21h45 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h55; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 17h25, 19h15, 21h50; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h35; **Oh Lá Lá!** M12. 15h30, 21h30; **Armadilha** M12. 19h40; **Borderlands** M12. 21h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h15, 17h55, 19h, 21h40; **Alien: Romulus** M16. 15h45, 19h20, 17h30, 21h45; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 15h15, 17h30, 19h45, 22h; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h15 (VP)

Albufeira

Cineplace AlgarveShopping - Guia
Estrada Nacional 125 - Vale Verde, Guia.
Harold e o Lápis Mágico M6. 12h30, 14h, 16h, 18h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h, 15h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h10, 17h20 (VP), 19h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h30, 19h10, 21h50; **Oh Lá Lá!** M12. 21h40; **Borderlands** M12. 20h, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h40, 14h30 (VP); **Alien: Romulus** M16. 14h20, 16h50, 19h20, 21h40, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 17h, 19h20, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h30, 15h30, 17h30 (VP)

Lazer

CINEMA

Interdito a Cães e Italianos

OLHÃO Re-Criativa República 14 — Associação Cultural. Dia 15/8, às 21h30. M/12. 4€ a 5€

Temas como pobreza, migração e xenofobia integram esta animação em *stop motion* realizada por Alain Ughetto e inspirada na experiência real dos avós. Passa-se na Itália sob o jugo de Mussolini. Por já não conseguir sustentar a família, um casal decide tentar melhor sorte em França. Mas recomeçar a vida com quatro filhos pequenos, sem posses, num lugar onde tudo lhes é estranho – e hostil – não é fácil. O filme recebeu vários galardões, entre eles o Prémio do Júri no Festival de Cinema de Animação de Annecy. Esta noite, vai à tela do ciclo de cinema ao ar livre da República 14, que prossegue daqui a uma semana com *Aqui*, de Bas Devos, e, dia 29, com *O Homem do Braço de Ouro*, de Otto Preminger.

FESTIVAL

Festival da Saudade

OURÉM Heliporto de Fátima. Dias 15/8 e 16/8, a partir das 16h. 25€ (dia), 35€ (passe)

Desta vez, a peregrinação é outra. Em Fátima aterram músicas que vão do fado de Mariza e Joana Amendoeira até à pop romântica de Tony e Mickael Carreira, passando pelo humor de Herman José e a fé do padre José Luís Borga. Orientado para os emigrantes que voltam a Portugal em Agosto, o novo festival quer "reflectir a rica identidade musical do país e proporcionar um ambiente acolhedor de regresso a casa", também com artistas locais, gastronomia e artesanato.

MÚSICA

O Sol da Caparica

COSTA DE CAPARICA Parque Urbano. De 15/8 a 16/8. 28€ (dia), excepto dia das crianças, a 3€; 78,50€ (passe)

Chegado à nona edição, o festival mantém-se à sombra da lusofonia e recebe Calema, Karetus, Celeste Mariposa, Fogo Fogo, Rui Veloso, Bateu Matou, Os Quatro e Meia, Xutos & Pontapés, Capicua, Linda Martini, HMB e muitos outros. Flui em quatro palcos, um deles com comédia a abrir e outro, o Almada, entregue a projectos locais. Cartaz em festivalosoldacaparica.pt.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Totoloto 5 29 42 47 49 10

1.º Prémio 2.400.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.523

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: **1 -** Relatório da ONU critica falta de "transparência e integridade" das eleições neste país. **2 -** Fileira. O maior pássaro nativo da Austrália. Memória de computador (de acesso aleatório). **3 -** Cabrito montês do Himalaia. Quinto imperador romano. **4 -** Onde greve de três dias leva a cancelamento de mais de 210 voos. **5 -** Dinastia chinesa (1368-1644). Personificação da guerra. **6 -** Chapa lisa de ferro, com que se arredonda o vidro, nas fábricas. Grécia (Internet). **7 -** Cálcio (s. q.). "(...) respira em território da Rússia", no Podcast P24. **8 -** Quadril. Antes do meio-dia. **9 -** Soberano. "O moço a dormir sara e o velho (...)". **10 -** Ameaçam paralisar tribunais durante Setembro inteiro. **11 -** Interjeição que exprime admiração. Toada doce.

Verticais: **1 -** Fruto deiscente das leguminosas. Fardo. **2 -** Ligação (fig.). (...) Khelif, Pugilista argelina, visou J.K. Rowling e Elon Musk em queixa-crime em França. **3 -** Venta. Rema em sentido contrário para retroceder. **4 -** Guindaste. Símbolo de decímetro. **5 -** Administre diligentemente. Ministério da Cultura. Eu te saúdo! (interj.). **6 -** A unidade. Guarnecera com abas. Sufixo nominal que traduz a ideia de semelhança ou origem. **7 -** O ente consciente. No caso de. A parte mais interior. **8 -** Fibra sintética poliamida. Confederação da Agricultura Portuguesa. **9 -** Ventilação. Anos de vida. **10 -** Discurso fastidioso. Ruminante bovídeo. **11 -** Chegar terra para o pé de uma árvore. Fundo lodoso do rio, mar, etc.

Solução do problema anterior:
Horizontais: 1 - Illa. Apenas. **2 -** Mais. Manelo. **3 -** PS. Caos. Tb. **4 -** Refez. Calor. **5 -** Eros. Il. Ura. **6 -** Benagil. **7 -** Sai. Oram. **8 -** Abajur. As. **9 -** OmegaPro. **10 -** Instala. ATP. **11 -** Maia. Alínea.
Verticais: 1 - Imprensa. Im. **2 -** Laser. Abana. **3 -** Li. Fobia. **4 -** Si. Ascese. Jota. **5 -** Az. Neuma. **6 -** Amo. IA. Rela. **7 -** Pascigo. Gal. **8 -** EN. Irra. **9 -** NE. Lula. Pan. **10 -** Altor. Marte. **11 -** Sobrar. Sopa.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										■	
2				■				■			
3						■	■				
4		■		■							
5					■						
6	■						■		■		
7			■								■
8					■			■		■	
9				■		■					
10		■									
11			■								

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Sul
Vul: EO

NORTE
♠J52
♥J32
♦AK7
♣8763

OESTE
♠AQ96
♥K7
♦J108
♣QJ95

ESTE
♠8743
♥96
♦Q962
♣1042

SUL
♠K10
♥AQ10854
♦543
♣AK

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♥
X	2♥	Passo	4♥
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de Bridge.
Carteio: Saída: Q♣. Qual o seu plano de jogo?
Solução: Assumindo que terá de conceder uma vaza a trunfo, tem para já nove vazas de jogo seguras. A décima cair-lhe-á nos braços em espadas, porque tem na sua posse KJ10 entre as duas mãos. A saída não compromete nada, ao contrário da saída a ouros, e temos de aproveitar bem enquanto temos dois tempos a ouros. O que não é nada evidente é que, se começar por jogar trunfo, perdendo a mão para os adversários, eles irão atacar ouros imediatamente e assim deixamos de ter tempo para vir a realizar uma vaza a espadas antes de a defesa conseguir as suas quatro vazas (o Rei de trunfo, um ouro e duas espadas). É fundamental trabalhar as espadas desde a primeira vaza: Ás de paus e depois o Rei de espadas (ou o 10, não faz diferença). Oeste prende e joga ouros para o Ás do morto, espadas novamente. O Rei de ouros ainda está no morto para garantir que teremos acesso ao Valete de espadas, que servirá para baldar o ouro perdente de Sul! De notar que, mesmo que a Dama de espadas estivesse em Este, fazer a passagem não nos traria nenhuma vaza suplementar.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
1ST	passo	?	

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠K106 ♥AQ10 ♦1095 ♣10954
Resposta: Uma coisa que desfavorece estes 9 pontos é a distribuição *"flat"* (4333), devemos normalmente subtrair um ponto por isso. Mas isso faz com que esta mão seja considerada má? Não, nada disso, ponha os olhos nas cartas intermédias! Um *poker* de 10, e ainda mais dois 9, faz com que esta mão cresça bastante, sobretudo sem trunfo! Nem convide, vá directamente para a partida.

Novos cursos de Bridge estão aí à porta, em Setembro e Outubro, com novos horários e em diferentes níveis, desde o zero até aos níveis mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de 10 professores, saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.810 (Fácil)

			5				4	
1	9		8				6	
			1	2				
			7	8	1	9	3	2
		9	4		5	6		
3	8	7	2	6	9			
				5	2			
	3				8		7	1
	4				7			

Solução 12.808

8	3	6	1	9	2	4	7	5
4	1	2	5	7	3	8	9	6
5	7	9	8	4	6	3	2	1
2	4	1	3	5	8	7	6	9
3	6	8	9	1	7	5	4	2
9	5	7	6	2	4	1	8	3
6	2	3	4	8	1	9	5	7
7	8	5	2	3	9	6	1	4
1	9	4	7	6	5	2	3	8

Problema 12.811 (Difícil)

				9			2	
	6	8	4			5		
				1				
		9			1		5	7
		7				3		
2	5		3			6		
				6				
		3			2	7	9	
	4			3				

Solução 12.809

2	4	9	5	3	8	1	7	6
8	7	1	9	2	6	4	5	3
3	6	5	4	1	7	2	9	8
1	8	3	7	9	2	6	4	5
5	2	7	6	4	3	8	1	9
4	9	6	1	8	5	7	3	2
7	1	2	3	6	9	5	8	4
9	5	8	2	7	4	3	6	1
6	3	4	8	5	1	9	2	7

P2 Verão

CINEMA

Jackpot!
Prime Video, *streaming*
Estreia. O ano é 2030. Há uma lotaria na Califórnia e uma lei que permite a qualquer pessoa que tenha ganho o prémio assassinar, até ao pôr do Sol, o vencedor, de modo a ficar com o dinheiro. Katie (Awkwafina), uma ex-actriz infantil que teve de cuidar da família longe dali, regressa a Los Angeles para tentar outra vez a sorte nesse meio. Não conhece a lotaria e, acidentalmente, torna-se ela a vencedora. É aí que se cruza com Noel (John Cena), um protector de vencedores da lotaria amador, que quer ajudá-la a manter-se viva até ao final do dia (e ficar com parte do prémio). Uma comédia de acção de Paul Feig, o criador da série *Freaks and Geeks – A Nova Geração* e realizador de filmes como *A Melhor Despedida de Solteira* ou *Spy*. Além de Awkwafina e John Cena, o elenco inclui Simu Liu, Dolly de Leon, Seann William Scott – *Southland Tales*, filme de Richard Kelly por ele protagonizado, é uma referência óbvia para esta distopia – ou o *rapper* MGK.

SÉRIES

Emily in Paris
Netflix, *streaming*
Estreia da quarta temporada. Regressa a série criada por Darren Starr (de *O Sexo e a Cidade*) em que Lily – filha de Phil – Collins é uma americana que de Chicago ruma a Paris para o seu emprego de sonho, numa empresa de moda local. Pelo caminho, conhece vários parisienses, apaixona-se e desapaixona-se, e é acusada de inúmeras coisas. É mesmo isso que se passa ao início desta quarta temporada: torna-se viral por o irmão de uma amiga a acusar, num vídeo nas redes sociais, de destruir uma família inteira, impedir o noivado dela e causar o caos.

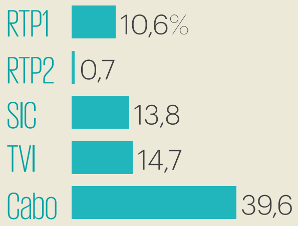
Hightown
TVCine Emotion, 22h10
Estreia da terceira temporada. Cape Cod, no estado de Massachusetts, é uma península nos Estados Unidos que atrai muitos turistas e pessoas ricas com segundas casas, especialmente no Verão. Fora de época, é esse o cenário desta série de crime criada por Rebecca Cutter com produção executiva de Jerry Bruckheimer que se centra numa agente do National Marine Fisheries Service, uma agência federal que regula os recursos marítimos naturais do país. Com problemas com drogas e álcool, a missão de Jackie Quiñones (Monica Raymund) se manter sóbria é interrompida quando se cruza com um caso de homicídio que está ligado à crise de opiáceos e ao crime organizado local.

Televisão

Os mais vistos da TV
Terça-feira, 13

		% Aud.	Share
Cacau	TVI	9,0	19,1
A Promessa	SIC	8,6	18,0
Jornal da Noite	SIC	8,3	18,2
Dilema - Especial	TVI	8,2	16,7
Telejornal	RTP1	6,7	15,5

FONTE: CAEM



RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Missa da Assunção da Virgem
Santa Maria **11.05** Festa do Emigrante **12.59** Jornal da Tarde
14.15 Hora da Sorte - Lotaria Popular **14.22** Amor sem Igual
15.19 Festa Emigrante **17.30** Portugal em Directo

19.07 O Preço Certo

19.59 Telejornal



21.01 Salto de Fé

21.39 Joker

22.38 Taskmaster

0.35 O Sol da Caparica

4.04 Grande Entrevista

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag
13.08 As Coisas Em Volta: A Vida Misteriosa dos Objectos
13.45 A Conversa dos Outros
14.17 As Caminhantes **15.11** A Fé dos Homens **15.44** Primeiro Estranha Depois Entranha **16.11** Águas Selvagens: Rios e Ribeiros
17.01 Espaço Zig Zag **20.38** Crias
20.42 Heróis de Verde**21.30** Jornal 2
22.01 O Veterinário deProvíncia
22.46 Folha de Sala **22.53** Os #Influencers da História

23.47 Sangue em Viena

0.35 Carlos Lopes - O Homem da Maratona



1.31 Prova Oral **2.48** 50 | 50 **4.00** Folha de Sala **4.06** Os Super Poderes da Música **5.00** O Olho: O Fascínio da Visão **5.53** Folha de Sala

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz
12.59 Primeiro Jornal **15.00** Feriadão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

0.00 Nazaré

0.40 Papel Principal - A Vingança

0.55 Travessia

1.35 Passadeira Vermelha

2.05 Cartaz **2.55** Volante
3.10 Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10
12.58 TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.35** A Sentença

15.25A Herdeira



16.30 Goucha

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.30 Dilema

22.10 Cacau

23.05 Festa É Festa **23.55** Dilema
2.00 Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

16.45 Missão de Resgate **18.30** Dead Shot — Vingança Solitária **20.00** Perseguição Mortal **21.30** Tubarão: O Demónio Negro **23.10** Drácula: O Despertar do Mal **1.05** GoodTime

STAR MOVIES

17.58 Equipa de Assalto **19.20** Sicário: Guerra de Cartéis **21.15** Perigoso **22.55** Triplo Nove **0.50** Orquídea Selvagem **2.41** O Ano do Dragão

HOLLYWOOD

15.17 O Amigo Gigante **17.12** Dune (2021) **19.47** Os Mercenários 2 **21.30** West Side Story (2021) **0.06** O Esquadrão Suicida (2021)) **2.14** Nascido Para Matar

AXN

16.26 SWAT: Força de Intervenção **18.00** The Rookie **21.07** Hudson & Rex **22.00** Alien: Covenant **0.15** O Passageiro Oculto

STAR CHANNEL

16.25 O Caçador e a Rainha do Gelo **18.19** Rambo II - A Vingança do Herói **20.02** Hunter Killer **22.15** Investigação Criminal: Hawai'i **23.04** Chicago P.D. **0.45** Magnum P.I. **2.10** Thor: The Dark World

DISNEY CHANNEL

16.30 Miraculous: As Aventuras de Ladybug **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY

16.24 Mestres do Restauro **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Oficina de Richard Hammond **22.54** Sin City Tow **23.54** Jóias Sobre Rodas

HISTÓRIA

16.07 O Inexplicável **19.38** Engenharia Antiga **22.15** Impérios da Antiguidade **0.11** Os Caçadores de Mistérios **3.33** Loucos, Ricos e Históricos

ODISSEIA

16.15 Planeta Verde **18.51** O Veterinário Bizarro **19.35** Mascotes com as Patas Partidas **20.04** Loucos Pelos Cães de Raça Pug **20.49** Cães da Neve **21.41** O Meu Cão Gay e Outros Animais **22.31**Por Amor aos Cães

O Veterinário de Província
RTP2, 22h01
Estreia da segunda temporada. Mais uma leva de episódios desta série britânica baseada nos livros de James Herriot, por sua vez inspirados na própria vida do autor, que foi veterinário sob o nome Alf Wight. É um veterinário acabado de se formar em Glasgow que ruma à área de Yorkshire Dales, no Norte de Inglaterra, para começar a carreira entre os animais dos agricultores locais.

DOCUMENTÁRIO

Os #Influencers da História
RTP2, 22h53
Estreia. Seguindo figuras como Marilyn Monroe, Martin Luther King, Jr., Frida Kahlo ou Andy Warhol, esta série documental de 2022 dividida em quatro episódios olha para as vidas de vários ícones. Chama-lhes "*influencers* da História" e usa especialistas para explicar o que é que os tirou da obscuridade.

TALK SHOW

Saia Justa
Globo, 24h
Estreia. Desde 2002 no ar, este *talk show* já foi apresentado por Fernanda Young, Mônica Waldvogel, Marisa Orth e Rita Lee. Agora, na 24.ª temporada, tem Eliana, Bela Gil, Rita Batista e Tati Machado.

MÚSICA

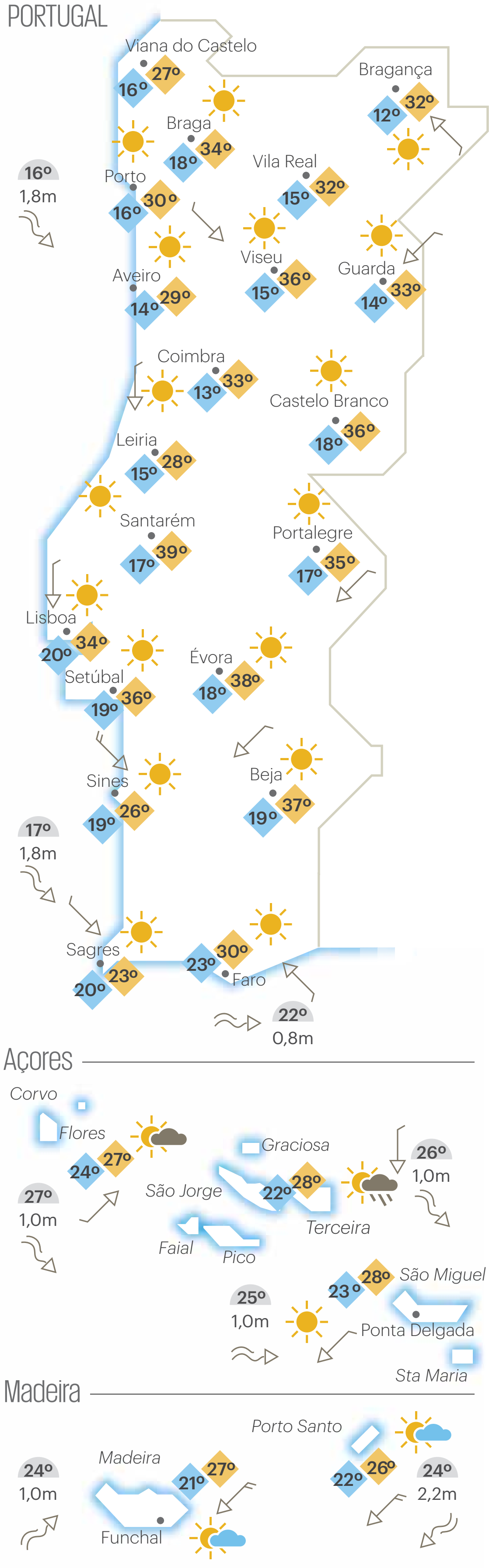
O Sol da Caparica
RTP1, 00h35
Até domingo, o festival dedicado à música lusófona toma conta da Caparica. No cartaz deste primeiro dia surgem nomes como Chico da Tina, Calema, Fogo-Fogo, Irma, Inês Bispo ou Karetus.

INFANTIL

Dragon Ball: A Lenda de Shenron
Panda Kids, 23h
Datado de 1986, este foi o primeiro filme da saga *Dragon Ball*, a criação de Akira Toriyama. Estreou-se logo no ano em que a série *anime* arrancou. Adapta, com algumas modificações, a primeira história contada na *manga*. Mostra como Son Goku conheceu Bulma, Oolong, Yamcha, Puar ou Tartaruga Genial.

Meteorologia

PORTUGAL



MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 05h46	1,5	Baixa-mar 05h24	1,6	Baixa-mar 05h13	1,5
Preia-mar 12h07	2,6	Preia-mar 11h47	2,7	Preia-mar 11h50	2,6
Baixa-mar 18h33	1,4	Baixa-mar 18h15	1,5	Baixa-mar 18h08	1,4
Preia-mar 00h46*	2,6	Preia-mar 00h25*	2,6	Preia-mar 00h25*	2,6

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Sexta-feira, 16	Sábado, 17	Domingo, 18
Mín. / Máx.	21º / 35º	19º / 30º	19º / 30º
Índice UV	M. alto	M. alto	M. alto
Vento	Fraco	Moderado	Moderado
Humidade	57%	77%	69%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 4 Ago.	424,18
Há um ano	420,16
Há dez anos	397,93
Semana de 28 Jul.	424,88
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

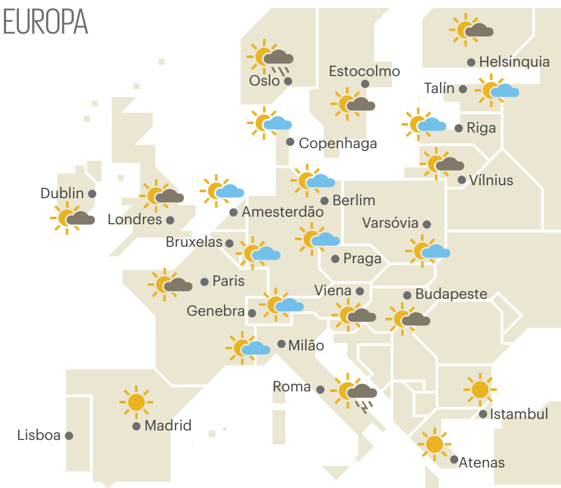
Nascente 06h51
Poente 20h30

LUA

- 19 Ago. 19h26
- 26 Ago. 10h28
- 3 Set. 02h55
- 11 Set. 07h06

Nascente 17h40
Poente 02h32*
*de amanhã

EUROPA



TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.
Amesterdão	18	24
Atenas	27	36
Berlim	18	28
Bruxelas	17	26
Bucareste	20	38
Budapeste	22	36
Copenhaga	17	24
Dublin	10	20
Estocolmo	16	26
Frankfurt	18	29
Genebra	18	30
Istambul	22	32
Kiev	16	28
Londres	18	24
Madrid	18	32
Milão	22	34
Moscovo	11	23
Oslo	15	20
Paris	16	27
Praga	18	30

	Mín.	Máx.
Roma	22	35
Viena	21	33
Bissau	26	29
Buenos Aires	9	18
Cairo	26	38
Caracas	20	30
Cid. do Cabo	8	18
Cid. do México	15	24
Díli	21	31
Hong Kong	26	30
Jerusalém	21	32
Los Angeles	18	31
Luanda	20	26
Nova Deli	27	33
Nova Iorque	21	30
Pequim	23	31
Praia	25	30
Rio de Janeiro	18	27
Riga	16	27
Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

BARTOON LUÍS AFONSO



Tarefa urgente: acabar com o Serviço Nacional de Espantalhos

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares


FOTÓGRAFO

Sempre que a direita ascende ao poder em Portugal, e o tema é o Serviço Nacional de Saúde, a esquerda invariavelmente acusa a direita de uma de duas coisas: 1) querer destruir o SNS; 2) querer privatizar o SNS. A opção "querer salvar o SNS", "querer reorganizar o SNS" ou simplesmente "querer que o raio do SNS funcione" deixou de estar disponível no menu político para 2024.

No domingo, Luís Marques Mendes afirmou que o sector da saúde estava a precisar de um pacto de regime. O Presidente da República concordou. O deputado do PS João Paulo Correia foi convidado a pronunciar-se sobre o tema. Disse ele, com a previsibilidade de um relógio de cuco socialista: "Não podemos aceitar um pacto de regime que sirva para desviar recursos para o privado. O PS olha para o privado como uma complementaridade e não como substituição." Cá está: eis a malvada direita a preparar-se para desmantelar o SNS e oferecer os seus despojos ao grande capital.

A haver um pacto de regime, talvez o mais importante de todos seja este: acabar com o Serviço Nacional de Espantalhos (SNE), porque não vejo forma de salvar o SNS sem primeiro matar o SNE. A falácia do espantalho é uma verdadeira indústria em Portugal. Ela consiste em distorcer a posição de um adversário político para depois combater uma ideia que jamais foi defendida por ele. O Luís defende o argumento X, e o Pedro ataca o argumento Y como se fosse X. As críticas da esquerda à posição da direita sobre o SNS são espantalhos atrás de espantalhos, alguns com 45 anos de idade.

> **Nesta terra nunca há melhorias progressivas, nem avanços incrementais – há apenas pessoas muito más que são substituídas por pessoas muito boas**

Há razões históricas que nos estão sempre a enfiar goela abaixo. Já ouvimos mil e uma vezes que o pai do SNS é o socialista António Arnaut, e que em 1979 o PSD e o CDS votaram malvadamente contra a Lei de Bases do Serviço Nacional de Saúde, o *Big Bang* de todas as coisas boas que nos aconteceram desde então. Antes disso, parece que não existia nada de nada, e eu próprio nem sei como nasci numa maternidade em 1973, tendo em conta que os cuidados de saúde em Portugal para as classes médias e baixas só começaram em 1979, graças à Revolução, ao PCP, à UDP e sobretudo ao PS de António Arnaut, que não sei se sabem, é o pai do SNS.

Se acaso alguém vier recordar que a ADSE foi fundada em 1963; que Marcello Caetano deu passos decisivos para o estabelecimento de um Estado providência; ou que Cavaco Silva e Leonor Beleza foram fundamentais na construção do actual SNS; então esse alguém só pode ser fascista ou saudosista do Estado Novo. Nesta terra nunca há melhorias progressivas, nem avanços incrementais – há apenas pessoas muito más que são substituídas por pessoas muito boas.

Daí que 50 anos após Abril continuemos a ter as discussões de sempre. Leiam as actas do debate parlamentar de 79. Ninguém estava contra o SNS. O PSD começou por se abster na generalidade, e votou contra a versão final da lei por considerar que todas as suas propostas de melhoria foram ignoradas. A direita acusou a esquerda de estar a promover a "total estatização do SNS" e a impedir uma "correcta articulação do sector público com o sector privado". Um deputado do CDS disse a António Arnaut: "Não se sinta dono da democracia, nem dono da defesa dos interesses do povo."

Passaram 45 anos. O debate não saiu do mesmo sítio. O PS continua a sentir-se dono da democracia e dono da defesa dos interesses do povo. O Serviço Nacional de Espantalhos está de excelente saúde. E a agonia do SNS, como é óbvio, só pode ser culpa da direita.

Colunista

jmtavares@outlook.com

12523
5 601073 016056